J. Carlos

Memórias d'*O Tico-Tico*

Pesquisa e texto
Athos Eichler Cardoso

Juquinha, Giby e *Miss* Shocking

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL
Volume 123

Memórias d'*O Tico-Tico*

Juquinha, Giby e *Miss* Shocking

EDIÇÃO DO
SENADO FEDERAL
VOL.123

*Memórias d'*O Tico-Tico
Projeto gráfico e capa: Josias Wanzeller da Silva

Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
(61) 3303-3575 / 3303-3576 / Fax: (61) 3303-4258
e-mail: cedit@senado.gov.br
http://www.senado.gov.br/web/publicacoes/conselho
e-mail: *livros@senado.gov.br*
Livraria virtual: www.senado.gov.br/catalogo

ISBN: 978-85-7018-496-2

Cardoso, Athos Eichler.

Memórias d'O *Tico-Tico* Juquinha, Giby e *Miss* Shocking. Quadrinhos brasileiros 1884 – 1950; pesquisa e texto Athos Eichler Cardoso. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.
208 p. il.

1. História em quadrnhos, Brasil. I. Cardoso, Athos Eichler. II. Título.

CDD 809.0222

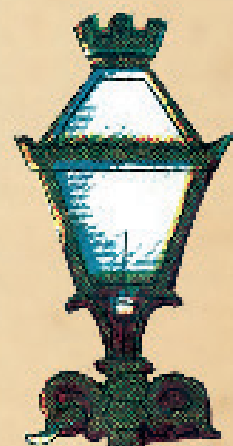
J. Carlos

Memórias d'*O Tico-Tico*

Pesquisa e texto
Athos Eichler Cardoso

Juquinha, Giby e *Miss* Shocking

Edições do Senado Federal
Volume 123

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

Este álbum é dedicado à memória de *Sólon Leontsinis*.

Humanista, *causeur* erudito, bem-humorado e sem ostentação *Sólon* era principalmente um amigo excelente. Tão sábio e simples, deu-me ao ler sua biografia uma grande lição de vida: a modéstia.

Seu irmão, a quem conheci num sebo nos bons tempos em que se dispensavam os computadores e a idade me permitia identificar, sem esforço visual, os livros nas prateleiras lá em cima ou agachar-me com facilidade para garimpar nas de baixo, falou-me dele.

Encontrei *Sólon* pela primeira vez na pequena banca, montada todos os domingos no jardim do *Passeio Público*, na *Cinelândia*, onde era popular entre os frequentadores, igualmente adictos do saudável vício de colecionar cartões-postais, estampas eucalol, livros, revistas, álbuns, tudo antigo e... histórias em quadrinhos.

Foi extremamente gentil comigo da mesma forma que era com todos os que dele se acercavam.

Pela nossa conversa intermitente, todas às vezes que ia ao Rio, procurava-o no Passeio Público, fiquei conhecendo o lado erudito que mostrava, entre outras facetas, a de ser professor jubilado do Museu da Quinta da Boa Vista, conselheiro da antiga Funai e, muito tempo depois, soube que redigira a parte de verbetes de Zoologia do *Novo Aurélio*.

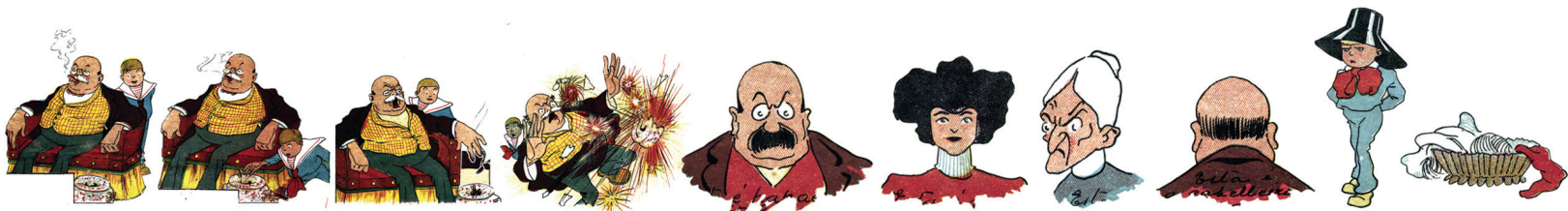
Isso tudo era apenas a ponta do iceberg que estava submerso debaixo do oceano da despretensão desse grande brasileiro.

Lendo sua biografia póstuma, soube admirado, mas não surpreendido, da sua brilhante e inquieta passagem pela vida, "*sempre a guiar-se pelo novo*" na expressão feliz do biógrafo.

Primeiro lugar em odontologia na Universidade do Brasil, na década de 40. Nos anos 50, atraído pela História Natural, dedicou-se ao magistério. Foi professor, entre outros, no colégio Pedro II.

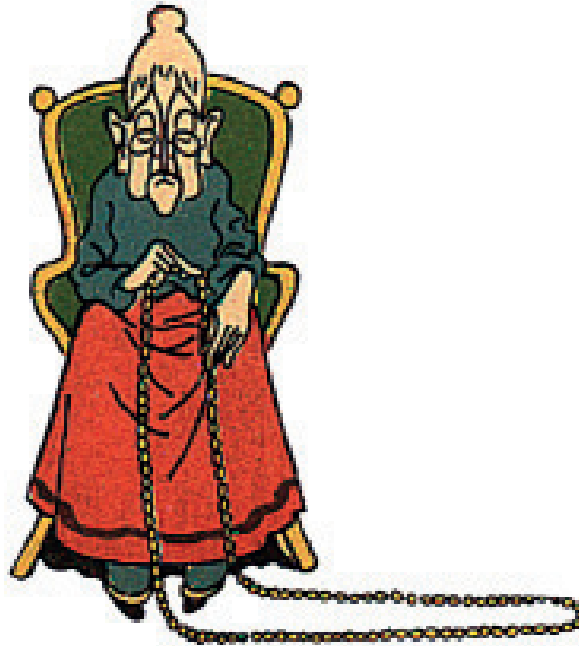
Concursado, entregou-se à Divisão de Educação, do Museu Nacional, onde, além de trabalho intenso, foi professor do mestrado e por duas vezes vice-diretor.

Nos anos 60, foi catedrático de História Natural do Instituto de Educação que veio a dirigir. Bolsista de Museologia no Musée de L'Homme em Paris, estagiou no Departamento de Antropologia Física do Conselho Britânico, percorrendo os principais museus da Escócia e País de Gales. Dirigiu a Escola Americana do Rio; foi um dos fundadores das Universidades Gama Filho e Celso Lisboa.

Reconhecido especialista e colecionador de histórias em quadrinhos, fez a introdução do álbum da EBAL, comemorativo dos 50 anos de

fundação do Suplemento Juvenil, lançado em 1984. No segundo andar de sua bela residência no Caminho do Corcovado, enfileiravam-se estantes com o que havia de melhor não só em matéria de revistas e álbuns antigos de quadrinhos nacionais e estrangeiros como outras de cultura geral ou especializadas em geografia, antropologia, história, cinema, arte, caricaturas e humor. Estampas, fotografias e documentos antigos, enfim o que se costuma chamar hoje de *memorabilia*, tudo selecionado pelo bom gosto e conhecimento do colecionador.

Sólon Leontsinis, atendendo a pedido nosso, confiou ao Senado Federal – na pessoa do vice-presidente do Conselho Editorial do Senado Federal, Joaquim Campelo Marques, também seu amigo – os raros e valiosos noventa e sete primeiros exemplares d'*O Tico-Tico* para digitalização.

Descendente de gregos, nasceu no Rio de Janeiro em 1928, onde faleceu em 2005.

Nas estrelas para onde você viajou, Sólon, muito obrigado, pela confiança e ajuda inestimável na publicação d'*O Juquinha*. Este álbum também é seu.

AGRADECIMENTOS

Trabalhando em equipe toda a minha vida, estou convicto de que nada se faz sem a contribuição, direta ou indireta, de outrem. Por isso não me furto em agradecer a todos que colaboraram neste trabalho e dos quais uma maioria ficará no anonimato.

A *Norma Leontsinis* pelo carinho com que sempre me recebeu e alimentou na hospitaleira e encantadora residência no Caminho do Corcovado.

Ao senhor *Eduardo Augusto de Brito Cunha*, filho do saudoso ilustrador *J. Carlos*, que gentilmente abriu mão dos direitos autorais para a publicação deste álbum pelo Senado Federal.

Ao Vice-Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal, *Joaquim Campelo Marques*, pelo apoio, a sincera amizade, os exemplos de trabalho permanente pela divulgação das coisas brasileiras, o bom humor e combatividade diante das dificuldades.

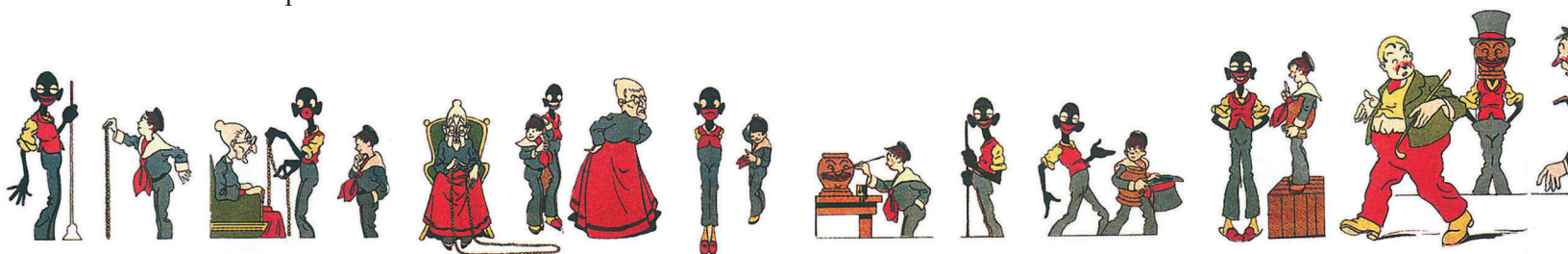
Ao *Jô de Oliveira*, de profundas raízes no imaginário brasileiro, com traço inconfundível e que veio aliar à causa do Juquinha seu prestígio internacional.

Ao pensador e escritor, professor *Muniz Sodré*, diretor da Fundação da Biblioteca Nacional, cujas teorias sobre a literatura de massa embasaram minha dissertação de mestrado na UnB e com carinho liberou as ilustrações que nos faltavam para completar este álbum.

Ao meu parceiro, na construção deste trabalho, *Josias Wanzeller da Silva*. Sem o seu apoio, sugestões, incentivo e até cobranças mútuas não sei se teríamos levado a cabo o texto e a seleção das imagens desta pesquisa. Estou certo que o projeto gráfico por ele realizado estará à altura dos desenhos de J. Carlos.

Aos amigos da equipe de retaguarda, *Marco Aurélio Nascimento*, *J. Alvares* e *Regina Lucia Sousa Rodrigues*. O primeiro, encarregado da digitalização, e os seguintes pelo tratamento delas e a todos os demais artistas, técnicos e dirigentes da Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal que nunca negaram esforços para a edição desta obra.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional, a começar pela equipe da Coordenadoria de Publicação Seriadas, na pessoa de sua ex-chefe *Maria Angélica Brandão Varela* e na da atual, *Carla Rossana Chianello Ramos* que muito me apoiaram no levantamento da coleção d'O *Tico-Tico* e outras revistas de literatura de massa.

Ao chefe do Setor de Digitalização, *Cláudio de Carvalho Xavier*, e seu ajudante, braço direito, *Paulo Leonardo da Costa* pelo cuidadoso trabalho realizado em revistas cujo manuseio é bastante difícil diante do estado em que se encontram.

Ao *José Augusto Gonçalves* da Divisão de Informação Documental, jornalista e pesquisador, cuja inteligência, experiência e espírito de colaboração estiveram sempre presentes nas minhas solicitações. Durante os vários e rápidos contatos que tivemos ao longo dos anos, demonstrou grande interesse pela conclusão desta e outras pesquisas em que estou empenhado e sabe necessitar do apoio e contribuição daqueles que, em pontos chaves, estão envolvidos com a cultura nacional.

Ao *Jorge Luiz dos Santos*, bibliotecário, pela gentil atenção dispensada no balcão de pedidos. Ao *Jorge Rodrigues Reis* e *Luis Claudio Ferreira Veloso*, auxiliares da biblioteca, pela amabilidade e os quilômetros percorridos entre o elevador e a mesa 34, levando e trazendo os volumes d'*O Tico-Tico*, durante os oito anos a que ali compareci, deixando as manhãs ensolaradas do calçadão do Leblon .

Ao bibliotecário *Fernando Silva*, chefe da Seção de Livros Raros da Biblioteca da UnB, pela colaboração entusiasmada com que aderiu à causa do *Juquinha*, fornecendo as ilustrações d'*O Malho*.

À *Edina*, pelo apoio que nunca me faltou, nesta e em todas as iniciativas culturais da minha vida. Obrigado, também, pela paciência com o *Juquinha* que circulou pelas mesas do apartamento esse tempo todo.

APRESENTAÇÃO

Juquinha e seu amigo Giby,

Fiquei muito feliz com este livro que o Athos Eichler Cardoso está lançando: *Juquinha, Giby e Miss Shocking.* Trata-se de uma longa pesquisa por ele realizada e que ficou à altura do seu outro magnífico livro – *As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora. Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros 1869-1883* – lançado em 2002, pelo Senado Federal.

A minha felicidade advém da afirmação que o Athos faz e comprova de que o primeiro personagem das histórias em quadrinhos tupiniquim não é aquela figura alienígena do tal Chiquinho. Pode ser que para os desavisados e até mesmo para aqueles que não dão muita importância à figuração narrativa ou às histórias em quadrinhos essa descoberta ou constatação não seja tão importante.

Afirmo que para mim e para as torcidas do Flamengo e do Corinthians faz muita diferença.

Era muito constrangedor admitir que um personagem estrangeiro, copiado e decalcado em papel manteiga fosse o nosso primeiro herói infantil dos quadrinhos. Assim está decidido e provado que Juquinha é o nosso primeiro personagem e Giby, seu companheiro, é o segundo.

Olhando a presente revitalização de Juquinha e Giby, sob a ótica universal, vamos observar, sem ufanismo, que essas criações brasileiras estão capacitadas, sem favor algum, a ocuparem os lugares que merecem em qualquer enciclopédia de quadrinhos.

Se o Juquinha vem, considerando as mais conhecidas, precedido por uma vintena de séries americanas, inglesas e francesas tais como *Weary Willie e Tired Tim*, *Katzenjammer Kids*, *Little Tiger*, *Foxy Grandpa*, *Happy Hooligan*, *Buster Brown*, *Alphonse e Gaston*, *The Newleeds*, *Little Sammy Sneeze*, *Little Jimmy*, *Little Nemo in Sumberland*, *Becassine* e outras, é também verdade que ele antecede o aparecimento de *Hairbreadth Harry*, *Mutt* e *Jeff*, *Les Pieds Nicklés*, *Pafúncio* e uma multidão famosa de outras criaturas de papel. Quanto a Giby, embora coadjuvante, ocupa lugar destacado entre as poucas personagens negras do gênero. Sabe-se que o primeiro deles é Poor Lil' Mose, o afro-americano, criado por Richard Outcault em 2 de dezembro de 1900.

Giby, de 1907, surge antes de Bilbolbul, o negro africano protagonista da série criada por Attilio Mussino, italiano, um dos grandes ilustradores de Pinocchio, que o imortalizou em cerca de 50 painéis com efeitos gráficos surrealistas, nas páginas do *Corriere Del Piccoli*, a partir de dezembro de 1908.

Juquinha e Giby são criações do genial desenhista carioca José Carlos de Brito Cunha, o nosso J. Carlos. Leia e tire suas conclusões.

J. Carlos era um artista autodidata que resolveu abandonar os seus estudos no prestigiado Colégio São Bento para ingressar, ainda muito jovem, na carreira de ilustrador de revistas. Isso aconteceu em 1902, no Rio de Janeiro, então capital do país. Durante 48 anos foi o desenhista mais famoso do nosso Brasil. E, talvez, até hoje, nenhum outro artista jamais o alcançou no patamar da fama. Trabalhou incansavelmente para as mais importantes revistas brasileiras da primeira metade do século XX.

Além disso, foi também editor, compositor de música popular, diretor de teatro, ilustrador de livros e autor de livros infantis. A sua maneira de desenhar era influenciada pela *Art nouveau*, estilo muito em voga no começo do século passado. Pouco depois, seu estilo foi se depurando e já com forte influência da *Art-Déco*, seus trabalhos se enchem de linhas curvas, cheias de graciosidade, em composições harmoniosas e precisas. Esse aprimoramento fez dele um artista muito popular, que, com o passar dos anos, se tornou o mais admirado e reconhecido por todos como o mestre do lápis.

A constatação de que pertence a esse grande artista a paternidade de Juquinha e Giby, além de confortante, passa a ser motivo de orgulho para todos nós, amantes dos quadrinhos. O lamentável é que, mesmo com todos esses predicados, a obra de J. Carlos ainda seja praticamente desconhecida das novas gerações. E elas nem sabem o que estão perdendo...

Aproveito para parabenizar Athos por mais este trabalho de fôlego e dar boas-vindas para o Juquinha e o Giby que agora ocupam lugar certo na história dos nossos quadrinhos.

Jô Oliveira

Brasília, maio de 2009

Introdução

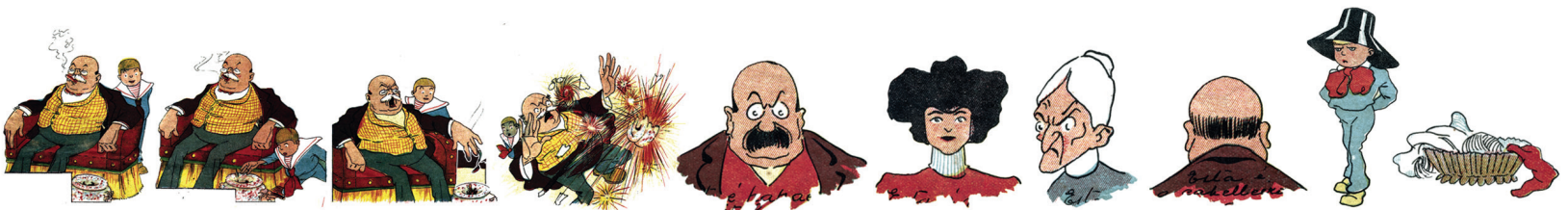
Este álbum destina-se a apresentar a obra de J. Carlos na sua primeira incursão como desenhista de quadrinhos. Iniciada na revista *O Malho*, em 8 de julho de 1905, continuou n'*O Tico-Tico* a partir de 11 de outubro do mesmo ano até 27 de dezembro de 1907.

Após cinco anos, J. Carlos retornou aos quadrinhos em 4 de dezembro de 1912 na revista *O Juquinha* e ali encerrou essa primeira fase, intermitente, em 23 de abril de 1913.

Aqui o leitor conhecerá a quase totalidade da sua produção, a maioria inédita, com ênfase na série *O Talento de Juquinha*.

José Carlos de Brito e Cunha, mais conhecido como J. Carlos, nasceu no Rio de Janeiro, em 18 de junho de 1884 e faleceu em 2 de outubro de 1950. Começou n'O *Tagarela* em 23 de agosto de 1902, trabalhando em todas as principais revistas brasileiras do seu tempo. Junto com Raul e K. Lixto, dois desenhistas, sendo K. Lixto considerado um dos príncipes da caricatura brasileira.

J. Carlos criou o Juquinha em 14 de fevereiro de 1906, nas páginas d'*O Tico-Tico*, da empresa *O Malho*. Primeiro herói nacional dos quadrinhos infantis, iniciou uma série de nove, criados pelo grande artista.

Giby, o segundo do gênero, é o primeiro afro-brasileiro, companheiro e vítima das travessuras de Juquinha, publicado na mesma revista, a

partir de 16 de outubro de 1907. No final de dezembro desse ano, o criador e as criaturas afastaram-se d'O *Tico-Tico*.

J. Carlos abandonou O *Malho* para ser diretor artístico da *Careta*, outro semanário que surgia, pertencente à editora Kosmos.

Em dezembro de 1912, ajudou a fundar a revista O *Juquinha*, na qual ressurgiu com Juquinha e Giby, afastando-se dela antes da extinção do semanário, em julho de 1913.

Voltou a desenhar para O *Tico-Tico* doze anos mais tarde, em 17 de dezembro de 1919, com o pseudônimo de Nicolao, para apresentar *Carrapicho e seu filho Jujuba*, série que durou largo tempo.

Causa espanto verificar que em 2005, por ocasião do centenário d'O *Tico-Tico*, considerado patrimônio cultural e festejado pelos intelectuais e pela universidade brasileira, Juquinha e Giby, personagens com o *status* de pioneiras nele publicadas, passaram quase despercebidas.

Para atestar o pouco valor dado a Juquinha e Giby, é válido citar como testemunhas as duas publicações mais importantes na época dos festejos.

Na mais volumosa, 14 especialistas, alguns idosos, escreveram e depuseram sobre O *Tico-Tico* em 253 páginas de texto e ilustrações. Fazendo assim uma análise cultural minuciosa da revista.

Os acadêmicos e jornalistas, com raras exceções, mencionaram ou comentaram a dupla em uma ou duas linhas.

Esse comportamento crítico contrastou com a atenção dada ao Chiquinho que até 1916 não passou de um decalque e se tornou o principal astro d'O *Tico-Tico*, desde a fundação do semanário até o seu fim em 1958.

Os pesquisadores inflacionaram o assunto Chiquinho, dedicando-lhe quatro dos vinte e sete capítulos da obra. Isso tudo fora os inúmeros co-

mentários e ilustrações que pipocaram nas demais páginas.

Quanto ao Juquinha, salvo no prefácio onde o nosso maior conhecedor de literatura de massa, Sérgio Augusto, colocou-o em destaque numa ilustração, apareceu em uma outra, aleatória, numa capa do Almanaque d'*O Tico-Tico* de 1907, bastante descaracterizado pelo traço de Lobão.

Juquinha e Giby foram lembrados de maneira positiva por Roberto Elísio dos Santos, embasado em trechos de Câmara Cascudo.

Na segunda obra, de 149 páginas, os redatores foram mais generosos. A cabeça de Juquinha, desenhada por J. Carlos, surge discretamente na capa reproduzida de um exemplar d'*O Tico-Tico* de 1906.

Moacy Cirne, coordenador e companheiro das jornadas de quadrinhos da Intercom, é o responsável pela maior homenagem ao herói, fazendo publicar uma boa imagem do Juquinha, citando suas aparições na revista homônima e incluindo até uma página de suas aventuras na série *O Talento de Juquinha*.

Outras citações elogiosas são de Câmara Cascudo e Herman Lima.

Não aparece sequer uma única ilustração de Giby nos dois álbuns.

Há dois motivos que explicam a falta de informações sobre Juquinha e Giby nessas obras.

O primeiro é o evidente conhecimento superficial das personagens Juquinha e Giby, compreensível e justificado pela extrema raridade dos números iniciais tanto d'*O Tico-Tico* como daquelas denominadas *O Juquinha* e suas respectivas coleções. No caso da segunda revista com o nome *O Juquinha*, publicada em 1922, a raridade é tanta que só foi possível tomar conhecimento de sua existência pela publicidade nas revistas *Pelo Mundo* e *Impéria* que pertenciam a Empresa de Publicações Modernas, a mesma que editava *O Juquinha*.

O segundo, mais danoso e sutil, foi a recordação de infância do poeta Carlos Drummond de Andrade, aos 53 anos, em duas linhas da crônica intitulada *Um passarinho*, publicada no *Correio da Manhã*, em 11 de outubro de 1955.

As linhas equivocadas de Drummond informaram que Juquinha não havia pegado, o que na linguagem coloquial do grande poeta significava que ele não fora levado a sério, não criara raízes, em suma, não tivera sucesso junto aos leitores.

Ora, a crônica de Drummond sobre *O Tico-Tico*, várias vezes publicada ao longo do tempo, acabou consagrada como um todo e, pela beleza e evocação do texto, considerada antológica.

A afirmação do poeta, repetida várias vezes nas citações dos estudiosos, acabou por transformar o equívoco, originado da pena de gente tão famosa, em verdade absoluta: Juquinha não tinha pegado!

Em consequência, o desinteresse pela personagem alastrou-se e perpetuou-se, apoiado na lei do menor esforço.

Para que pesquisar esse herói tão difícil de localizar, pensaram os interessados, se Drummond afirmou que ele não havia "*pegado*"?

Sem pesquisa, Juquinha permaneceu desconhecido, enquanto o discurso de Drummond tornou-se cada vez mais popular entre os estudiosos, constituindo-se uma pesquisa em si próprio.

Drummond *dixit*...

Assim, Juquinha foi condenado se não ao ostracismo, pelo menos a um limbo de onde é resgatado agora.

Giby, o primeiro herói afro-brasileiro do gênero, coadjuvante e vítima das travessuras de Juquinha, esquecido seu cruel mentor, seguiu o mesmo destino.

Aproveita-se a oportunidade para quebrar a tradição dessa barreira crítica, criada inadvertidamente pelo poeta e o círculo vicioso que ocasionou. Esclarecer a questão do lugar que compete a Juquinha e Giby na historiografia dos quadrinhos brasileiros em definitivo, dando-lhes o valor que merecem.

Na crônica antológica, Drummond fez um encantador resumo da vida d'O *Tico-Tico*. Ao analisá-la é preciso levar em conta que o poeta maior, aos 53 anos, não era especialista em quadrinhos e baseou-se na memória ou pesquisa sumária para as considerações feitas, onde só falhou no julgamento de Juquinha. Eis aqui a crônica do poeta.

UM PASSARINHO

"Contaram-me de um sujeito que ia a todos os leilões, enterros e comemorações de feriado nacional; e como lhe perguntassem porque era frequentador assíduo de tais lugares e cerimônias, respondeu: 'Não tenho nada com isso, não; vim por conta da minha infância'.

"Ele procurava sempre a si mesmo e encontrava-se um pouco na imagem das pessoas e objetos antigos.

"As pessoas (de reumatismo) que hoje festejam Chiquinho estão na realidade festejando o Chiquinho que elas foram, há 50 ou 30 anos passados, quando O Tico-Tico *era a única revista dedicada às crianças brasileiras e lhes dava tudo: histórias, adivinhações, prêmios de dez mil réis, lições de coisas, páginas de armar e principalmente de aventuras – esse desdobramento e multiplicação da personalidade que nos fazia sofrer na carne os apertos de Robinson na ilha deserta ou os sustos de Gulliver no país dos gigantes.*

O Tico-Tico *era de fato a segunda vida dos meninos do começo do*

século, o cenário maior em que nos inseríamos para fugir à condição escrava de falsos marinheiros, trajados dominicalmente com o uniforme, porém sem navio, que nos subtraísse ao poderio dos pais, dos tios e da escola. E era também muito de escola disfarçada em brincadeira.

'Todos amam as crianças, não há poeta que não celebre a sua inocência e a sua beleza... Entretanto, caso estranho! Nada se faz em favor delas, para diverti-las, para distrair e encantar sua existência. Não organizamos festas alegres, em que elas possam folgar e rir em liberdade; e não lhe damos uma literatura especial, simples, ingênua, ao alcance da sua inteligência.' Isso dizia O Tico-Tico *em seu primeiro número; e por aí se pode ter idéia da condição infantil em 1905, na nossa terra.*

"Chiquinho, o sonso, foi uma revelação. Era produto americano an obnoxius little wise-acre capable of mischief but he had a heart of gold *– mas ficou brasileiro por decalque das gravuras e aclimatação moral, com o auxílio de Benjamim, este, cria nacional autêntica. Juquinha, lançado pouco depois, não pegou, e sua irmã Lili foi incorporada ao time de Chiquinho, como prima dele. Vieram Zé Macaco e seu aeroburro, a sufragista Faustina, Baratinha, o esplêndido Dr. Kaximbown, o capitão Farragon, que desembarcava do navio montado num jacaré a quem prometera uma boa gorjeta, e com um tesourão de alfaiate fazia picadinho de cobra à baiana. Os filhos dos primeiros leitores, por sua vez, conheceram Jujuba, Carrapicho, Goiabada e Lamparina, que J. Carlos, notável criador de tipos, acrescentou à série primitiva. Essas figuras existiram de fato, na medida em que os guris com elas se familiarizaram e viveram suas histórias. Em contraste com a irrealidade do mundo político brasileiro, em que muitos homens públicos não acreditaram nem faziam acreditar nos princípios que diziam defender, nossos caricaturis-*

tas povoaram a vida infantil de companheiros que a saudade ressuscita com a nitidez de seres reais.

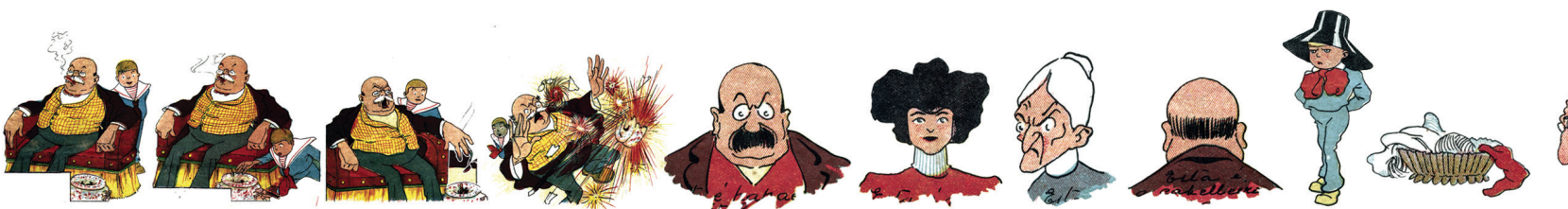
"Uma pesquisa em regra na coleção do Tico-Tico *indicaria a gênese de inúmeras vocações literárias e jornalísticas manifestadas de 1920 para cá. Folheando ao acaso seus primeiros números, fui encontrar um recado ao romancista Cornélio Pena, então garoto em Campinas, que podia mandar receber o seu prêmio na redação; o poeta mineiro Djalma de Andrade assinava talvez os seus primeiros versos: Mãe; Lincoln de Souza, hoje o grande repórter dos xavantes, assinava um monólogo; José Augusto de Lima, ou Pequetito, pedia notícias de Chiquinho. Grandes nomes que encheriam a vida do país, em todos os setores, iam surgindo depois.*

"O Tico-Tico *é pai e avô de muita gente importante. Se uns alcançaram importância, mas fizeram bobagens,* O Tico-Tico *não teve culpa. O Dr. Sabe-Tudo e o Vovô ensinaram sempre a maneira correta de viver, de sentar-se à mesa, de servir à pátria. E da remota infância, esse passarinho gentil voa até nós, trazendo no bico o melhor do que fomos um dia. Obrigado, amigo!"*

Para se entender o engano causado por Drummond e dos pesquisadores que o levaram em consideração, é conveniente comparar a biografia do poeta com a de Juquinha.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro, MG, em 31 de outubro de 1902. O Juquinha nasceu no Rio de Janeiro, em 14 de fevereiro de 1906 quando Drummond tinha 3 anos, 3 meses e 15 dias de idade.

As apresentações de Juquinha encerraram-se n'O *Tico-Tico* em 25 de dezembro de 1907, o poeta estava então com 5 anos e dois meses de idade.

Filho de fazendeiro em decadência, com menos de 7 anos e meio,

inicia o curso primário em Belo Horizonte em 1910. Juquinha só retorna à revista homônima em 4 de dezembro de 1912, quando Drummond, com mais de 10 anos de idade, provavelmente está lendo revistas infantis como *O Juquinha* e *O Tico-Tico*.

A revista *O Juquinha* integrou-se n'*O Tico-Tico* em julho de 1913 sem levar o personagem que desapareceu de cena definitivamente.

Que Drummond foi um gênio da literatura ninguém duvida. É provável que, a partir de 1912, com 10 anos, conhecera o herói na revista *O Juquinha* ou volume encadernado d'*O Tico-Tico*, e, para escrever sua crônica, manuseou superficialmente alguma coleção.

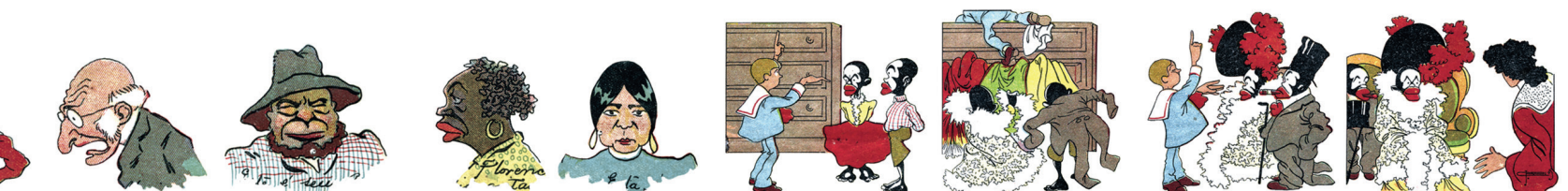
Na primeira história de Juquinha, denominada *Juquinha Militar*, a sua introdução na revista ficou a cargo de Chiquinho, desenhado ao seu lado por J. Carlos, que o apresentou aos leitores como sendo seu primo.

Daí a origem do equívoco de Drummond e o começo de toda a confusão onde fica também envolvida Lili.

Os familiares de Juquinha eram bem conhecidos.

J. Carlos encarregou-se de desenhar e nomear, um por um, numa das páginas de *O Talento de Juquinha (pág*. 90) Filho único, nunca compartilhou histórias nem com a irmã, nem prima Lili. A exceção foi o copeiro negro da família, chamado Giby. Existe aí uma confusão baseada no raciocínio correto do poeta com Lili, prima de Chiquinho, aliás, clone de Mary Jane dos originais de Buster Brown.

Drummond, baseado na oportunista apresentação de J. Carlos, criou laços de família inexistentes.

O que interessa neste *imbroglio* é que o Juquinha, ao contrário do que afirma o poeta, pegou e muito.

Juquinha, como os leitores poderão comprovar visualmente nas páginas que se seguem, foi a primeira das obras-primas de J. Carlos, cuja biografia e a arte fantástica, já há algum tempo, estão sendo mais difundidas entre os brasileiros, por Cássio Loredano e Lúcio Picanço Murici.

Evidente que a recordação poética de Drummond, baseada na falsa afirmação de J. Carlos num documento primário, eclipsou o valor de Juquinha que tanto n'O *Tico-Tico*, como na revista homônima, testemunho indiscutível do sucesso que obteve entre o público, reafirma-se nunca teve irmã Lili, ou qualquer outra, em suas histórias.

Juquinha nunca fracassou no embate com Chiquinho, muito pelo contrário, igualou-se em prestígio e até o superou como se vê a seguir.

O sucesso de Juquinha foi rápido, apresentado ao público em 14 de fevereiro de 1906, no número 19 d'O *Tico-Tico*, já no nº 30, em 2 de maio de 1906, depois de seis histórias no miolo, estava consagrado na capa do semanário, espaço privilegiado em qualquer publicação que em poucas vezes vai deixar de aparecer. Houve sete exceções, duas em 1906 e cinco em 1907. Nesse último ano, em duas delas, o herói aparece em capas alegóricas. A primeira refere-se à quarta-feira de Cinzas *(fig. 1)*.

A segunda festeja o aniversário de Juquinha, como sendo no dia 5 de maio de 1907. O que causa estranheza, pois não corresponde com o aparecimento do herói nem n'O *Tico-Tico*, nem no rascunho dele n'O *Malho* em 1904 *(fig. 2)*. O aniversário de Chiquinho nunca foi comemorado.

A popularidade de Juquinha, demonstrada nas cartas e desenhos enviados pelos leitores à redação, logo igualou ou superou Chiquinho, clone americano.

Anno III | RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO DE 1907 | Num. 71

JORNAL DAS CRIANÇAS

O TICO-TICO

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO

(Numero avulso 200 réis)

TIRAGEM: 30.000 EXEMPLARES

(Publicação d'O MALHO)

CINZAS

Ora o Juquinha!... Um prosa refinado!
Um traquinas terrivel, sem igual
Chorando qual bezerro desmammado
Por haver terminado o carnaval.

Como é feia,—dizia então Juquinha,
A cara do diabo. Passa fóra!
Si acaso fosse assim a cara minha
Eu chorava de raiva a toda hora.

No domingo pulou como um cabrito.
A gritar percorreu toda a cidade
Foi ao Leme, á Tijuca, ao infinito,
Perseguindo os meninos por maldade!...

Mas hoje em cinzas a Folia dorme
Mas hoje em cinzas a Folia dorme
E eis a razão porque o Juquinha chora.
«De bocca aberta, nesta manha enorme
Elle é mais feio do que o diabo agora.»

(fig. 1)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 1907 — Num. 83

JORNAL DAS CRIANÇAS — PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

TICO-TICO

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

5 DE MAIO

ANNIVERSARIO DO JUQUINHA

Juquinha, meus amiguinhos,
O traquinas refinado,
Fez annos no dia cinco
E foi muito festejado.

Ganhou brinquedos, «bon-bons»,
Um carro, uma bicyclette,
Recebeu muitas visitas
—Foi uma festa completa!

Off. do MALHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 182—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO
(Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

(figv. 2)

Ele tem lugar de honra nas capas dos primeiros *Almanaques*, para os anos de 1907 e 1908, ambas desenhadas por Lobão. Note-se que Juquinha de chapéu preto, no mesmo plano e dimensões de Chiquinho, ocupa o lado direito da imagem d'O *Tico-Tico*. Tradicionalmente o mais importante *(fig. 3)*.

(fig. 3)

Finalmente, é com ele na capa que *O Tico-Tico* termina o ano de 1907. Trata-se da última aparição do Juquinha, pois em 25 de dezembro encerra a carreira na revista.

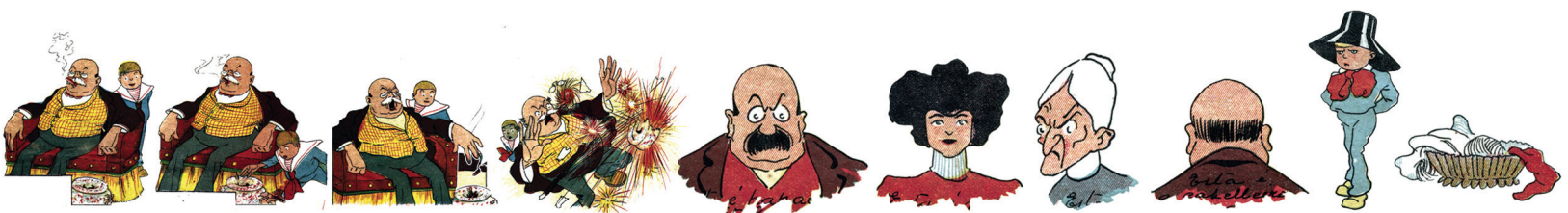
Ele a abandona, não por desgaste junto aos leitores, nem por não "ter pegado", mas porque J. Carlos afastava-se d'O *Malho* para outra empresa jornalística.

Por outro lado, o desconhecimento da revista *O Juquinha* é normal pela raridade da revista, de circulação efêmera, cuja única coleção conhecida encontra-se na Biblioteca Nacional.

Esta introdução justifica a importância da publicação deste álbum pelo Conselho Editorial do Senado a exemplo do que foi feito com o trabalho de Angelo Agostini em 2002, que tanto sucesso granjeou junto ao público e estimulou na área acadêmica a produção de inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado relativas ao famoso jornalista.

Trata-se também de recuperar uma parte lúdica e centenária do nosso imaginário; de resgatar dois períodos estilísticos completos da extensa obra de um dos nossos mais talentosos artistas, o fantástico J. Carlos, tão exuberante na incursão pelo traço *art nouveau* e mais comedido nos umbrais da *art déco*.

Esse álbum é importante porque significa uma fonte de conhecimento e consulta, quem sabe até penitência, para os estudiosos do quadrinho brasileiro. E o será, ainda mais, para o cidadão comum.

É a oportunidade que tem, na leitura desta obra tão instigante quanto agradável ao olhar, de ampliar sua cultura artística, sua visão telúrica. Conhecer os tipos populares, as pessoas da classe média, os poderosos dos salões e os humildes que nas ruas, praças, sítios, cozinhas e até prisões

povoaram a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX e aprender no traço privilegiado de J. Carlos sobre os costumes de um Brasil cada vez mais distante.

Em verdade, alguns desses tipos anacrônicos, tão sedimentados na cultura brasileira, ainda surpreendem nas entrequadras da moderna capital: Brasília.

Por outro lado, resgata-se Giby, tão importante quanto Juquinha, por ser o primeiro herói negro da historiografia nacional.

Ele não teve a mesma sorte do irmão de cor, Benjamim, que apareceu oficialmente, chamado por esse nome em 19 de julho de 1916, e abrasileirou Chiquinho nas páginas d'*O Tico-Tico*. Benjamim durou até o final do Chiquinho e d'*O Tico-Tico*, em dezembro de 1958.

Giby apareceu n'*O Tico-Tico* em 16 de outubro de 1907, permanecendo até 25 de dezembro. Depois ressurgiu na revista *O Juquinha* em dezembro de 1912 e desapareceu definitivamente em abril de 1913.

Por isso é fundamental, ao mesmo tempo como se faz com Juquinha, resgatar esse herói afro-brasileiro.

Extasiem-se, mais uma vez, com a arte gráfica de J. Carlos nas histórias de Juquinha e Giby, nas séries *O Talento de Juquinha* e *Juquinha e suas proezas*.

Brasília, DF, 7 de janeiro de 2009

As influências

Observa-se, ao confrontar as histórias de Juquinha e Chiquinho, que, embora o primeiro mostre no traço a influência do floreal, nome dado à *art nouveau* no Brasil, ele é sempre brasileiro autêntico. Isso não acontece com Chiquinho, simples decalque do herói americano Buster Brown, com pequenas adaptações *(fig. 4 e fig. 5, pág. 42)*. A mistificação de Buster Brown, encarnado no traço e personalidade em Chiquinho, era desconhecida do grande público, já que os redatores d'*O Tico-Tico* cuidavam para que ficasse abafada entre as paredes da redação. Os leitores brasileiros da época tinham a atenção voltada para a França e poucos recebiam o jornal americano que publicava o Buster Brown original.

A verdade é que o que se pensou ter chegado ao conhecimento dos brasileiros somente em 1945, aconteceu bem antes, em 1912, mas pouco adiantou, porque ficou restrita aos leitores da revista *O Gato*.

O Gato foi o novo nome que Vasco Lima deu à publicação de humor fundada em 1911, *Álbum de Caricaturas*, quando a reformulou na intenção de imitar a francesa *L'Assiete au Beurre* famosa pelas caricaturas e críticas políticas.

(fig. 4)

O CHIQUINHO – Uma boa partida

No outro dia o Chiquinho andou mais de duas horas pela chacara e depois sahiu sorrateiramente de casa levando um cestinho.

E lá foi elle acompanhado pelo *Jagunço* até a Avenida Central. Chegando á esquina da rua do Ouvidor parou ao pé da caixa do correio...

... e tirou da cestinha uma porção de cousas esquisitas que foi mettendo na caixa.
O *Jagunço* via aquillo tudo muito desconfiado.

Pouco depois chegou um carteiro. Chiquinho foi-se encostar no andaime do *Jornal do Commercio* e ficou muito quieto.

Quando o carteiro foi abrir a caixa, não se fez esperar o resultado da brincadeira do Chiquinho.

Saltaram lá de dentro dez ou doze rãs aos pulos, espalhando as cartas... O carteiro fugiu horrorisado. Chiquinho e o *Jagunço* riram tanto que até ficaram com a barriga doendo.

(fig. 5)

(fig. 6)

Álvaro Marins, colega de trabalho de Vasco Lima n'O *Malho*, colaborava também n'O *Gato*, preenchendo as páginas de caricaturas. Alcindo Guanabara era o redator efetivo da revista que incluía um variado noticiário e até romances seriados fora do padrão romântico, sobre temas policiais e de cunho gótico, contrastando com uma página para crianças.

A partir do nº 55, 26 de outubro de 1912, O *Gato* aumentou a participação dos quadrinhos, criando um apêndice, parte integrante do exemplar, denominado *A Carochinha Suplemento infantil*.

Essa abertura devia-se à intimidade com o gênero dos desenhistas d'A *Carochinha*, Vasco Lima e Marins, que usavam os pseudônimos de Hugo Leal e Seth, respectivamente, por trabalharem também n'O *Malho*, cuja direção não admitia trabalho por fora.

A *Carochinha* tinha como principal personagem o menino Lulu apresentado numa série denominada *As Proezas de Lulu (fig. 6)*

Nela, a personagem Lulu, desenhada por Vasco Lima e assinada como Hugo, logo nos quatro capítulos iniciais, desmascara o Chiquinho, denunciando ao longo de quatro páginas que ele era uma cópia americana *(fig. 7, 8, 9, 10)*.

Talvez fosse uma represália do desenhista, um dos pioneiros d'O *Tico-Tico* ao ser dispensado d'O *Malho*. Entretanto, não teve a repercussão esperada, pois a massa dos leitores d'O *Tico-Tico* só ficou sabendo da verdade nos 50 anos da revista, em 1955, embora Loureiro já tivesse dado entrevista sobre o assunto em 1945 para a *Revista da Semana*.

Tal é a importância desses quadrinhos para os aficionados do gênero, os nacionalistas e os fãs de Buster Brown, que serão, aqui, reproduzidos.

Brasileiro nos pensamentos, palavras e atos, Juquinha prescindia de adaptações. Vivendo no Rio de Janeiro do início do século, interagindo

(continua na página 49)

A Carochinha

SUPPLEMENTO INFANTIL — N. 10

Proezas do Lulú

Lulú — Quero umas botinas maiores, para que Papá Noel encha bem de brinquedos !

Reproducção d'um painel executado para a festa de Natal organisada pelo Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia.

(fig. 6)

A Carochinha

SUPPLEMENTO INFANTIL — N.º 1

Estava num destes dias na Avenida um dos nossos policiaes exhibindo o seu novo fardamento,

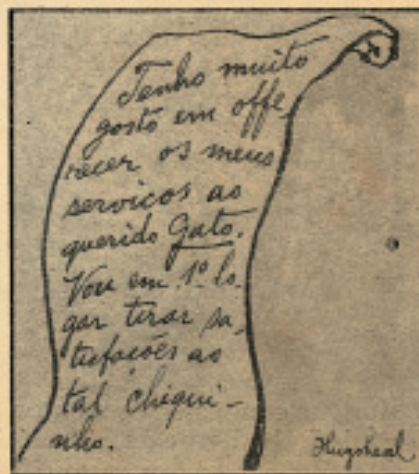
quando de repente se acercou um endiabrado menino que tomando-lhe o braço convidou-o a indicar-lhe a redacção do «O Gato».

E foi com essas boas disposições que o policial marchou, seguido do traquinas, em direcção ao edificio onde está installada a nossa redacção.

E' alli, apontou o policial esticando o seu fura-bolos. De facto na Avenida Rio Branco lá está a taboleta do «O Gato».

O travesso installou-se no elevador que temos á entrada e, chegando commodamente ao nosso escriptorio, fallou: «Eu sou o Lulú e venho offerecer os meus serviços á «A Carochinha» do «O Gato».

Depois sentou-se junto da nossa mesa de trabalho e escreveu uma tira que nos entregou.

Em seguida despediu-se e marchou para as escadas e sempre irrequieto o nosso Lulú chegou ao fim mais depressa do que pensava...

Nós, cheios de surpreza fomos lêr.
Era o Lulú que se dispunha a lutar com o Chiquinho, allegando que o petiz era norte-americano e passava por brasileiro... Esperemos.

(Continúa)

(fig. 7)

SUPPLEMENTO INFANTIL — N. 2

AS PROEZAS DO LULU'

Lulú para combater [o Chiquinho resolveu untar as pernas de pimenta do reino...

...e com os seus recursos proprios caminhou como um santinho

em busca do Chiquinho. Logo que o viu fingiu que olhava um passaro que voava e...

continuando indifferente o seu caminho, deu um formidavel tombo no Chiquinho e no Jagunço

Imaginem o desespero do americano do norte! Correu como uma flecha para o Lulú...

E chegando perto do nosso herói, o Chiquinho poz-se a fazer umas caretas ameaçadoras...

Tão ameaçadoras que o proprio Jagunço, se viu atrapalhado.

Como era de prevêr juntou gente que queria assistir ao desenrolar da scena... No proximo numero daremos conta do occorrido.

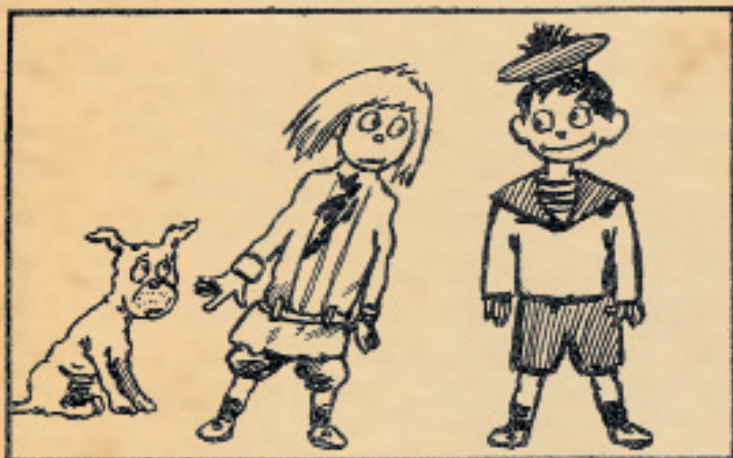
Por engano de paginação sahem neste numero mal collocadas as paginas 10 e 11, engano que o leitor corrigirá. O começo do conto "A aposta da Raposa" principia na pagina 11 e termina na 10.

(fig. 8)

A Carochinha

SUPPLEMENTO INFANTIL — N. 3

AS PROEZAS DO LULU'

CONTINUAÇÃO

Como dissemos, o Chiquinho fez toda a sorte de caretas ameaçadoras, mas o Lulú a tudo se mostrava indifferente.

Nisto o Jagunço que ouvira da bocca do Lulú um insulto mais forte...

...atirou-se, como é de seu costume ás pernas do nosso Lulú... Isso mesmo é que elle queria!

Lulú que havia untado as pernas com pimenta do reino...

pôz como é facil de prever o pobre Jagunço na mais triste situação

E era tal o desespero do cachorro que parecia uma peça de fogo de artificio.

O Chiquinho vendo o seu defensor em tão triste situação...

...largou immediatamente o seu provocador e foi cheio de pavôr, correndo como um louco, á procura d'um policial.

— Camarada...! Lá na esquina um pequeno atacou fogo no meu cachorro... disse o Chiquinho a tremer como varas verdes.

Enquanto isto se passava o nosso Lulú ficou debaixo do olhar de sympathia dos assistentes á espera dos applausos.

Continua.

(fig.9)

A Carochinha

SUPPLEMENTO INFANTIL – N. 4

AS PROEZAS DO LULU'

CONTINUAÇÃO

Como contámos no nosso ultimo numero, o **Chiquinho** foi chamar um soldado de **policia** para prender o Lulú, porque este pegara fogo ao Jagunço

Enquanto isso, os circunstantes olhavam compadecidos o pobre Jagunço, que se sentia seriamente mal, em vista da bôa dóse de pimenta que inesperadamente havia lambido . . .

Afinal foram os dois para a Delegacia.
Fez-se um interrogatorio em regra. E Chiquinho cahiu em contradicções . . . Disse que era brasileiro e ficou provado que elle é da America do Norte e tem um nome arrevezado . . . E, por fim . . .

. . . ficou igualmente constatado por um serio exame medico que o Jagunço não **tinha pegado fogo!**
Foi a derrota do Chiquinho que nestas condições teve que ir embora com o Jagunço, não se livrando de uma seria descompostura passada pelo delegado . . .

Teve, assim, o nosso Lulú a sua primeira victoria . . . E' certo que para o futuro o nosso heroe pretende fazer outras proezas. Esperemos . . .

(fig. 10)

com os habitantes, figuras populares na época: vendedores de rua, lusitanos donos de armazéns, militares, guardas-civis, foliões, bêbados, garrafeiros, vagabundos, velhos, negros, transeuntes, doutores e professores, compartilhando de cenários como as enchentes, tão comuns ainda hoje no Rio.

A chácara da família de Juquinha era brasileira, assim como a culinária, as ruas onde disparava de bicicleta, o penico debaixo da cama do vovô e até os preconceitos, tudo é nosso.

Quanto à roupa de marinheiro, para que não o acusem de copiar a de Chiquinho, foi um fenômeno duradouro da moda infantil que atravessou do final do século XIX até os anos 40 no século XX. Era praticamente o uniforme da garotada naquele período, caro ao pequeno Proust e ao jovem Sartre.

O uso universal desse figurino infantil deve-se às fotos em que aparece vestindo os filhos do Tzar Alexandre da Rússia e outros herdeiros da realeza europeia, no final do século XIX.

A farda de marinha, uma carreira de elite, preconizava naqueles meninos de sangue azul os futuros almirantes. Eles seriam, por direito divino, comandantes das esquadras que na época representavam o poderio bélico das nações.

Outra versão para a moda é a de que ela teria sido difundida na Europa pelas reproduções da pintura do retrato do príncipe Edward, menino, vestido de marinheiro, pintado por Franz Winterhalter em 1846.

Mesmo assim, o modelo de Juquinha difere daquele do companheiro americano, nas calças, compridas e colantes para o Juquinha, e curtas e bufantes para o Chiquinho.

Na verdade, os trajes de Juquinha e os da classe média alta a que pertencia, certamente eram ditados por Paris, como quase tudo naquele início de século.

Quanto ao fato de Juquinha ser um menino igual a Chiquinho não se pode afirmar que J. Carlos tenha sido influenciado por Outcault.

A origem dos meninos endiabrados deve-se a *Max und Moritz* do alemão Wilhelm Busch (*Juca e Chico* no Brasil).

Plasticamente, o que mais impressiona em Juquinha é que, em sua fase *Tico-Tico*, foi totalmente desenhado em estilo *art nouveau*.

O Rio de Janeiro de Juquinha, não se pode esquecer, é o Rio da *belle époque*, voltado para os últimos figurinos, modismos e novidades francesas trazidas pelos passageiros dos paquetes que chegavam pontualmente à baía da Guanabara, ou importadas diretamente do grande magazine *Printemps* por um representante na cidade.

Depois do bota-abaixo, a remodelação da cidade e a abertura da Avenida Central deram ao centro do Rio um ar parisiense cujos vestígios ainda podem ser encontrados nos postes de iluminação do bairro da Lapa, próximos ao Passeio Público, no Largo da Carioca e na confeitaria Colombo, como um todo na arquitetura, decoração e vitrais.

J. Carlos, respirando essa *belle époque* brasileira para bem caracterizar seu primeiro personagem, desenha-o no estilo *art nouveau*.

É preciso ressaltar em Juquinha o traço e a sofisticação que J. Carlos, já no primeiro trabalho de vulto, ainda um novato, imprime ao seu primeiro herói, precursor de uma lista de nove, um toque francês.

E a *art nouveau*, merece uma digressão, foi um estilo artístico desenvolvido entre 1890 e a I Guerra Mundial na Europa e nos Estados Unidos que se espalhou pelo mundo.

O nome originou-se na galeria parisiense *L'Art nouveau Bing*, aberta em 1895 pelo comerciante de arte e colecionador Siegfried Bing.

O projeto de redecoração da casa de Bing, apresentado na Exposição Universal de Paris de 1900 por *designers* modernos, conferiu visibilidade e reconhecimento internacional ao movimento.

A difusão da *art nouveau* muito deve a um grande artista checo conhecido: Mucha.

Alfred Mucha (1860-1939) nasceu na Boêmia e quando jovem artista transitou por Viena, Munique e finalmente Paris em 1890.

Em 1897, teve um grande golpe de sorte por meio de Sarah Bernarhdt, a grande atriz da época, que se apaixonou pelo cartaz que ele fizera para o lançamento da peça teatral que ela estrelava.

Logo, todas as paredes de Paris estavam cobertas com seus trabalhos que iam desde anúncios de teatro até biscoitos champanhe (*fig. 11*).

O estilo Mucha tornou-se sinônimo de *nrt nouveau*, cujos maiores reflexos foram nas artes aplicadas: arquitetura, *design*, artes gráficas, mobiliário, tecidos, joias, encadernações, azulejos, painéis, cartazes e incontáveis objetos domésticos de uso diário.

Esse estilo decorativo, exagerado e assimétrico, foi um rebento do simbolismo com raízes no rococó francês e na arte japonesa.

Tornou-se claramente internacional, recebendo denominações variadas: *jugendstil* na Alemanha, *stile liberty* na Itália, *modernista* na Espanha e floral no Brasil, onde encontra-se em belo colorido, tanto no cenário como nas personagens no traço requintado de J. Carlos.

As características dessa arte estão presentes nas histórias de Juquinha, na decoração de cortinados, nos vasos de plantas, quadros, papéis de parede floridos, colunas com ramagens, estatuetas, etc.

(fig. 11)

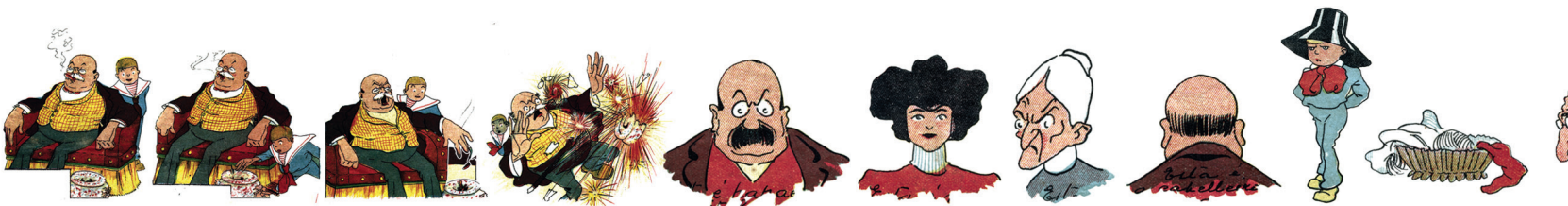
Encontram-se no próprio grafismo das calças onduladas dos personagens e coadjuvantes, semelhantes àqueles que aparecem nos cartuns de Bruno Paul da revista *Simplicissimus*, editada em Munique em 1901 (*fig. abaixo*).

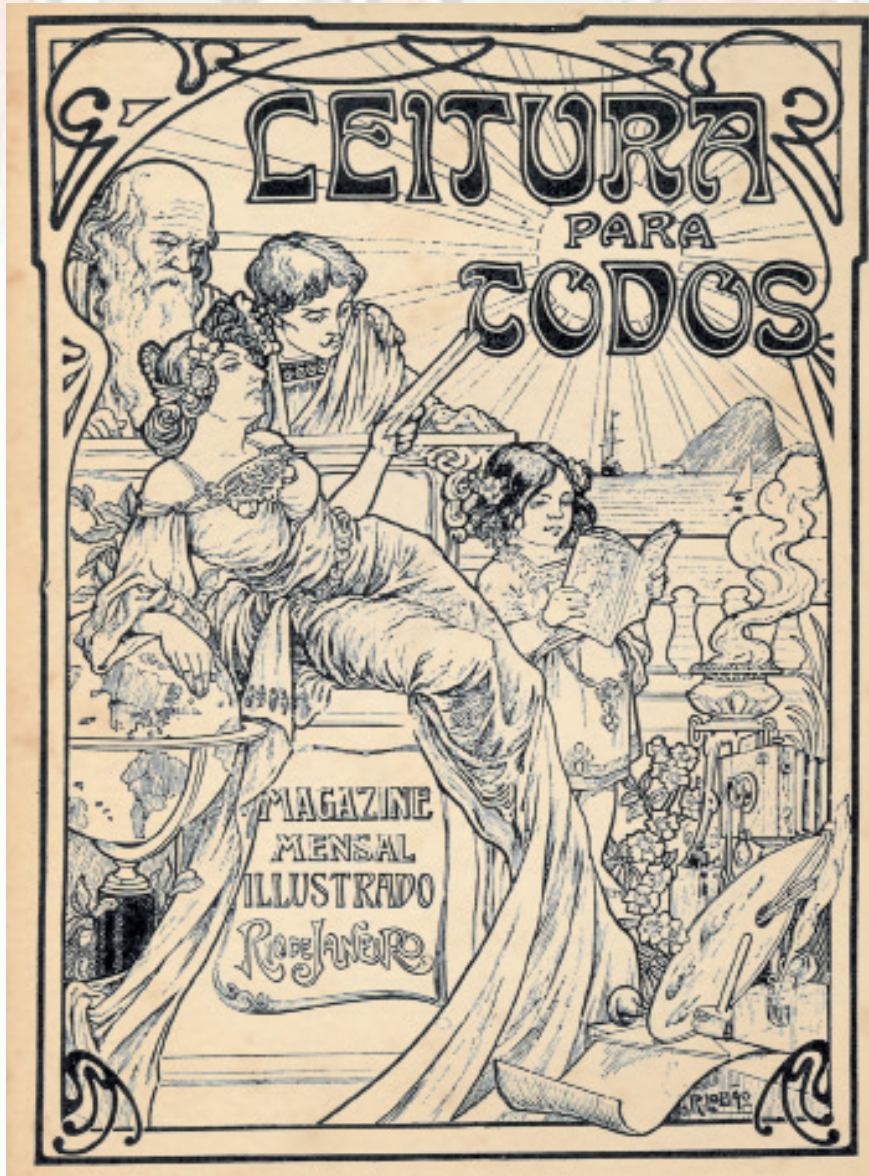
Há motivos para crer que J. Carlos, embora não tivesse revistas alemãs em casa ou não soubesse a língua, o que é irrelevante, conheceu as linhas de Bruno Paul, algum dia, em algum lugar. Sem dúvida influênciou também caricaturistas brasileiros, como Seth e outros.

J. Carlos conheceu, como contemporâneo, os desenhos e cartazes *art nouveau* brasileiros.

Cinco anos depois da explosão artística de Mucha, os artistas pioneiros d'O *Malho*, K. Lixto(*fig. 13 e fig. 14)* e Raul (*fig. 15)*, já o copiavam. Faziam experiências bem sucedidas do estilo em cartazes de propaganda e ilustrações nos primeiros números da revista .

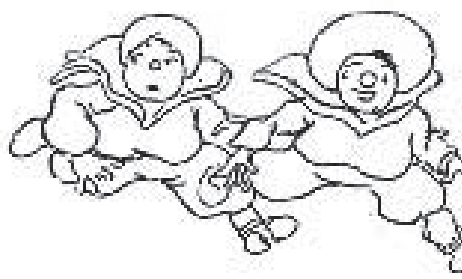
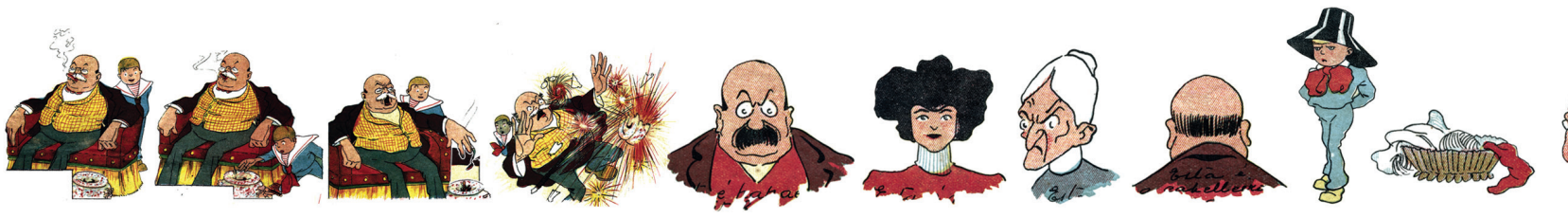
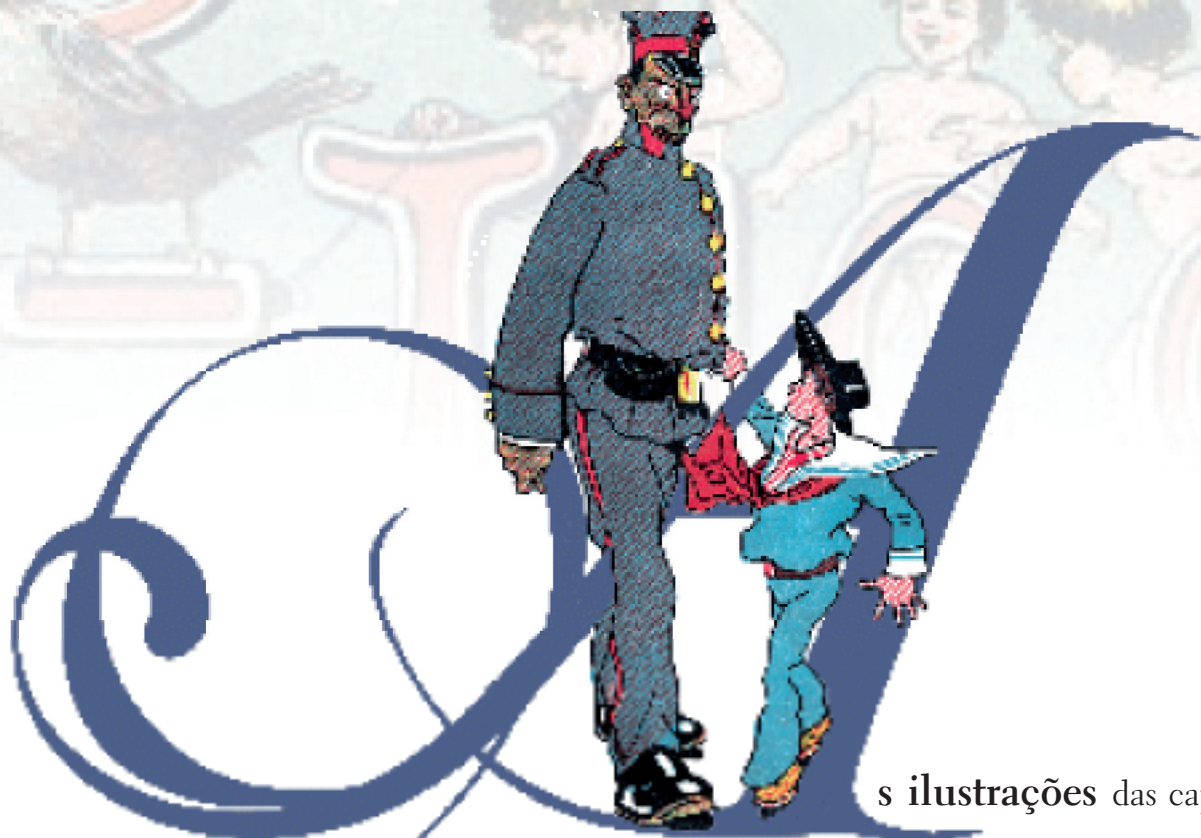
(fig. 13)

(fig. 14)

(fig. 15)

J. Lobão, desenhista e capista d'O *Malho* e d'O *Tico-Tico*, usou várias vezes o estilo. Quando a empresa decidiu, em 1905, lançar a *Leitura para Todos*, revista mensal de variedades, desenhou a capa em sépia, estilo *art nouveau*, utilizado até o nº 37, de março de 1909 (*fig. 16*).

(fig. 16)

Em abril, a partir do número 38, Lobão mudou o desenho da capa, mensalmente, passando a desenhá-la em cores. O estilo, com que inaugurou a primeira, foi tipicamente floreal e continuou assim nas que se sucederam.

Infelizmente, além de K. Lixto, Raul, Lobão, J. Carlos e Helios Seelinger, não foram muitos os que se interessaram ou se destacaram pelo estilo, no Brasil, para executá-lo como artistas ou pesquisá-lo como estudantes de arte.

Poucos são os nomes lembrados e o mais relevante é o do imigrante italiano Eliseo Visconti, considerado o precursor da *art nouveau* e do desenho industrial e gráfico, no Brasil, com obras em cerâmica, tecidos, luminárias e desenho gráfico. Nesse particular ele é o criador do *ex-libris* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O procurado

As ilustrações das capas e histórias em quadrinhos n'O *Tico-Tico*, diferentemente do que se costuma pensar, tiveram predominância dos artistas brasileiros nos três anos iniciais, 1905-1906-1907. A análise das capas, espaço nobre em qualquer publicação nesse triênio, comprova que a maioria era de autores brasileiros. Assim, em 1905, dos doze números editados pelo O *Tico-Tico*, lembrando que ele começou em 11 de outubro, dez foram identificadas como de autores nacionais.

Em 1906, das 52 capas produzidas, só 18 eram francesas e no ano seguinte, com o mesmo número de capas impressas, apenas sete eram daquela origem.

Ainda que só tivesse feito uma capa em 1905, J. Carlos foi o campeão nos anos seguintes, desenhando vinte e uma em 1906 e quarenta e duas em 1907.

Quanto aos quadrinhos, é importante ressaltar que a maioria dos desenhistas dessa época pioneira não eram principiantes no gênero, já que haviam passado por uma experiência ou estágio informal na adaptação da caricatura para as histórias em quadrinhos.

Essa aprendizagem não foi iniciativa dos artistas. Acontece que a direção d'O *Malho*, em 1904, interessava-se, comercialmente, em atrair a atenção e a fidelidade dos filhos dos assinantes.

Entre outras propostas, como texto de contos infantis e páginas de brinquedos para recortar e armar, começou a publicar histórias em quadrinhos e encarregou de pôr em prática essa última opção, desde o velho mestre do gênero, Angelo Agostini, até o jovem J. Carlos. Outros caricaturistas da revista, como Dudu (Cícero Valadares), Léo (Leônidas Freire) e Gil (Carlos Lenoir) integraram a equipe.

Em consequência do treinamento anterior nas páginas d'O *Malho*, Leônidas, Gil e J. Carlos dominavam as páginas dos quadrinhos d'O *Tico-Tico* em 1905. Agostini também colaborou bastante.

Lobão, capista veterano, autor das histórias em quadrinhos da capa e contracapa d'O *Tico-Tico* nº 1 e Alfredo Storni, iniciante, completavam esse quadro de desenhistas.

Dudu foi uma exceção, encarregado inicialmente de desenhar grandes ilustrações para os contos famosos publicados na revista, só vai começar, de fato, sua produção de quadrinhos a partir de meados de agosto de 1906.

Embora, no todo, O *Tico-Tico* fosse baseado no modelo editorial gaulês da revista *Le Petit Journal Illustrée de la Jeunesse*, cuja pauta copiava fielmente, observa-se também uma pequena mas forte presença da história em quadrinhos americana, marcada pela publicação de duas personagens de sucesso nos Estados Unidos: Buster Brown, aqui conhecido como Chiquinho e *Foxygrandpa*, o vovô esperto, que sempre se antecipava às peças que os netos tencionavam pregar-lhe. Nesse período já existiam heróis como os dois acima, de presença permanente nos vários suplementos dominicais americanos

ou nas revistas inglesas, todos autóctones como *Becassine*, a criada francesa, que já aparecia na *La Semaine de Suzette*.

Por uma consequência lógica, pode-se imaginar que os brasileiros que trabalhavam n'*O Tico-Tico*, antenados com a produção mundial, foram motivados a criar uma personagem brasileira, pois Chiquinho, que já se impusera semanalmente na revista, era uma adaptação de Buster Brown decalcada com papel de seda.

Esse trabalho difícil exigia criatividade e competência.

As personagens deveriam ser identificadas como nacionais, consistentes na ânima, permanentes no nome e no traço, que captassem a atenção do público e criassem raízes no imaginário dos leitores.

Uma pesquisa da produção desses artistas, que constituíam o núcleo inicial da revista, revela, entretanto, que poucos deles se esforçaram e só um obteve sucesso, pelo menos, na época.

Vários foram os motivos do fracasso ou desistência nessa busca criativa naquele momento:

– Como realização pessoal, já satisfeita, foi o caso de Agostini com seu Zé Caipora, que tanto sucesso alcançou junto ao público e até foi editado em fascículo. Compostos de seis páginas, quatro delas inteiramente em quadrinhos, esses fascículos, contendo quatro capítulos da história, devem ser considerados as primeiras revistas inteiramente de quadrinhos mundial. Sua primeira edição é de 1888 e nessa mesma forma gráfica continuou sendo impressa no início do século XX.

A bem da verdade, a direção d'*O Tico-Tico* lembrou-se de trazer para a revista a trinca de heróis, consolidada desde o século anterior: Zé Caipora, Inaiá e Cham Kan, suspensas desde que Agostini fechara o *Don Quixote*. A

pretensão chegou a ser anunciada no próprio *O Tico-Tico*: "*a série continuaria no terceiro número*", porém isso não aconteceu.

Zé Caipora e seus amigos foram reprogramados para publicação n'*O Malho*.

A desculpa oficial para tal mudança foi de que era muito longa para ser apresentada n'*O Tico-Tico*; porém, atrás dela, a certeza de que a nudez dos seios de Inaiá e matanças de índios não se coadunavam com uma revista infantil daquela época.

– De acomodação, no caso de Leônidas, que ancorou no sucesso da *História do Brasil em Figuras*, publicadas semanalmente a partir do nº 3 d'*O Tico-Tico*.

– De insistência em determinado tópico, como foi o caso de Gil, desenhista talentoso de estilo promissor, preso mais à temática de palhaços, reflexo da influência da ópera *Il Pagliacci* de Leoncavallo nas histórias em quadrinhos americanas e francesas. Os motivos variaram; mas o certo é que, por estarem atarefados demais n'*O Malho*, faltou persistência ou interesse maior em alcançar o objetivo e não tiveram sucesso naquele momento.

A criação de Juquinha e o sucesso de J. Carlos incentivaram um pouco mais os desenhistas, como Rocha e Dudu, nesse *desideratum*.

Augusto Rocha, aparecendo no início de 1906, foi um deles e, em meio a uma produção diversificada, tentou fixar dois heróis, muito semelhantes no físico, nas diabruras e trajes de marinheiro: Zézinho e Bubu. Figuras insossas, não criaram raízes.

Cícero Valadares voltou aos quadrinhos n'*O Tico-Tico* a partir de 15 de agosto de 1906, criando, nos fins de 1907, a personagem Manduca, de *As diabruras do Manduca*, que ocupou um bom número de capas em 1908,

tornando-se assim a quarta personagem na historiografia brasileira depois de Juquinha, Giby e *Miss* Shocking. Embora subestimado pelos críticos atuais e por Herman Lima, que só o cita pelas grandes ilustrações de contos célebres, Valadares, malgrado o traço mediano, é um dos dez desenhistas mais importantes pelo volume de colaborações n'O *Tico-Tico*.

É um dever de justiça lembrá-lo neste álbum.

Em abril de 1932, quando J. Carlos deixou vaga a incumbência de desenhar a capa d'O *Tico-Tico*, função que ocupava desde janeiro de 1924, Valadares o substituiu e iniciou, então, sua fase dominante na revista.

Cícero começou desenhando, na capa e no interior, ilustrações e histórias em quadrinhos de narrativas seriadas, algumas delas reedições como, *Semeadores de Gelo* e A *Ilha do Tesouro*. Sua posição não foi tão cômoda como a de J. Carlos, pois disputou o lugar com o novato e genial Luís Sá e o conceituado Nino, antigo profissional d'A *Gazetinha de São Paulo*, mas manteve-se sempre em evidência até fins de maio de 1937, quando foi substituído pelo excelente Osvaldo Storni, filho de Alfredo.

O seu trabalho mais recordado é a primeira versão para os quadrinhos do romance O *Guarani*, de José de Alencar, cobrindo duas páginas coloridas, em números distintos d'O *Tico-Tico*.

Alfredo Storni, um pouco mais tarde, foi o responsável pelas personagens nacionais antológicas d'O *Tico-Tico*, destacando-se Zé Macaco, ainda sem Faustina, criado em 6 de janeiro de 1909.

Dessa plêiade de desenhistas, coube a J. Carlos criar a primeira personagem dos quadrinhos brasileiros do século XX.

Ele possuía, além da juventude, criatividade, capacidade de trabalho e um traço excelente e muito pessoal. Qualidades que já eram marcantes

nas primeiras produções n'*O Malho*, onde apresentou-se pela primeira vez, provavelmente convidado, desenhando a capa em homenagem a Olavo Bilac, no nº 73, de 6 de fevereiro de 1904.

A caricatura do busto do poeta, cercado por uma auréola de estrelas era uma alusão ao célebre soneto do homenageado, *Ouvindo estrelas*.

Depois dessa passagem meteórica só começou a trabalhar efetivamente na revista a partir de 8 de julho de1905, desenhando inúmeras anedotas, publicidade de todo o tipo e três histórias em quadrinhos.

A estreia e a primeira colaboração como profissional para O *Malho* foram com uma história em quadrinhos intitulada *O Verdadeiro Quadro* (*fig. 17*) que, apesar do subtítulo *História para Crianças*, tinha fundo político.

A história em quadrinhos que realmente vai marcar o seu início no gênero é intitulada *O homem das costas largas* (*fig. 18*) apresentada n'*O Malho* n° 153, de 19 de agosto de 1905.

Depois disso só mais uma história em quadrinhos no nº 155, de 2 de setembro de 1905. A temática, muito explorada na época, eram os transtornos causados aos moradores do centro do cidade do Rio de Janeiro pelas demolições e mudanças arquitetônicas radicais promovidas pelo prefeito Pereira Passos. Intitulava-se *Procurando a casa* (*fig. 19*) (conto autêntico para crianças).

O J. Carlos dos primeiros números d'O *Malho* já mostrava as qualidades que o acompanhariam para sempre. É determinado e laborioso, com traço quase sempre sofisticado e de belo colorido, o que não era comum aos outros desenhistas, excetuando Agostini. As publicidades, que faz na revista em páginas inteiras, coloridas, disputam espaço com as dos grandes mestres e nelas já se nota a presença de um garoto à marinheira.

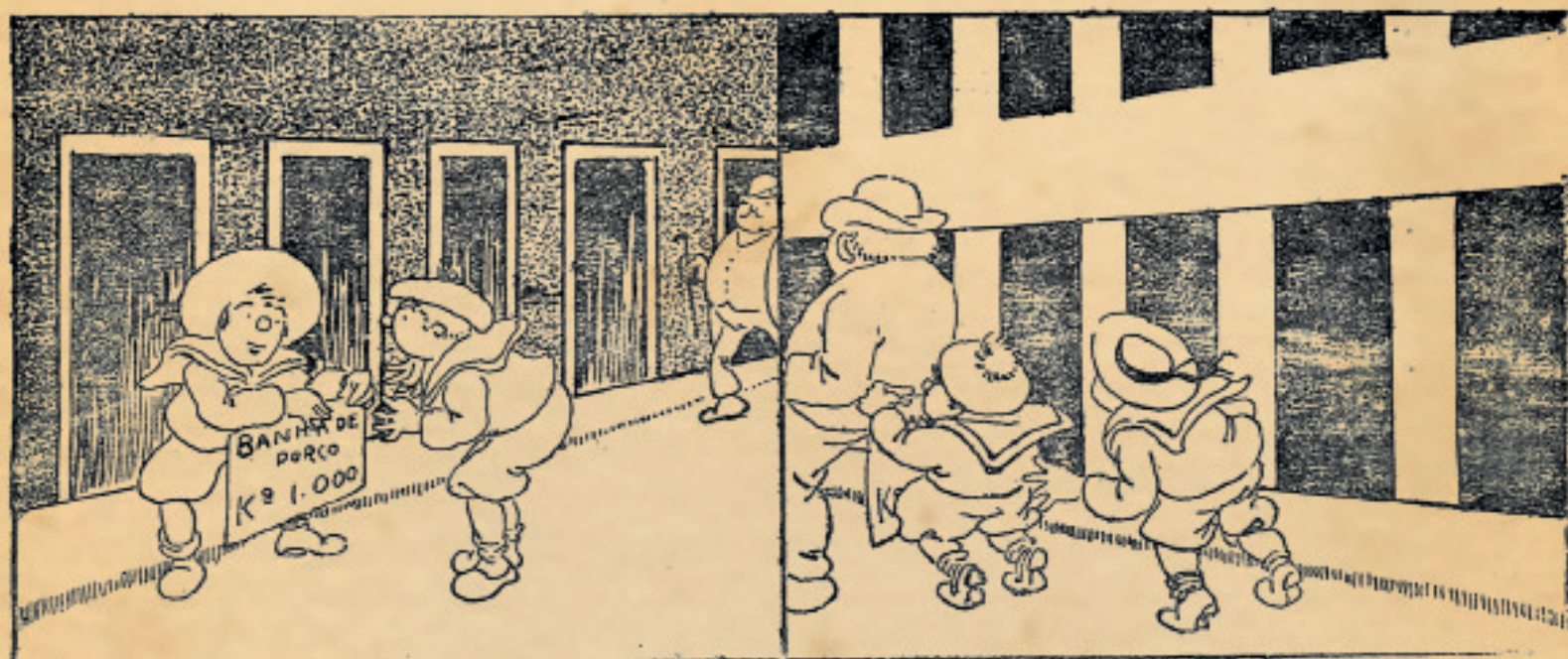
(continua na página 71)

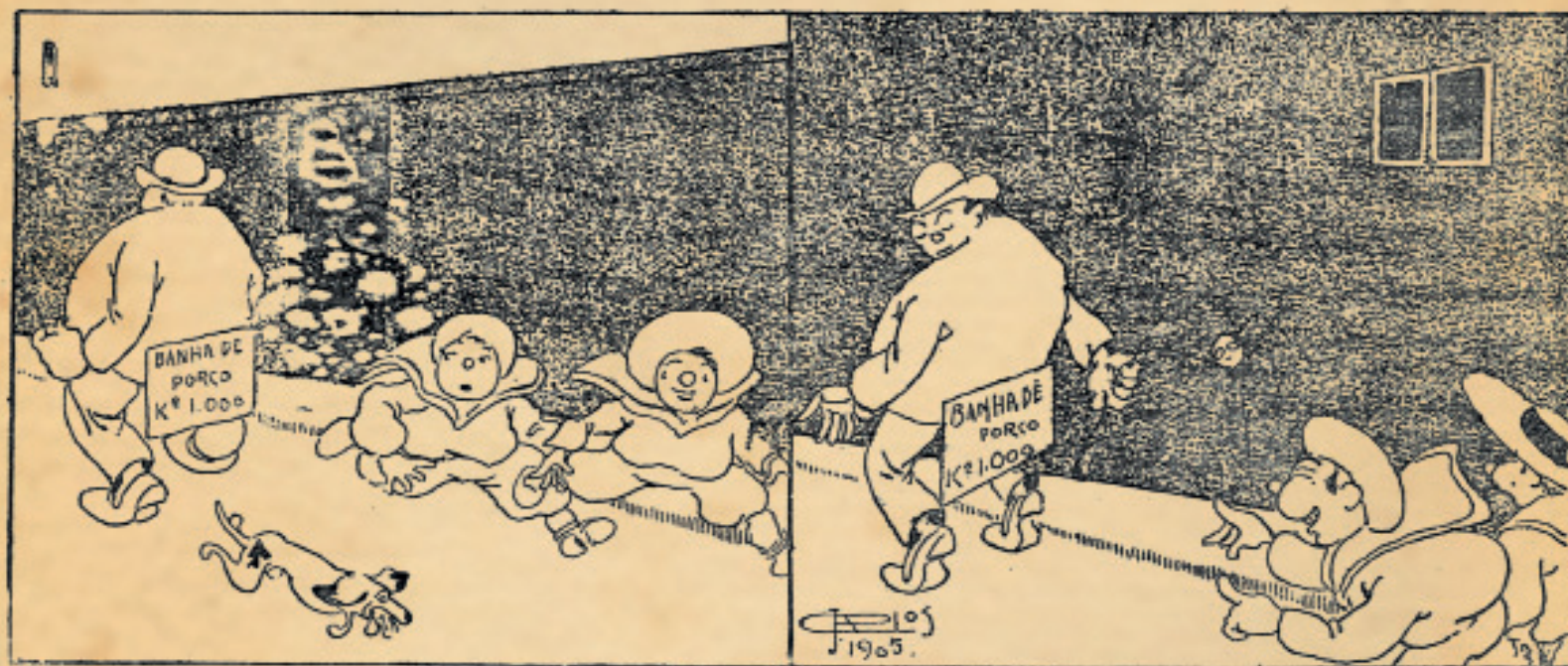
O VERDADEIRO QUADRO

(HISTORIA PARA CRIANÇAS)

(fig. 17)

O HOMEM DAS COSTAS LARGAS

(CONTOS PARA CRIANÇAS)

— Uê!... Onde você arranjou esse annuncio?
— Foi papai que mi deu p'ra eu prégá em qualqué logá...
— Você mi dá elle?

De posse do cartaz, o Juquinha não perdeu tempo e, com as cautelas que o caso requeria, pregou-o na aba do casaco de um sujeito muito gordo que passava...

Foi uma pandega! Todo mundo achava graça n'aquella pilheria que parecia annunciar a banha do proprio homem das costas largas.

Quando viram que o barulho crescia, os pequenos azularam aos gritos de: — Banha com pernas, a dez tostão o kilo!

Foi então que o homem das costas largas descobriu o rabo de papel, mas, coitado! tinha os braços muito curtos e não podia arrancal-o.

Os dous pequenos troçavam-no a valer e o pobre homem resolveu entrar no primeiro corredor para tirar o casaco.

(fig. 18)

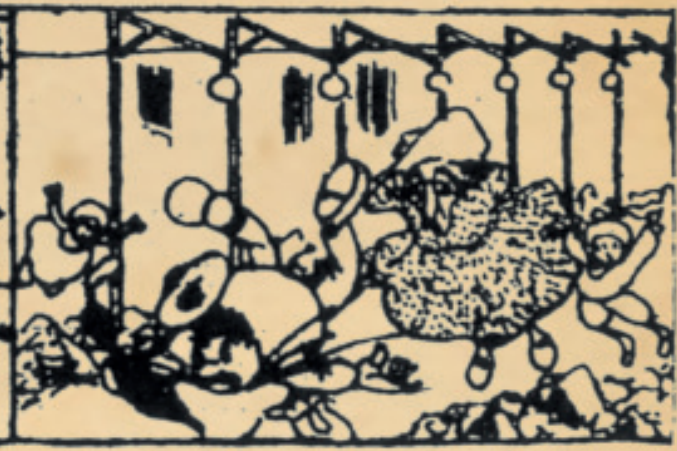
PROCURANDO A CASA

(CONTO AUTHENTICO PARA CRIANÇAS)

Quando Anacleto Serapião Barata regressou de Pirapóra, onde fôra passar dous mezes na casa de uns parentes só para fazer a vontade á mulher, dirigiu-se logo para a rua d'Ajuda, em busca da sua casa, sarro para descansar, deitando-se a fio comprido na sua cama larga e fôfa, que era um regalo...

Ficou, porém, horrorisado, quando, depois de muitas voltas, reconheceu que não só lhe faltava a sua casa como até a propria rua.

— Olha, Gertrudes, era aqui defronte do largo da Mãi do Bispo. E agora? Para onde nos teriam mudado? Só vejo pedras, lampiões e fios...

D. Gertrudes lembrou, então, que se devia procurar a casa do dentista da familia. Era na rua dos Ourives. Para lá se dirigiram com as crianças e os embrulhos, mas nada encontraram. Tudo estava mudado! Casas demolidas e outras em construcção...

Julgando que tivesse havido um terremoto, largaram a correr em direcção á Prainha, onde residia um compadre da familia. Estonteados e patetas, tropeçaram em um montão de escombros e toda a familia foi de ventas ao chão. As crianças abriram a guella...

Chegam, afinal, á Prainha; mas já em vez da rua estreita e tortuosa, cheia de casas velhas, encontram uma larga avenida, repleta de bellos e espaçosos predios. Da casa do compadre nem sombra. Tudo mudado. Tudo novo!

— Maldito seja o tal progresso e mais quem o inventou — vociferava D. Gertrudes

Depois de muito matutar, Anacleto Serapião Barata resolveu ir á redacção de um jornal para que fosse publicado o seguinte annuncio: — «Precisa-se de saber que fim teve e onde pára a casa em que eu morava com minha mulher e meus filhos. Cartas neste escriptorio a A. S. B.»!...

(fig. 19)

N'O *Tico-Tico*, manteve o mesmo ritmo de trabalho, incansável e persistente na caminhada em busca de uma personagem brasileira, tanto quanto tortuoso na adequação de um estilo gráfico, muito pessoal, para marcá-la.

Essa personagem, ainda em gestação, mas com linhas mestras esboçadas no *O homem das costas largas*, ele não sabe, mas estão latentes no seu subconsciente.

Ela vai ressurgir, anônima e colorida, na *História sem palavras (fig. 20)*, na dupla estreia, dele e do primeiro número d'*O Tico-Tico*, em 11 outubro 1905.

A diagramação dessa história em quadrinhos, sem texto, é semelhante às que apareciam no *Le Bon Journal*, uma das pioneiras francesas do gênero infantil, até com a tradução do mesmo título genérico: *Histoire sans parole*.

A segunda produção de J. Carlos, no número seguinte, chama-se *As desventuras de Seu Júlio* (*fig. 21*), uma história em duas páginas, monocromática. Um derivativo, sem maiores intenções, como que um exercício estilístico.

A terceira no mesmo número, colorida, intitula-se: *O velho casal, a fada e a linguiça* (*fig. 22*).

A quarta história em quadrinhos do artista carioca, em 1º de novembro de 1905, intitula-se *Uma ideia do Ari* (*fig. 23*), já no rumo de sua futura personagem.

A quinta, *Lulu e Lóló* (*fig. 24*), uma página colorida é de 8 de novembro de 1905.

A sexta é A *Vingança de Gagá (fig. 25)*, muito importante porque marca a primeira aparição de J. Carlos, na capa d'O *Tico-Tico*, em 15 de novembro de 1905.

(fig. 20)

O Tico-Tico

AS DESVENTURAS DO (SEU) JULIO

O seu Julio, convidado para ir a um baile de anniversario da esposa do commendador Pedegoso, apromptou-se e, [illegible] marchou para a deslumbrante festa.

Recebido com todas as etiquetas pela commissão de recepção e querendo tambem fazer-se muito amavel, seu Julio tropeçou no tapete da entrada e foi se estendendo ao comprido.
Felizmente isso não foi nada.

Dahi a pouco seu Julio valsava com Lólá, a filha mais velha do commendador Pedegoso, uma formosa moça por quem elle já se apaixonara.
O seu Julio tem um coração de fogo. Ih! Os meninos não imaginam. Apaixona-se por todas as moças!

De repente ouviu-se um grande grito.
Era a Lólá, a linda filha do commendador Pedegoso. O seu Julio acabava de lhe pisar um pé, com tanta força, que ella se torceu de dor.
Si os meninos soubessem o tamanho do pé do seu Julio! Imaginem que elle calça botinas n. [illegible]!

O commendador Pedegoso correu, correram todos, e [illegible] parou, e Lólá foi carregada em braços.
O seu Julio, [illegible] na cara com que ella ficou!

Ficou tão escandalizado que mal a encantadora Lólá se levantou, já acalmada, elle foi pedir-lhe desculpas. Antes, porém, o não fizesse, porque a moça se zangou toda, quando elle lhe disse:
— Queira perdoar, D. Lólá, queira perdoar! Mas tambem a senhora tem um pé tão espichado para fóra!

(*fig. 21*)

O VELHO CASAL, A FADA E A LINGUIÇA

O velho Jatobá e sua mulher «siá» Joanna queixavam-se da miseria em que viviam, sentados em frente á sua tapéra, junto a uma fogueira em que aqueciam os pés. Nós precisamos sahir desta situação, actualmente é necessario que uma pessoa se mexa, porque não ha mais fadas que appareçam de repente para dar riquezas á gente.

Ainda Jatobá não acabava de pronunciar estas palavras quando uma linda fada, envolta em estrellas de fogo, lhes appareceu. Jatobá, «siá» Joanna e o cachorro espantados, quizeram fugir. Mas a fada lhes disse:

—Peçam-me tres coisas, tres apenas, o que quizerem, que eu lhes darei essas tres coisas.

A fada disse isso e logo desappareceu. E «siá» Joanna murmurou: Eu por mim o que mais queria agora era uma linguiça em cima desta fogueira porque estou com fome.

Immediatamente appareceu uma linguiça sobre a fogueira, chiando, cheirosa. Jatobá ficou furioso:— Velha maluca! Pedir uma linguiça! Deviamos pedir dinheiro! Gulosa! Tomara eu que a linguiça se grudasse agora na ponta do teu nariz!

Ainda elle não acabara de dizer isso e já a linguiça se grudara na ponta do nariz de «siá» Joanna. A velha começou a sacudir o nariz aos gritos, mas a linguiça não cahia, com grande pezar do cachorro, que estava só á espera.

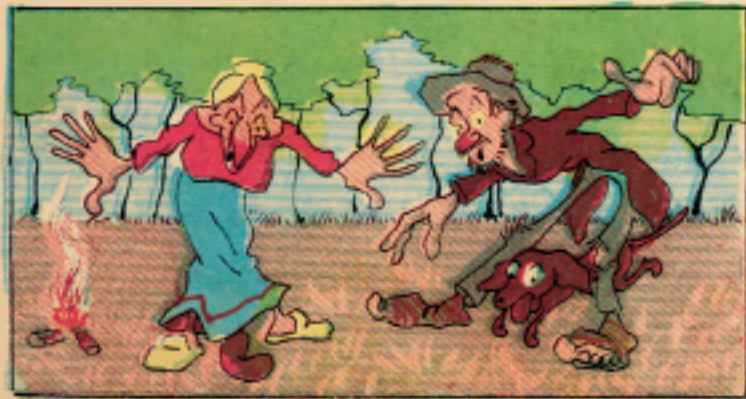
E Jatobá torcia as mãos, afflicto.

—Não peça mais nada, «siá» Joanna! Não peça mais nada que agora só temos uma coisa a pedir á fada, berrava elle.

Agora vamos pedir dinheiro, muito dinheiro e então compraremos uma linda caixa de ouro para você esconder a cara.

«Siá» Joanna, porém, sacudindo sempre a linguiça pegada ao nariz, mostrou-se desesperada.

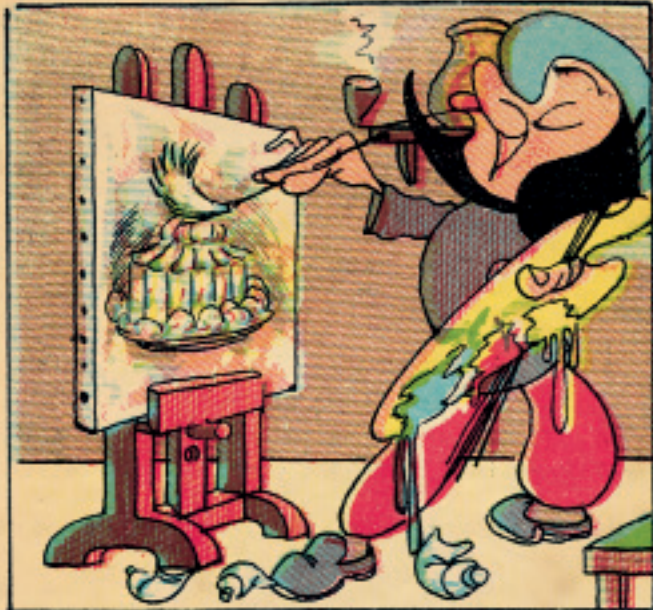
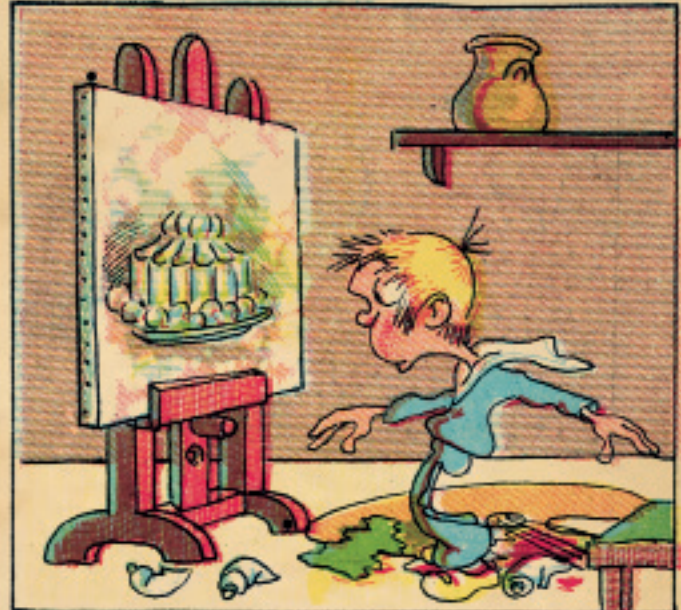
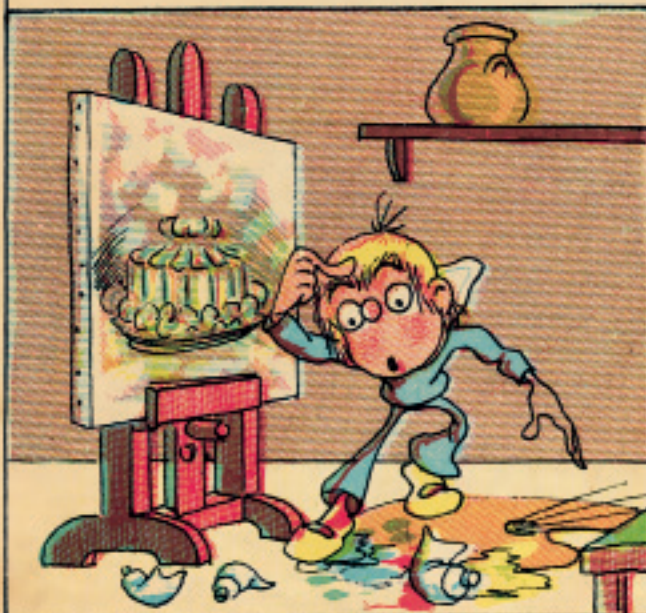
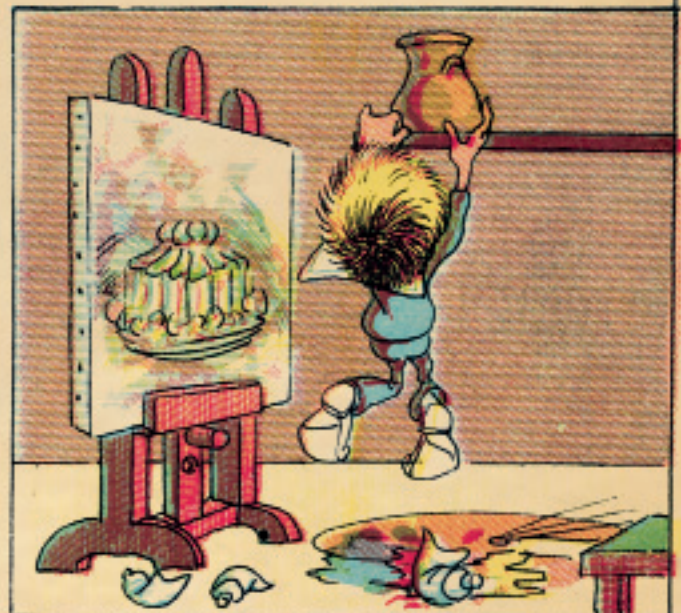
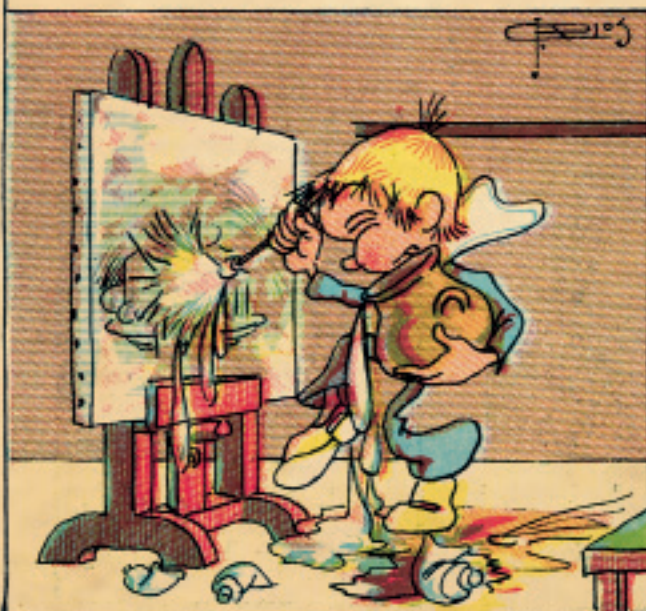
—Ai Jatobá, «seu» malvado! para que é que você me fez pedir isto!

—E você para que é que pediu linguiça?

Afinal, não podendo mais, «siá» Joanna pediu que a linguiça lhe cahisse do nariz. Immediatamente a linguiça lhe cahiu aos pés. Mas elles não podiam pedir mais nada. Já tinham pedido as tres coisas, a que a fada lhes dera direito.

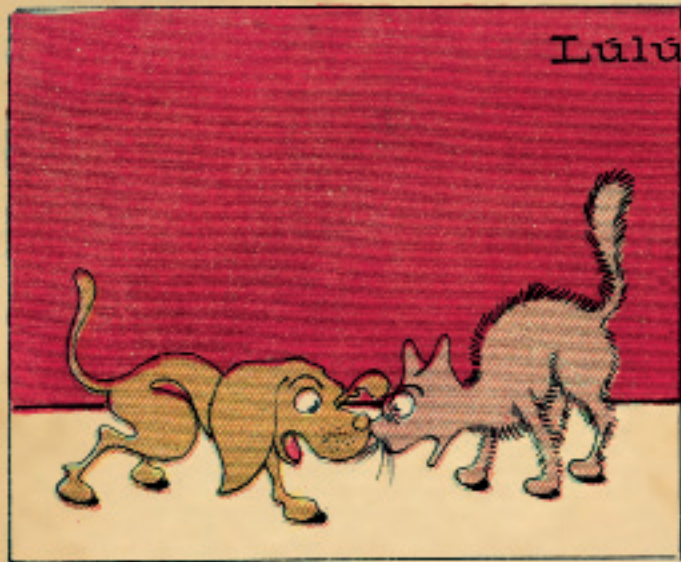
Então o velho Jatobá, com resignação lhe disse. — Não faz mal; este successo bastou para nos mostrar que as grandezas são um perigo. Continuemos pois a viver a nossa vida pobre, mas sem ambições.

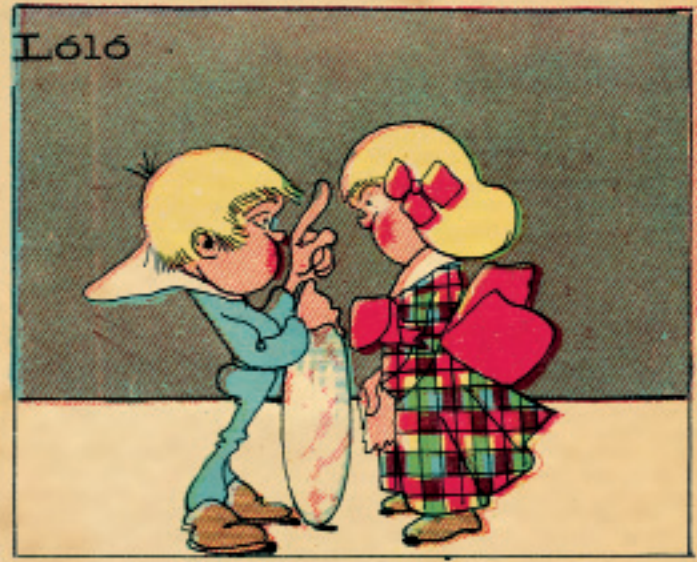
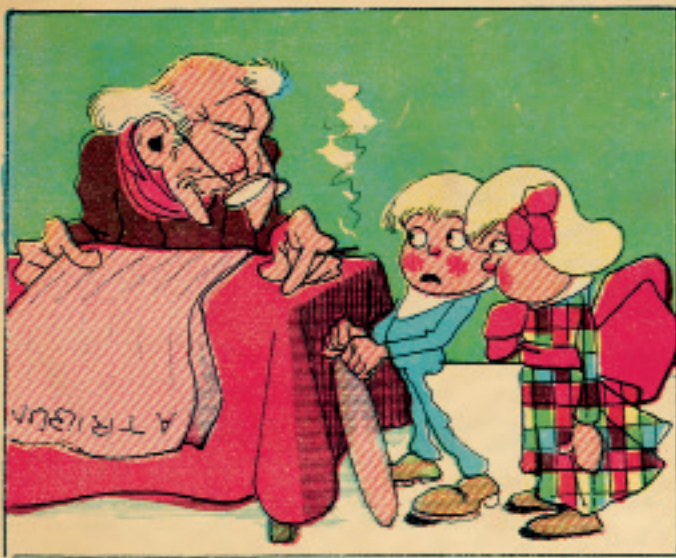
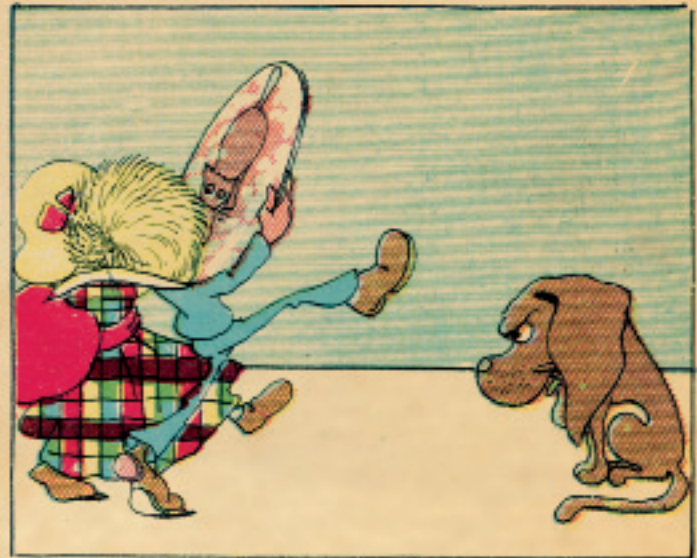
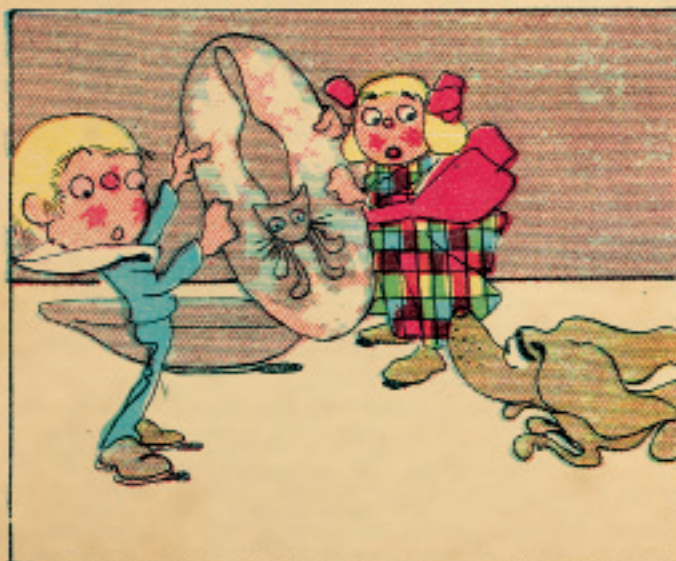
E assim, o unico que lucrou com as tres concessões da fada foi o cachorro que comeu a linguiça.

(*fig. 22*)

UMA IDÊA DO ARY

Semicupio Trocatintas pintou com excessivo cuidado um magnifico prato de doces.

Ary, seu filho, o menino mais traquinas que até hoje appareceu, entrou no atelier do Semicupio e, admirado deante do talento de seu pae,

... resolveu imital-o.

Com grande difficuldade conseguiu retirar de uma prateleira um boião que estava cheio de melado,

e, compenetrado de que tambem era um grande artista, metteu uma enorme brocha na vasilha e lambusou a téla toda.

Imaginem agora, pequeninos leitores a cara com que ficou o Semicupio ao ver o seu prato de doces completamente coberto de moscas.

(*fig. 23*)

Lúlú e Lóló

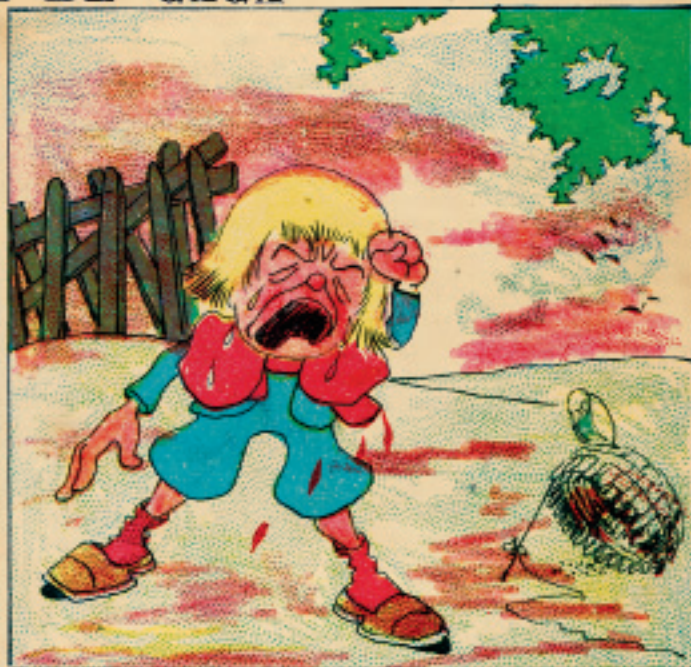
Puf é um cachorro muito malcreado que vive só querendo brigar com o *Pompon*, um gatinho de muito juizo.

Lúlú e Lóló revoltados contra o incorrigivel *Puf*, resolveram castigal-o e tomando uma tampa de caixa de papelão . . .

dirigiram-se ao bom vôvô e com meiguice pediram-lhe para que desenhasse na improvisada tela o retrato do *Pompon*.

O vôvô que é bom como todos os avós concedeu-lhes o original pedido e em pouco tempo

o Lúlú e a Lóló collocaram deante do genioso *Puf* o retrato do pacato *Pompon*.

A raiva do cachorrinho não se fez esperar e furiosamente precipitou-se contra o seu adversario que falso como era desappareceu fazendo com que elle cahisse redondamente em uma bacia cheia d'agua que para esse fim fôra ali collocada.

(*fig. 24*)

ANNO I — RIO DE JANEIRO — QUARTA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1905 — NUM. 6

A VINGANÇA DE GAGA

Sempre que o Gagá ia dar milho ás gallinhas o gallo, esfomeado, atirava-se sobre elle, querendo avançar na cuia do milho.

E o resultado era que, sendo o gallo muito pesado e muito bento, arranhava com as unhás o Gagá, que sahia chorando.

Mas o Gagá resolveu um dia vingar-se. Fez um chapéo de papel, collocou-lhe um grão de milho no fundo, e approximou-se do gallinheiro. Pousou a cuia de milho de um lado e mostrou ao gallo o grão de milho no fundo do chapéo.

O esfomeado do gallo avançou logo para o fundo do chapéo. Como veem o chapéo enterrou-se-lhe no bico e então, emquanto elle pulava e batia as azas, desesperado, as gallinhas comiam socegadamente o milho que o Gagá lhes dava.

E o Gagá ria a bandeiras despregadas.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Rua do Ouvidor, 182 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) — TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES — Numero avulso 200 réis

(*fig. 25*)

Seguem-se outras experimentais com personagens sem nome e nenhuma documentação para a posteridade que J. Carlos assina com pseudônimos. Mas, a maioria com o mesmo padrão: menino, brincalhão, louro, vestido de marinheiro.

A sétima e última do ano de 1905, em 6 de dezembro, intitula-se *Bem Feito (fig. 26)*.

BEM FEITO !

Manoelito era um menino muito mão e que vivia atormentando o *Tupy*, um cachorrinho aliás bem docil.

Uma vez Manoelito surprehendeu o *Tupy* dormindo a sésta e immediatamente amarrou uma vassoura velha ao rabo do pobre animal não reparando que o cordão ficára embaraçado nas suas pernas.

O cachorro, ao sentir que o nó do cordão se apertava, levantou-se raivoso e poz-se a correr, emquanto o Manoelito atrapalhado na vassoura virava de pernas para o ar.

As Desventuras de Lulu (fig. 27), de 16 de janeiro de 1906, em preto, quando ele modifica muito o estilo, mostrando no todo uma semelhança com o desenho de Outcault, o artista de Buster Brown.

(*fig. 27*)

Todas as histórias em quadrinhos até agora comentadas estão com sua assinatura, embora o estilo com que as desenhou, mesmo anônimas, não deixariam dúvidas da sua autoria.

Entretanto, J. Carlos é uma entre outras raposas daquele tempo que, por necessidade profissional, experimentação gráfica, ou gosto de desafiar a argúcia do leitor, são camaleônicas, na diversificação dos estilos.

Armando Sgarbi, o competente fanzineiro e mestre em quadrinhos na Academia da Vida, nos faz acreditar num pequeno ensaio para o fanzine *Suplemento Ilustrado*, tratando de caricaturas propriamente ditas,

que as histórias em quadrinhos assinadas por Joselito, Manuelito, Gagá e principalmente Cruz, encontradas aqui e ali n'*O Tico-Tico*, são também de sua autoria (fig. 28).

É bom lembrar que, anteriores ou paralelas a essas histórias em quadrinhos, somam-se os numerosos desenhos de anedotas e publicidades com meninos e meninas, sozinhos, em pares ou em grupos. Num padrão mais constante, os garotos com que preenche os espaços nas páginas d'*O Tico-Tico* e, ao mesmo tempo, n'*O Malho* onde permanece trabalhando.

Voltando ao passado, o exemplo mais importante pela sua ligação com *O Tico-Tico* é a sua primeira publicidade para *O Malho*, em que um casal de meninos comenta o próximo lançamento da revista infantil.

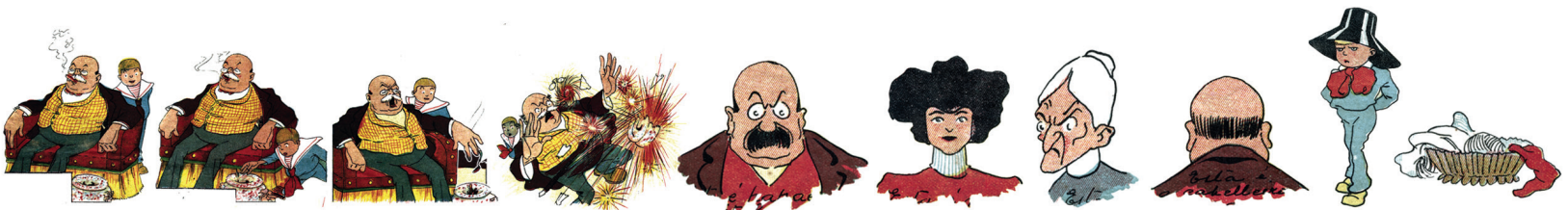
Entretanto, muitas vezes essas crianças causam estranheza, disfarçadas em outros estilos, mas geralmente mantendo as características do cabelo louro e da roupa de marinheiro.

Essas pequenas mutações, experiências, até regressões, como foi *As Desventuras de Lulu*, já comentadas, acabaram resultando numa versão definitiva da personagem que só abandonaria definitivamente em 1913.

A borboleta recém-saída do casulo tem nome fixo para marcá-la na memória dos leitores, superando um outro problema que os desenhistas anteriores não conseguiram solucionar.

Esse nome, ele tinha no bolso do colete: Juquinha. O mesmo daquele que criara em *O Malho*, na sua segunda incursão vivencial pelos quadrinhos.

O Juquinha é apresentado formalmente ao público por seu "primo" Chiquinho no nº 19 d'*O Tico-Tico*, em 14 de fevereiro de 1906.

Na realidade, Juquinha, como já se enfatizou, nunca teve primo ou prima. J. Carlos aproveitou-se do prestígio isolado que Chiquinho tinha

n'*O Tico-Tico* para criar esse grau de parentesco, oportunista, fugaz, valorizando a estreia da personagem que criara.

Com isso é possível que tenha confundido Drummond e prejudicado a longo prazo o *status* de sua peronagem nos quadrinhos brasileiros.

Juquinha é diminutivo carinhoso de Juca, apelido para José, nome comum, muito usado naquela época e ainda hoje no Brasil.

O mesmo apelido da personagem criada n'O *Malho* para a segunda história em quadrinhos, realmente de cunho infantil, *O homem das costas largas*.

Enfim o primeiro nome de seu criador José Carlos de Brito e Cunha.

J. Carlos não se deixou cair na "vala comum", denominando de aventuras ou desventuras, clichê dos títulos dos demais personagens, as peripécias da sua criatura. Prefere intitulá-las *O talento do Juquinha*.

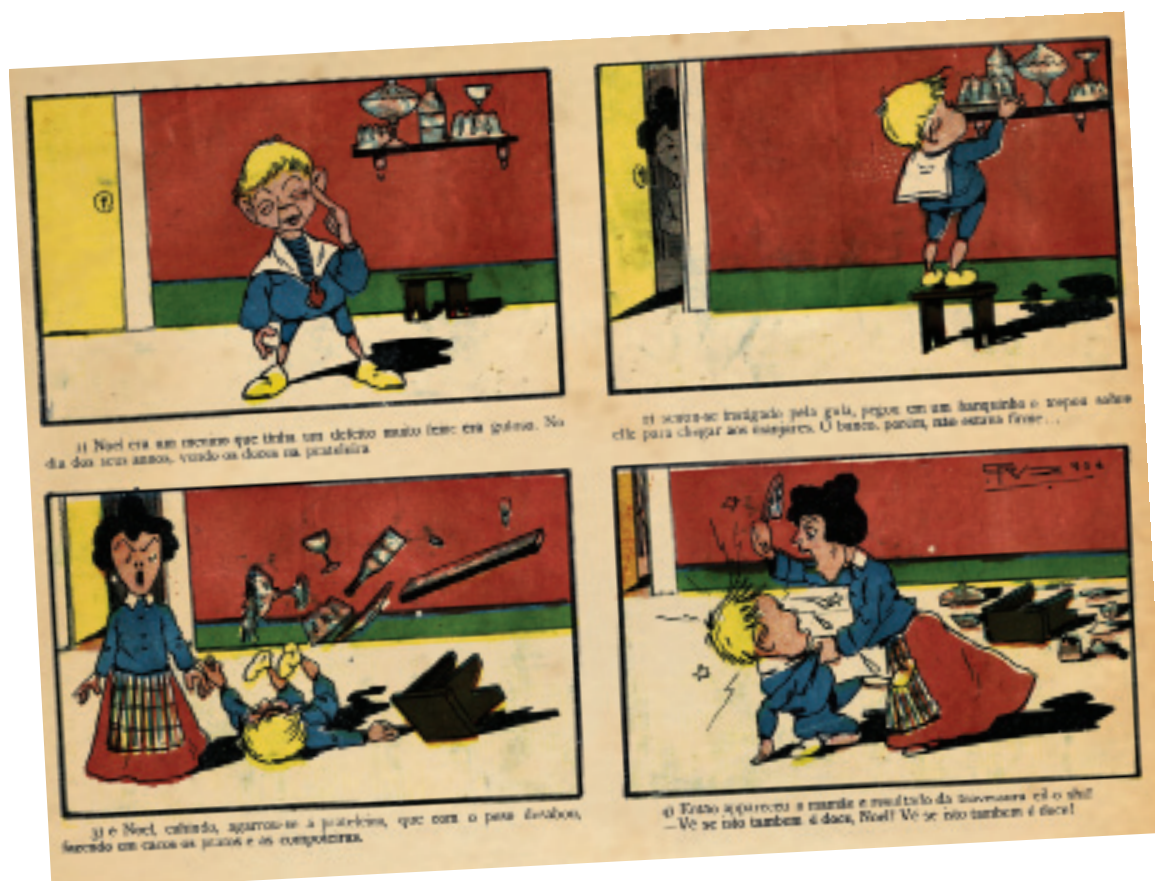
Talento, no caso, é a aptidão natural, a habilidade adquirida ou engenho que Juquinha, inteligente, tinha para montar artimanhas contra parentes e estranhos.

O talento do Juquinha ocupava uma página completa das poucas coloridas d'*O Tico-Tico*. As traquinagens do garoto brasileiro da alta burguesia eram condensadas em um painel, ou diversos quadros que explodiam em cores.

As histórias mais longas foram apresentadas em continuação, uma página por edição da revista, como foram as sete da história *Proezas de Bicicleta*, um clássico dos quadrinhos, que descrevia os incidentes provocados por Juquinha, pedalando o veículo a toda velocidade e atropelando transeuntes e comerciantes no centro do Rio.

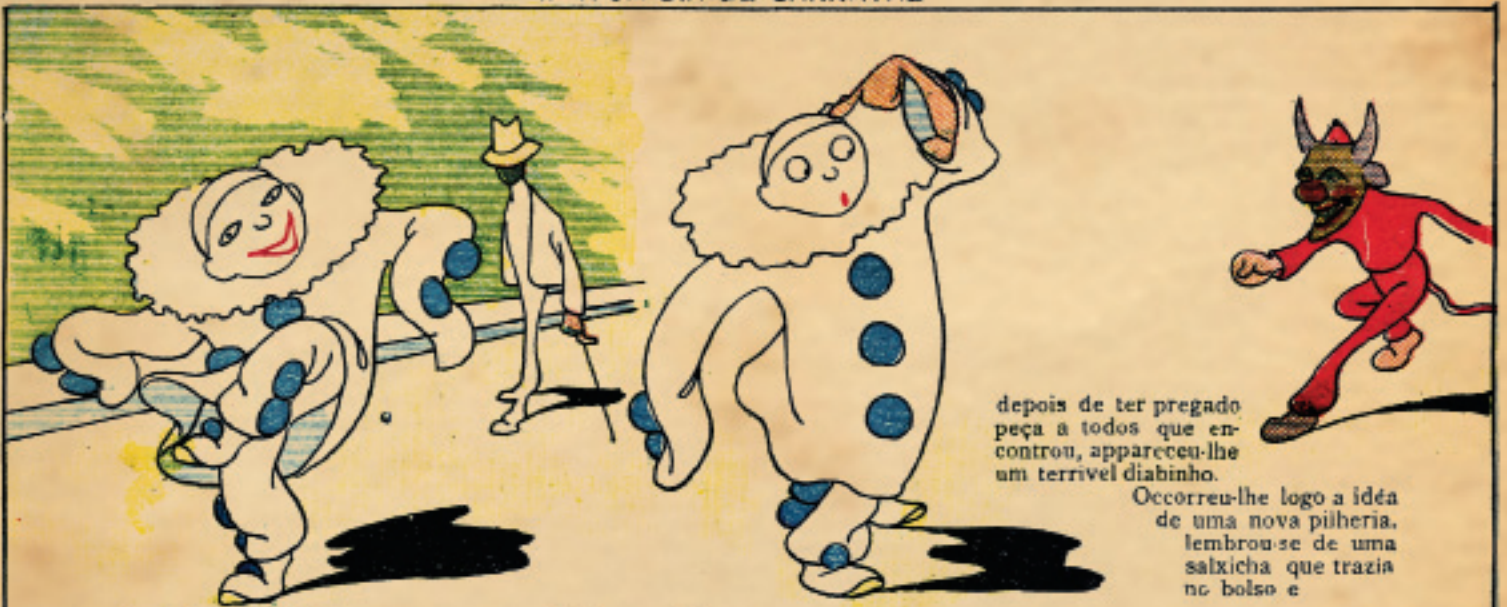
A temática baseava-se na vivência dos meninos urbanos daquela época que, sem distrações tecnológicas, davam asas à imaginação, divertindo-se com brinquedos improvisados e travessuras ardilosas, cujo alvo eram parentes, professores, criados, animais, utensílios, decoração caseira e membros da comunidade.

O Retrato do Visconde, O Sapão, O Bicho Papão, O Sono da Vovó, Juquinha e o piano, O Taverneiro, O Aniversário do papai, Mamãe vai ao teatro são títulos que dão uma ideia geral dessas historietas.

Não vamos nos deter nelas pois o leitor terá o privilégio de apreciá-las a seguir, como tantos outros o fizeram um século atrás. Estão reunidas nesse álbum.

(*fig. 28*)

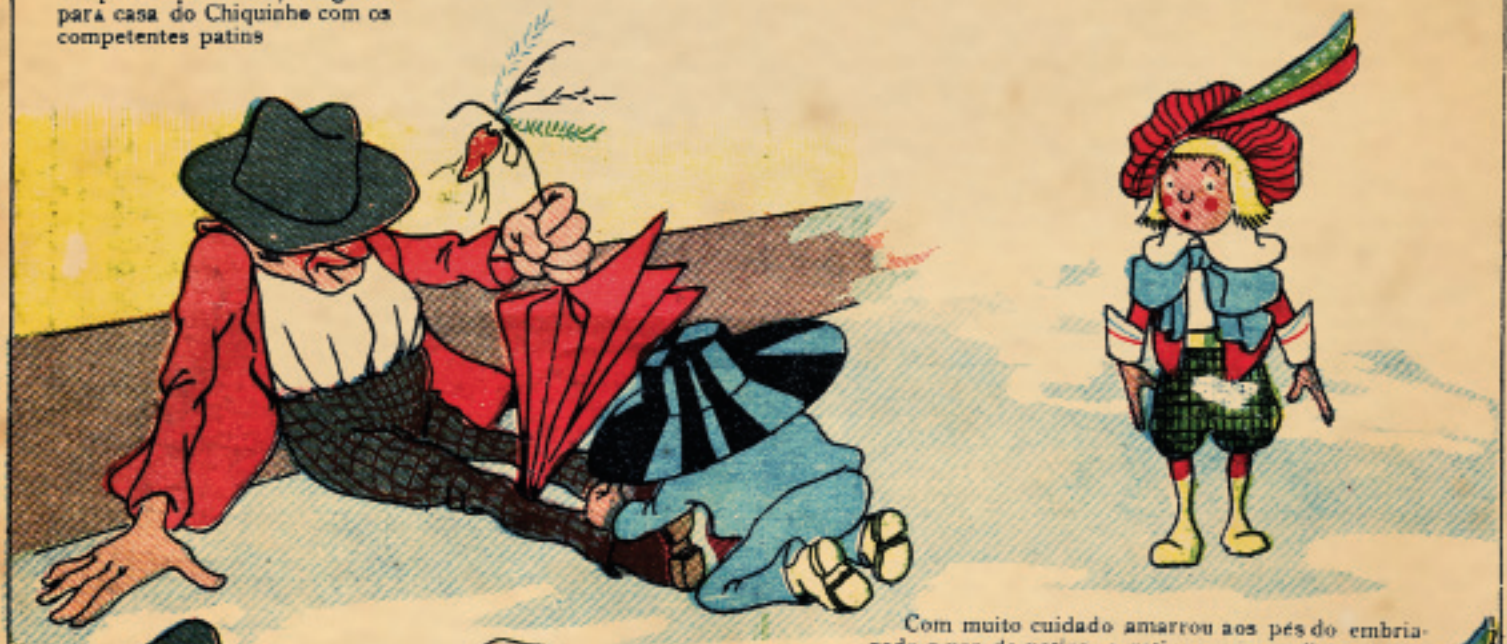
O TALENTO DO JUQUINHA
JUQUINHA—MILITAR
APRESENTAÇÃO
Chiquinho!—Aos meus bons amiguinhos d'O Tico-Tico apresento o meu primo Juquinha, cuja vida é tambem cheia de aventuras, dignas de consideração.
— Já apresentado, entro em scena. Com licença...
Para começar é bom prevenir aos meus futuros admiradores que eu sempre tive grande vontade de ser militar. E por este motivo
apostei uma vez com os meus camaradas que era capaz de sahir á rua com um chapéo de general e dentro em pouco voltar acompanhado pela minha ordenança.
Duvidaram.
Immediatamente parti em procura de um soldado que me appareceu sem grande trabalho.
Camarada, disse-lhe eu, ahi adeante precisa-se de um soldado. Siga-me.
O soldado, suppondo que realmente os seus serviços eram necessarios, seguiu-me.
E foi assim que eu voltei para casa, acompanhado por uma ordenança, mostrando a meus companheiros o que... póde o talento do Juquinha!

O TALENTO DE JUQUINHA

II—N'UM DIA DE CARNAVAL

O TALENTO DE JUQUINHA

UM BEBADO PATINADOR

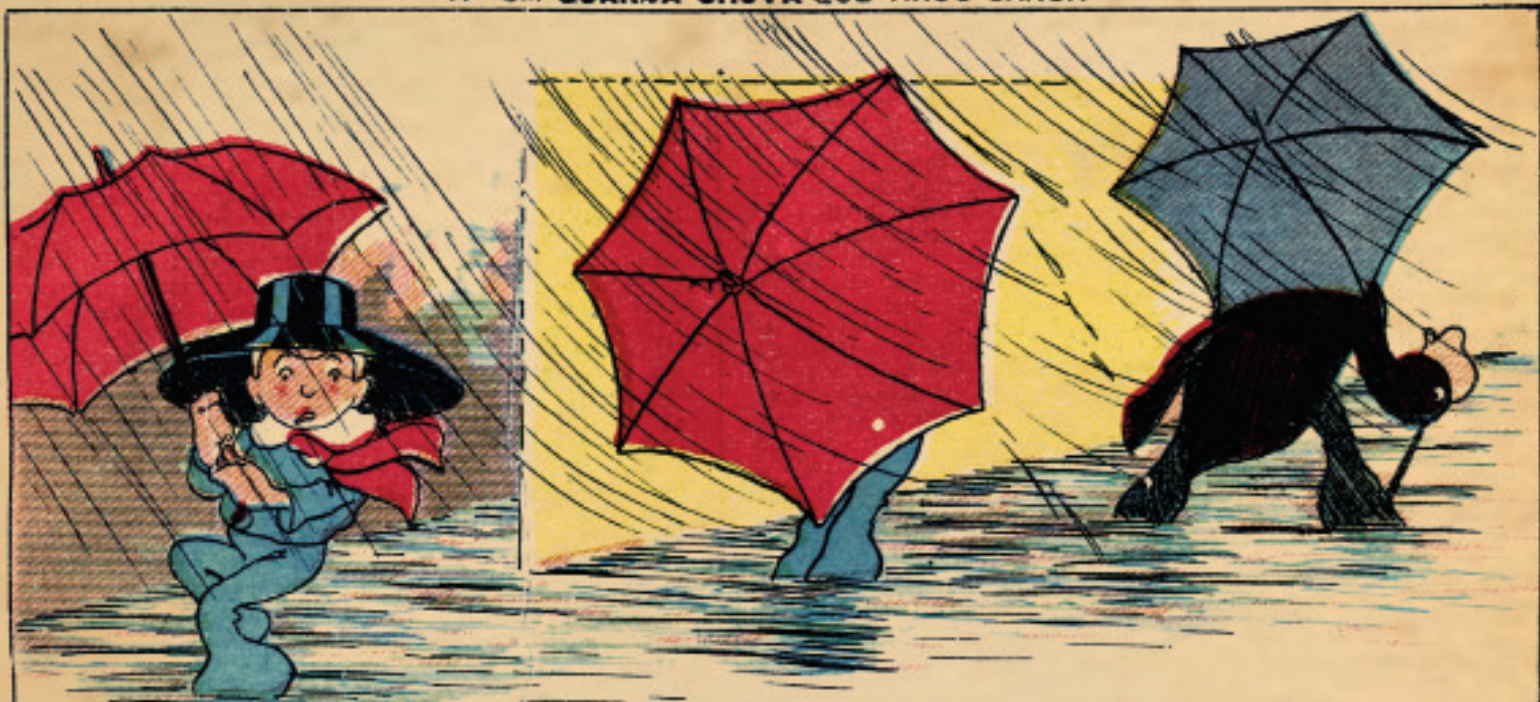
Ultimamente Juquinha, que é um perito patinador, dirigia-se para casa do Chiquinho com os competentes patins

e encontrou deitado em plena rua um homem bebado.
Occorreu-lhe logo á imaginação a idéa de uma nova pilheria.

Com muito cuidado amarrou aos pés do embriagado o par de patins, e retirou-se immediatamente.

O bebado sentiu alguma coisa que lhe prendia os pés e com difficuldade encostou-se á parede afim de levantar-se. Os patins rodaram naturalmente e o pobre homem cahiu em cheio, berrando como um bezerro, emquanto o Juquinha muito contente por não ter falhado o novo plano gritava : Um chuva querendo patinar !!!

O TALENTO DO JUQUINHA

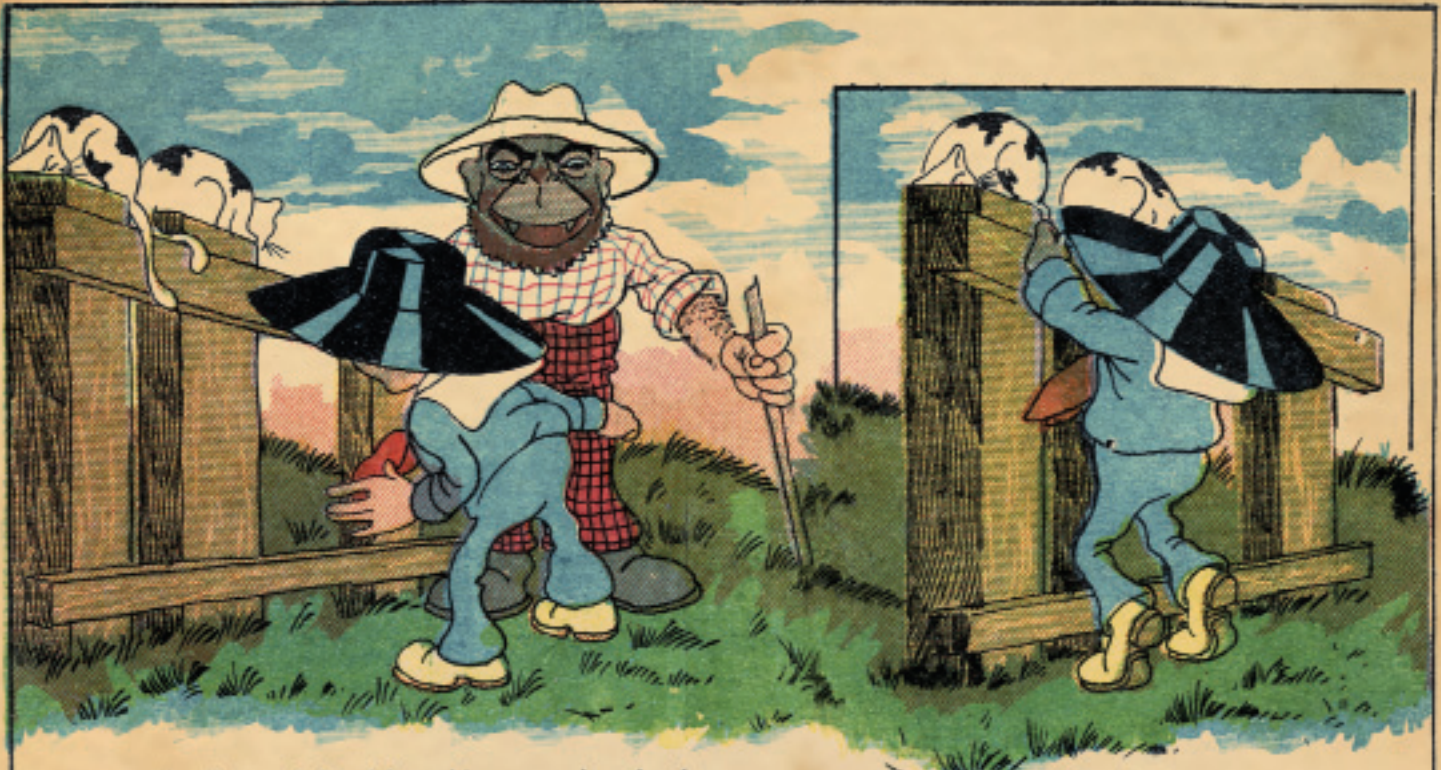
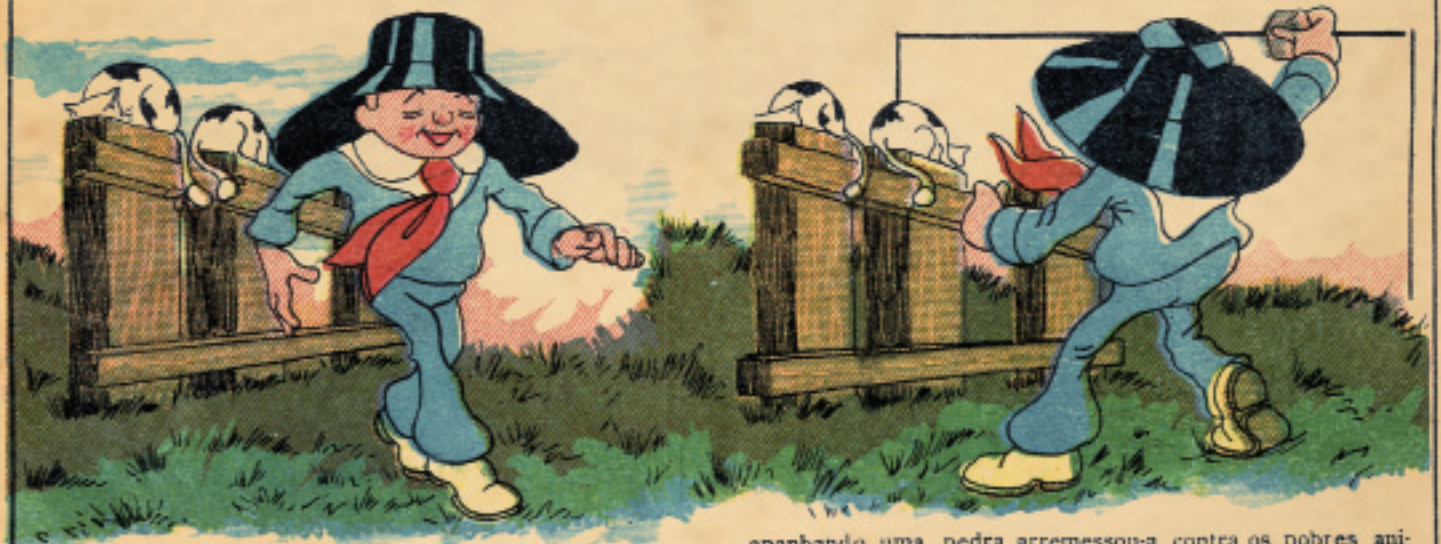
IV—UM **GUARDA-CHUVA** QUE VIROU CANOA

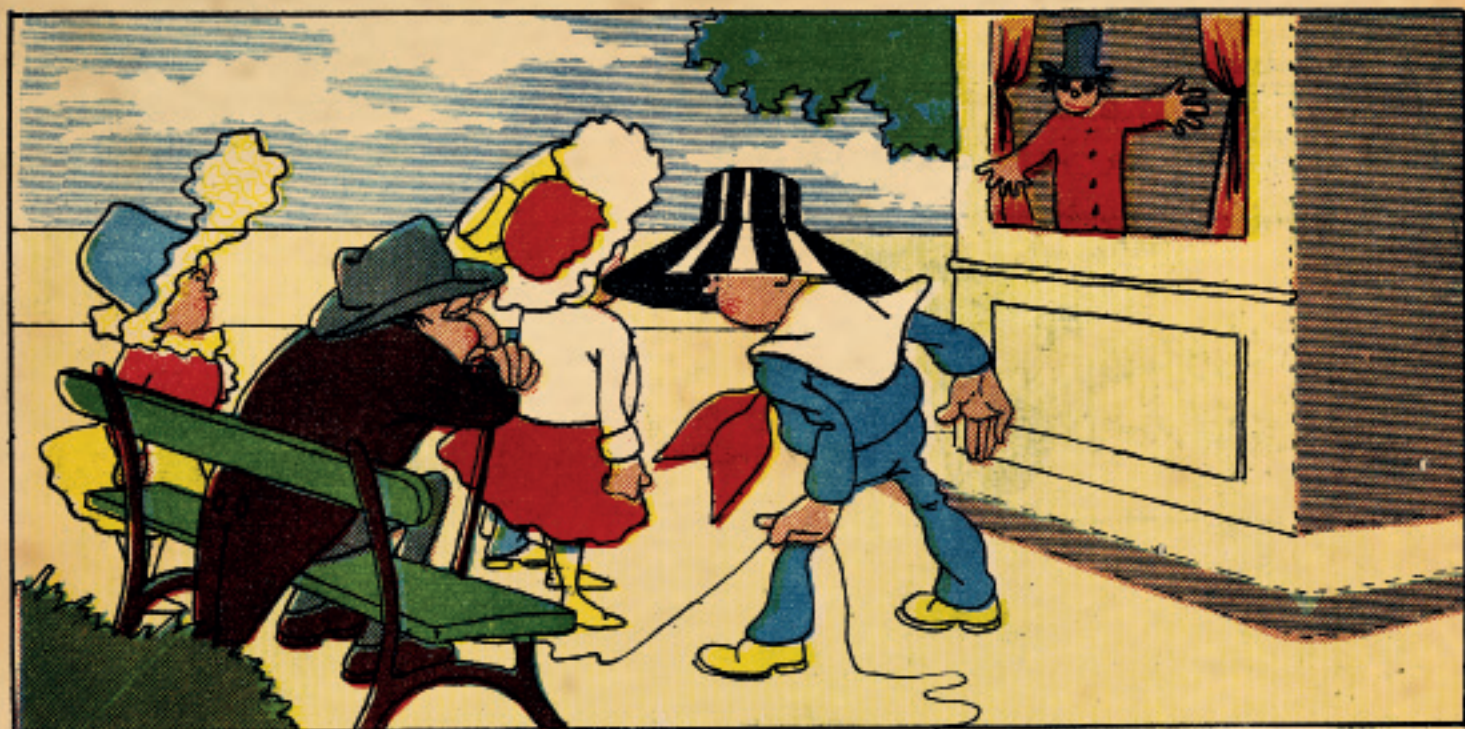
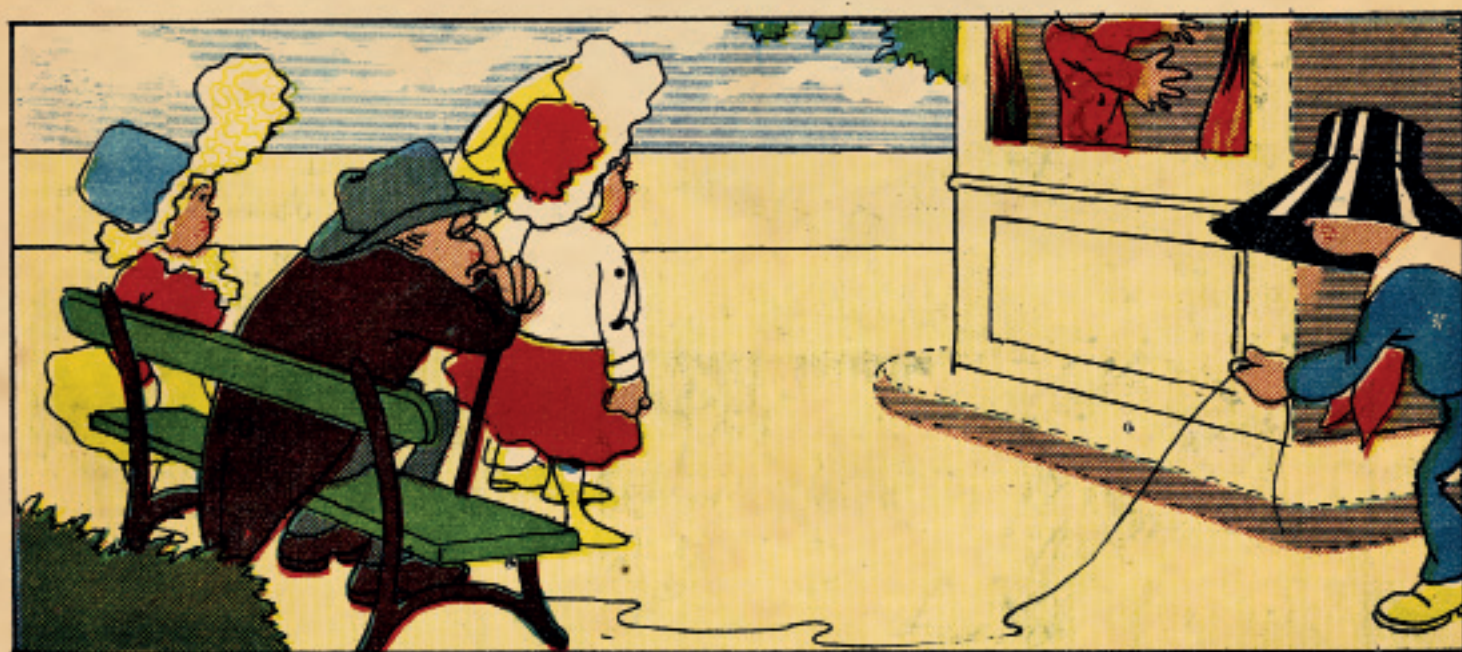
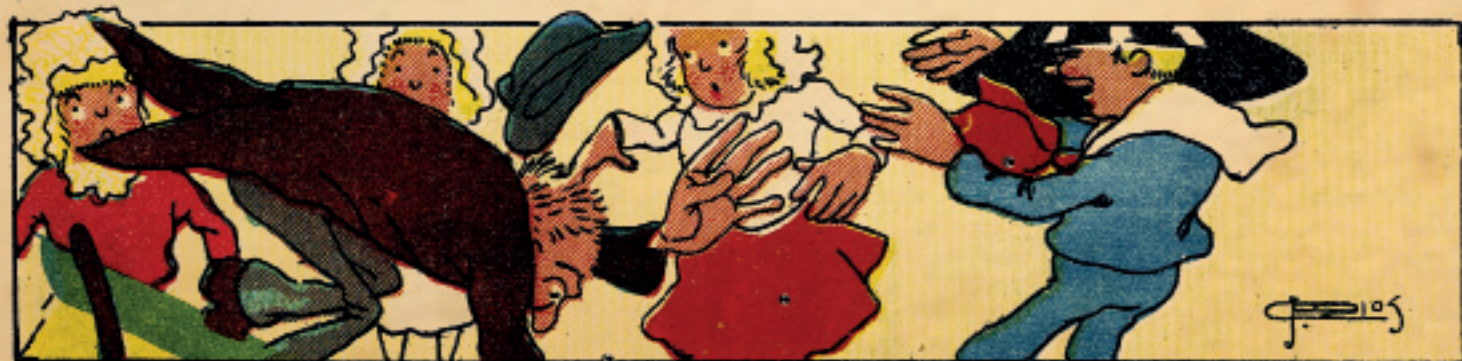
Juquinha, que não tem medo de chuva, sahiu á rua com tenções de percorrer a cidade, analysando os damnos causados pela inundação.

Observando attentamente lá foi elle lutando com o vento que parecia querer virar o guarda-chuva pelo avesso.

As aguas cresceram aterrorisadoramente e o Juquinha, embora muito corajoso, teve receio. Collocou o guarda-chuva sobre a agua...

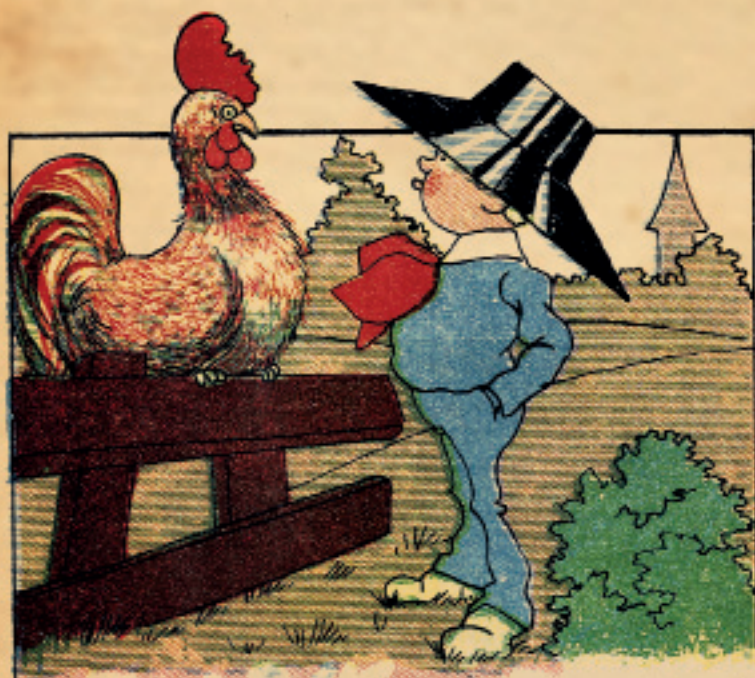
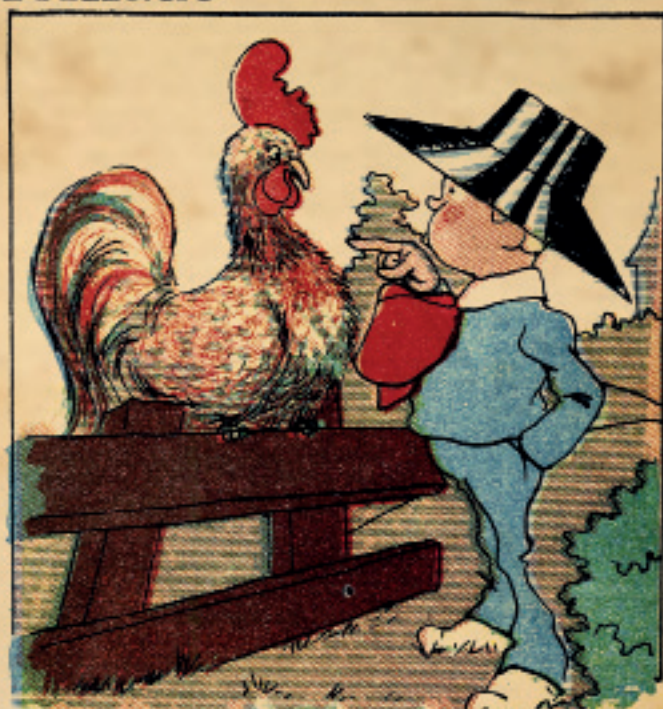
Embarcou com cautella...

e utilisando-se da correnteza, partiu para casa onde foi recebido por entre risadas dos seus papáis.

O TALENTO DE JUQUINHA
OS GATOS

Os gatos amedrontados pularam um para cada lado, mas o resultado, já os meninos comprehendem!
E emquanto os ouvia miar com desespero Juquinha ria-se a bandeira despregadas!

O TALENTO DO JUQUINHA

Juquinha vai todos os dias ao espectaculo no *guignol* de Botafogo.
Outro dia lá estava elle e viu, com grande surpresa, um velho assistindo á funcção. Juquinha enraiveceu-se e arranjou meio de amarrar um barbante na bengala do velho.

E algum tempo depois, aproveitando a distracção do pobre homem, Juquinha puxou com força o cordão e o

velho, que estava com o queixo apoiado á bengala, cahiu por terra, quebrando o nariz.
Mas tambem não imaginam que sapeca apanhou o Juquinha nesse dia. O proprio Chiquinho, que já está encouraçado, teve pena!

O TALENTO DE JUQUINHA

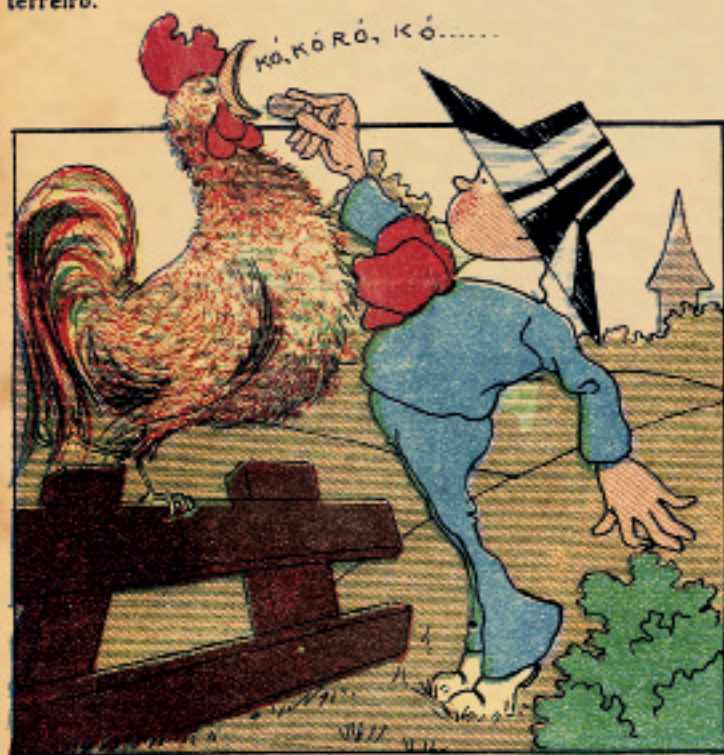
Um gallo arrolhado

Juquinha passeiando pela chacara, encontrou pousado sobre a cerca do gallinheiro um gallo convencido da sua autoridade no terreiro.

—Porque motivo você fecha os olhos quando canta? perguntou Juquinha.

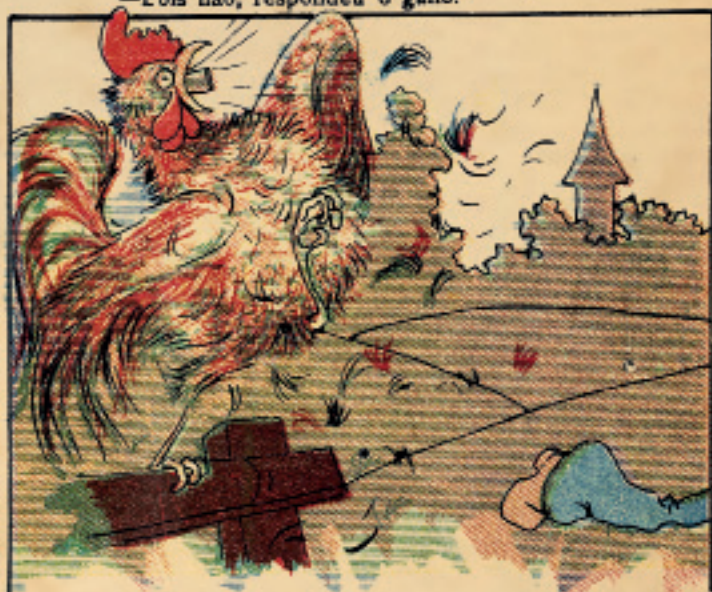
O gallo sacudiu as pennas e respondeu:

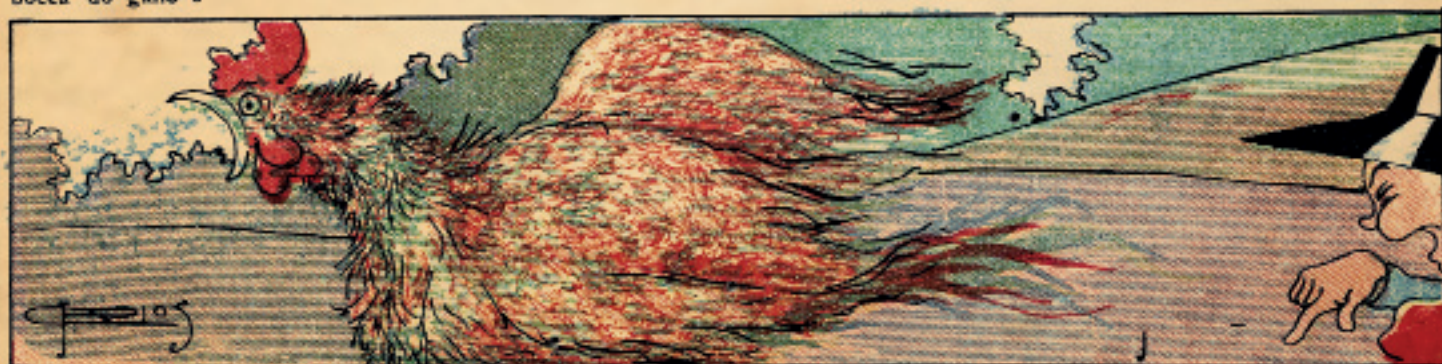
—E' porque já sei a musica de cór.

—E você não podia cantar um pouco para eu ouvir?

—Pois não, respondeu o gallo.

KÓ, KÓRÓ, KÓ......

E, abrindo a bocca fechando os olhos, começou a cantar.

Juquinha aproveitando o momento metteu uma rolha na bocca do gallo e

deitou a correr.

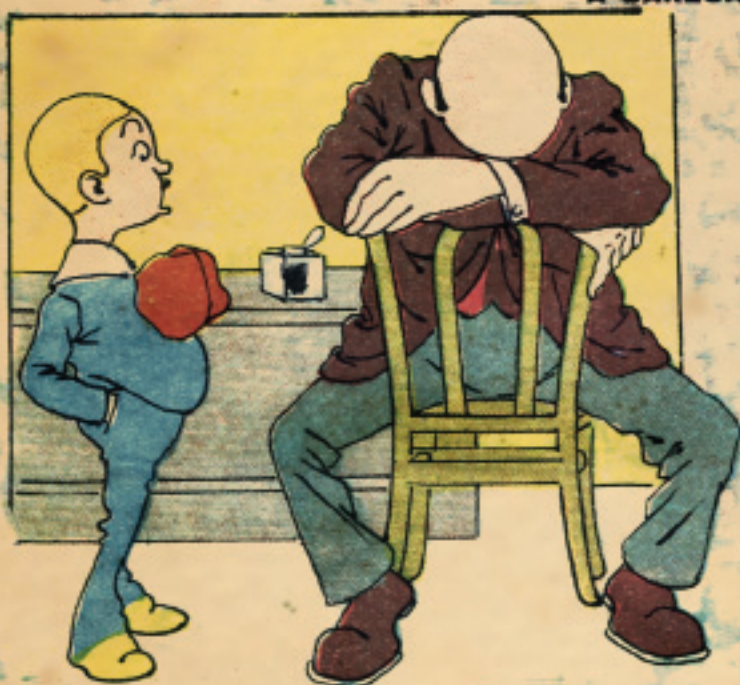
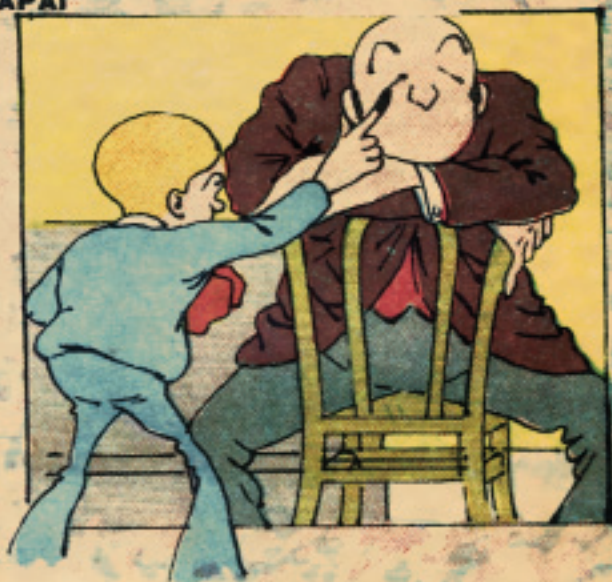
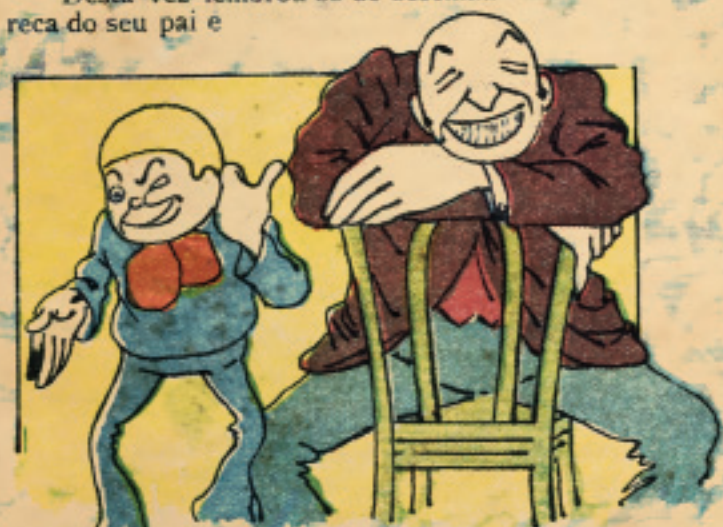
O pobre bicho engasgado bufava, fungava e

Juquinha gritava:

—Canta agora, canta!

Desde esse dia o gallo não cantou mais com os olhos fechados, mas Juquinha tambem teve que abrir os seus para não apanhar uma surra, visto que o papae não quer dessas judiarias com os bichos.

Anno II RIO DE JANEIRO,—QUARTA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 1906 Num. 30

O TALENTO DO JUQUINHA

A CARECA DO PAPAI

(1) Outra travessura acaba de fazer o Juquinha. Desta vez lembrou-se de desenhar uma cara na careca do seu pai e

(2) Servindo-se de tinta de escrever, poz em execução a sinistra idéa.

(3) Quando terminou, o Juquinha disse lá comsigo:
— Mamãi agora não conhece mais papai.
E realmente todos ficaram aterrados, pensando que era um ladrão que havia entrado em casa.

(4) E' excusado dizer que desta vez o Juquinha não escapou, apanhou mais que o proprio Chiquinho.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) *TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES* Numero avulso 200 réis

Anno II | RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 1906 | Num. 32

O TALENTO DO JUQUINHA

TERRIVEL VINGANÇA

Os leitores recordam-se ainda da ultima pilheria do Juquinha?

O nosso heróe depois de ter pregado aquella peça do café gelado, apanhou uma sova tremenda.

Todavia seu padrinho deu-lhe como presente de annos uma caixa de tintas e Juquinha vingou-se pintando na parede do quarto o magnifico painel que ahi está.

Este é papae. Muito bom moço quando não encontra os seus chinellos.

Esta é mamãe.. Gosta mais de mim que papae. Ás vezes fica zangada e puxa as minhas orelhas com força.

Esta é vovó só gosta de mim quando estou no collegio. Nunca sabe onde esqueceu os oculos e quando elles não apparecem quem paga o pato sou eu.

Esta é a cabelleira de papae.

Esta é a cesta de costura de vovó. Está sempre toda remexida.

Este é vovô. Muito rabugento quando não encontra a sua bengala, o leque ou o jornal puxa-me as orelhas.

Este é seu Antonio. Quando apparecem pisados os canteiros vai logo dizer a papae que fui eu quem os pisou

Esta é a Florença. Leva todo dia gritando: ô Nhasinha ôia sô Juquinha que já foi pô gallinheiro. Gallinha tudo tá sôrto.

Esta é bengala que brinca o tempo será com vôvo.

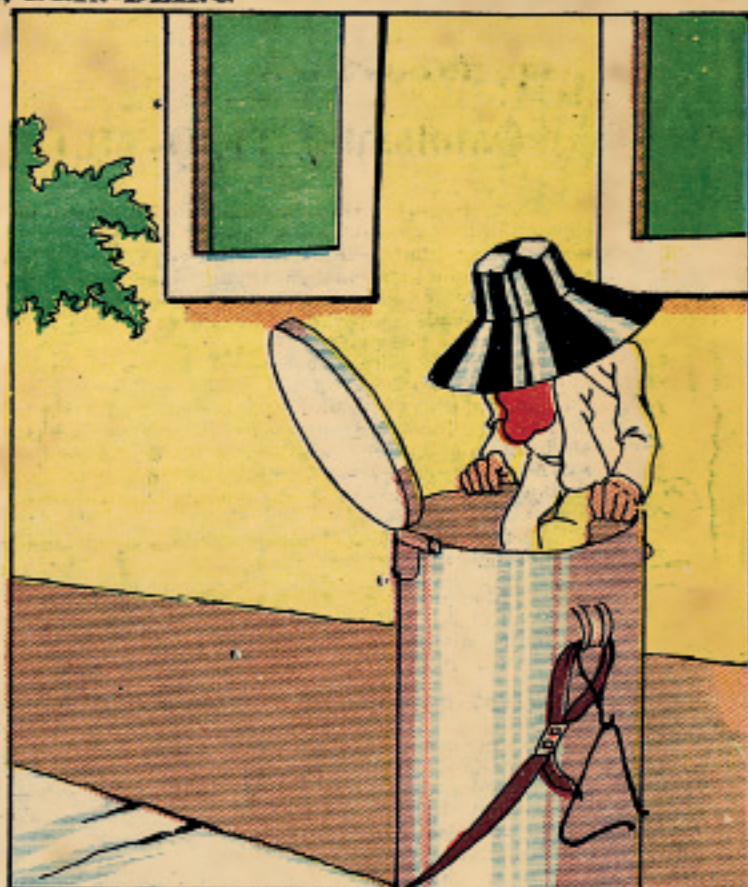
Esta é a Maria. Vive fazendo queixas: — Ó minha patrôa o menino cá está a fazer tolices e a dizer nomes feios Está a metter os dedos na compoteira do doce de côco.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 - RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES Numero avulso 200 réis

Ahi não houve um convidado que não acceitasse. Todos beberam, todos fizeram cara feia, mas, ao menos, ninguem queimou a guéla.

O TALENTO DO JUQUINHA

O DLIN-DLING, DLIN-DLING

Um vendedor de cartuchos doces, sentindo muita sêde, arriou a lata onde levava a sua mercadoria e dirigiu-se á venda mais proxima.
Juquinha aproveitando a occasião,

abriu a lata com grande cautela e metteu-se dentro.

Pouco tempo depois voltava o mercador e apezar de sentir carga mais pesada não se preoccupou muito.
Juquinha muito quietinho enchia o pandulho com os saborosos cartuchos.

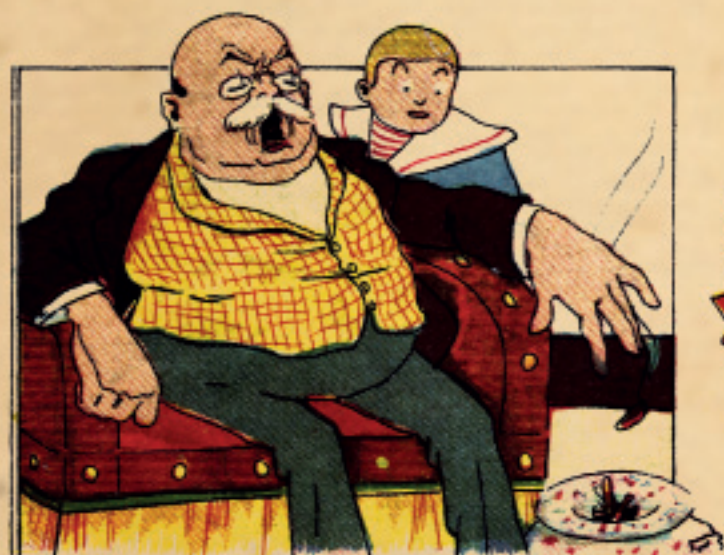
De repente, ouviu-se um grande barulho: Era Juquinha que tendo já saciado a sua gulodice sacudiu a tampa da lata e pulou para fóra. O pobre homem aterrorisado com a explosão, cahiu desmaiado, emquanto Juquinha corria, gritando:
— Foi um tiro de canhão!

Anno II | RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 1906 | Num 36

O TALENTO DO JUQUINHA

UMA EXPLOSÃO

1 Após o jantar o pae de Juquinha accende um charuto, recosta-se no *divan* e ahi faz a sua digestão.

2 Juquinha, sempre travesso, encheu a escarradeira com bichas, bombas, gira-sóes, buscapés, etc., e, cautelosamente,

3 afastou se, esperando que a sua obra fosse coroada de bom exito.

Pouco tempo depois o seu papae puxou mais uma fumaça do charuto e, n'um gesto somnolento, atirou-o á escarradeira.

4 O resultado não se fez esperar: o fogo communicou-se ás bichas e a explosão fez-se sentir, immediatamente.

Por todos os lados corriam buscapés, rodinhas, salta-moleques, gira-sóes e, emquanto Juquinha se raspava d'alli o seu papae pulava, gritava, e se debatia com o foguetorio!

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES Numero avulso 200 réis

O TALENTO DO JUQUINHA

INCENDIO NUMA VELHA

1 A ultima pilheria do Juquinha podia ter consequencias bem funestas.

Ha poucos dias o nosso heróe amarrou á saia de uma pobre velha um gira-sol.

2 Em seguida accendeu-o.

3 O effeito não se fez esperar. A terrivel composição pyrotechnica começou a girar ruidosamente em torno da velha, que aterrorisada, pedia que avisassem o corpo de bombeiros!

O proprio Juquinha ficou amedrontado e, receioso, fugiu para casa, onde, felizmente, levou uma sova.

O TALENTO DO JUQUINHA

O Capote do Papai

VALE
PARA O CONCURSO N. 127

VALE
PARA O CONCURSO N. 128

O TALENTO DO JUQUINHA

Os pés da vóvó

(1) Mais uma vez a *D. Eulalia* foi victima das travessuras de seu endiabrado neto.

Desta vez ainda o *Juquinha* a surprehendeu ferrada no somno e, ...

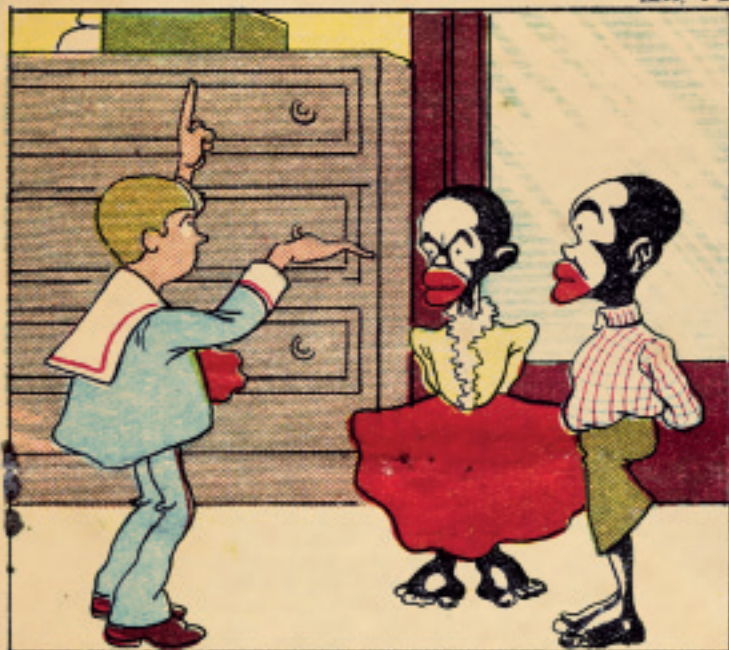
(2) resoluto como sempre, arranjou uma porção de botinas velhas e collocou-as cautelosamente em torno dos pés.

(3) Quando a *D. Eulalia* acordou, passou um susto medonho. Não era para menos. A pobre Sra. pensou que durante o seu somno tinham-lhe nascido uma porção de pés.

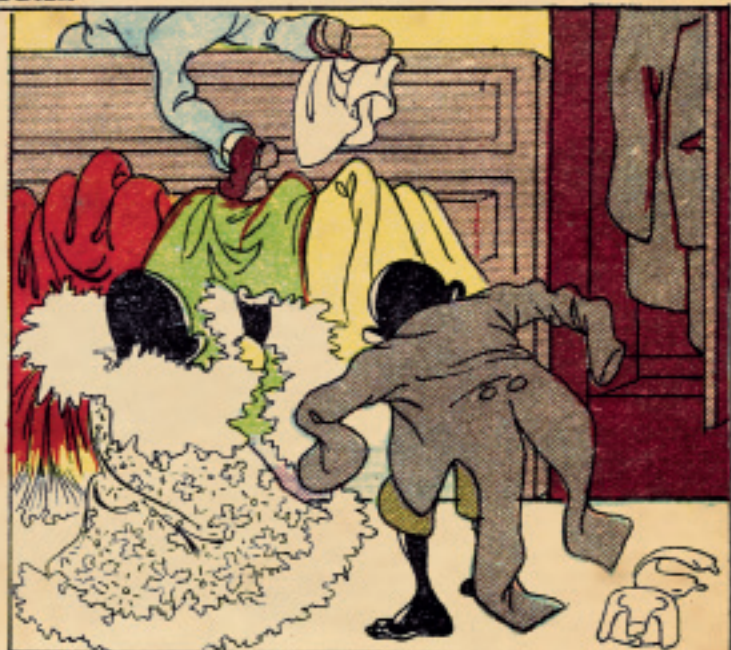
E *Juquinha*, prevendo o mau resultado de sua pilheria, poz-se em fuga, perseguido por *D. Luiza*.

Anno II RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 11 JULHO DE DE 1906 **Num. 40**

O TALENTO DO JUQUINHA

AS VISITAS

1) A Florencia, cozinheira dos pais de Juquinha, tem dous filhos: a Sebastiana e Benedicto.

O Juquinha chamou-os, um dia e lhes disse:

—Venham cá vamos fazer uma brincadeira. Vocês vão fingir que são visitas e, por conseguinte, é preciso que se preparem decentemente. Vou-lhes dar roupa.

2) E levando-os ao quarto de dormir, começou a destribuir as roupas do papai e da mamãi. Os dous negrinhos, embora receiosos com o resultado do brinquedo, vestiram-se.

3) Estavam emfim preparados. A Sebastiana enfiada em uma riquissima capa de baile e Benedicto de casaca, cartola e um charuto na bocca.

—Agora disse Juquinha, vocês vão se sentar alli na sala de visitas, eu finjo de dono da casa, venho lá de dentro e começamos a conversar.

Os moleques accederam e foram esperal-o.

Juquinha, porém, em logar de cumprir o promettido, foi chamar mamãi e dizendo:

—Está o Dr. Charuto e a sua senhora.

4) D. Luiza ficou um tanto surprehendida, pois não conhecia semelhante familia, entretanto, lá foi á sala e ahi encontrou os dois moleques repimpados no sofá. A principio teve vontade de rir, mas, comprehendendo que Juquinha está ficando muito levado, puxou-lhe as orelhas.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) *TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES* **Numero avulso 200 réis**

Anno II RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 1906 Num. 41

ORA O JUQUINHA!

O TALENTO DE JUQUINHA

1) A ultima travessura do terrivel Juquinha inutilisou um bello retrato a oleo da bisavó de D. Luiza.
O nosso traquinas teve de repente uma idéa pasmosa.

2) E compenetrado de que é um grande artista, arranjou um pincel, uma bem preta, e, trepando para uma cadeira, pintou bigodes, barba e «pincenez» no precioso retrato.

3) Estava prompto esse bello trabalho quando, ouvindo rumor, pensou na colera de sua mãe e, precipitando-se da cadeira, tratou de fugir...

4) Mas não conseguiu escapar.
D. Luiza, quasi chorando de raiva, segurou-o por uma orelha e fel-o lamentar deveras a sua brilhante estréa na arte da pintura.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) *TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES* **Numero avulso 200 réis**

Anno II RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 1906 Num. 42

O TALENTO DO JUQUINHA

Mamãe vai ao theatro

1 D'esta vez a travessura do Juquinha foi uma vingança por que seus pais não o quizeram levar ao theatro.

2 Juquinha chorou, pediu mas nada obteve. Seus pais resolvidos a castigal-o, diziam-lhe vestindo-se:

— Emquanto fores malcreado e traquinas não sahirás comnosco.

3 A' vista da inabalavel resolução paterna, o nosso heroe foi ao quarto de toilette e resmungando:

— «Ah! eu não vou, mas deixa estar!»

E despejou no vaso de pó de arroz um pacote de pó de sapato.

4 Pouco depois D. Luiza voltou ao quarto, calçou as luvas e quando já estava completamente prompta poz apressadamente pó de arroz no rosto.

5 E foi buscar a sua capa mas no meio do caminho encontrou seu marido que não poude conter o riso ao vel-a com o rosto que até parecia o de um carvoeiro.

Juquinha, que não deve ser imitado por nenhum de nossos leitores, apanhou uma sova e por castigo, foi se deitar sem tomar leite.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES Numero avulso 200 réis

Anno II. RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 1 DE AGOSTO DE 1906 Num. 43

O TALENTO DO JUQUINHA

NA SALA DE JANTAR

O relogio da sala de jantar parou. Juquinha, o terrivel traquinas, em um momento em que sua mãe estava dando ordens na cozinha, preparou-se para dar corda ao relogio.

Com alguma difficuldade trepou sobre a *etagère*, mas presentindo os passos de alguem que se approximava, quiz descer a toda a pressa mas com tanta precipitação o fez que...

... tudo quanto se achava na *etagère* desceu tambem com elle.

Foi um barulho infernal.

Quebraram-se nada menos de tres duzias de pratos, vasos, e até a cabeça do pobre Juquinha que jurou nunca mais dar corda em relogios.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) *TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES* Numero avulso 200 réis

Anno II | RIO DE JANEIRO, —QUARTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1906 | Num. 46

O TALENTO DO JUQUINHA

(O anniversario de papai)

(1) O pai do Juquinha fez annos, e, para commemorar a grande data, resolveu dar uma festa para a qual convidou todos os seus amigos.

(2) Juquinha, que continúa a ser terrivel, encontrou sobre um movel uma luva e dirigiu-se immediatamente á sala de jantar. Ahi com a cautela habitual, encheu-a de doce de creme e, foi collocal-a no mesmo lugar em que a tinha encontrado.

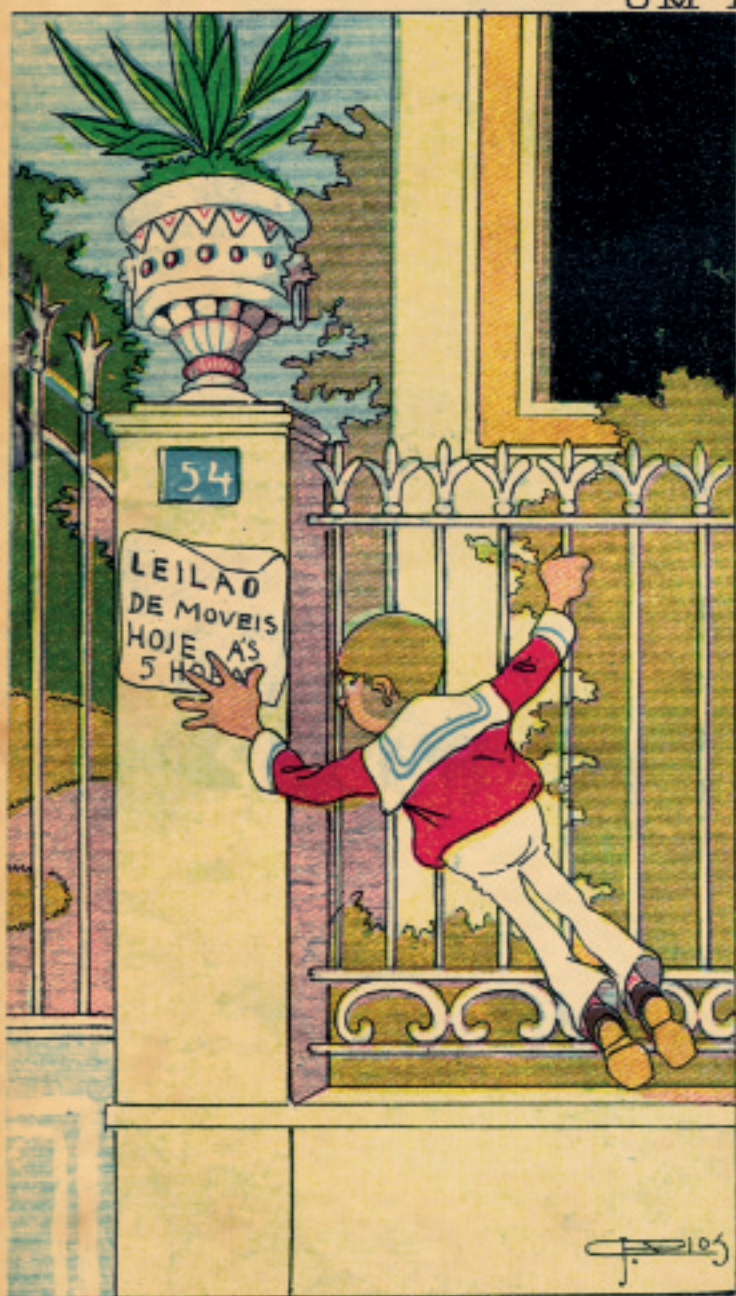
(3) O dono da luva, que era o Dr. Carrapatoso, foi procural-a e voltando para a sala de visitas, começou a calçal-a conversando com o conselheiro Carvalhaes.

4) De repente o Dr. Carrapatoso sentiu que a luva estava toda molhada e descalçou-a immediatamente.

Estava com as mãos todas lambuzadas de dôce. Juquinha escondeu-se, mas dona *Luiza* está á sua procura...

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) *TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES* **Numero avulso 200 réis**

Anno II — RIO DE JANEIRO, - QUARTA-FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 1906 — Num. 49

O TALENTO DO JUQUINHA

UM LEILÃO

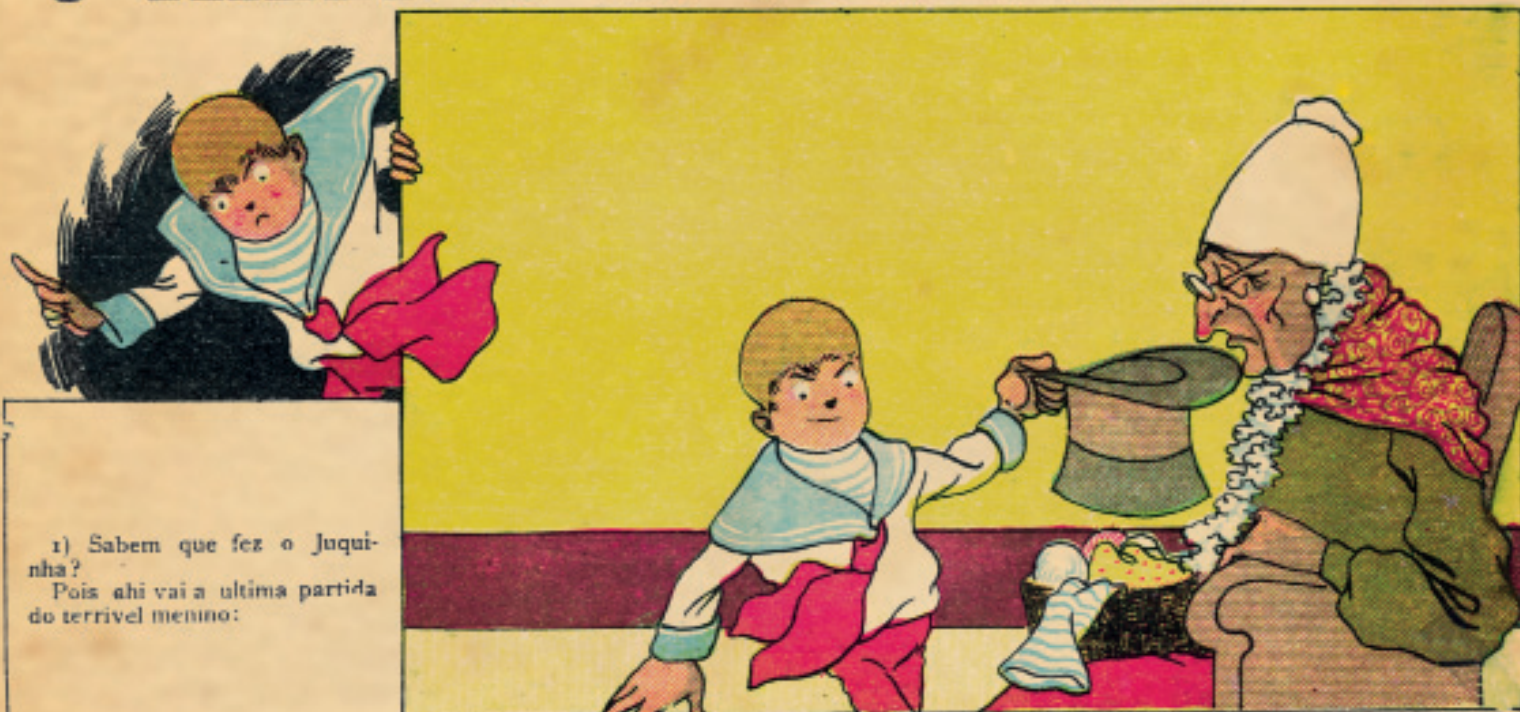
1) Decididamente o Juquinha está com o diabo no corpo.
Outro dia teve a genial idéa de pregar no portão da casa do commendador Pestana um cartaz annunciando um leilão de moveis.

2) A' hora annunciada appareceu muita gente que pretendia adquirir moveis bons e baratos. A familia do commendador Pestana ao ver aquella multidão estacionada no portão de sua casa ficou surprehendida.
E os freguezes riam do espanto das victimas do Juquinha que dessa vez se viu atrapalhado com Papae.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES Numero avul o 200 réis

Anno II — RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1906 — Num. 50

O TALENTO DO JUQUINHA

A VÓVÓ

1) Sabem que fez o Juquinha?
Pois ahi vai a ultima partida do terrivel menino:

2) A sua avó estava fazendo meia quando adormeceu e, Juquinha, aproveitando o profundo somno a que ella se entregou, foi buscar a cartola de papai, um penacho, uma cenoura, etc., e, em pouco tempo, transformou a d. Eulalia.

3) Quando d. Luiza e a creada Maria entraram na sala ficaram amedrontadas deante da vóvó do Juquinha que até parecia um macaco de realejo. Desta vez a sova que Juquinha levou foi tremenda e está desde hontem fechado num quarto escuro. Ahi elle janta e almoça, mas não lhe dão dôce.

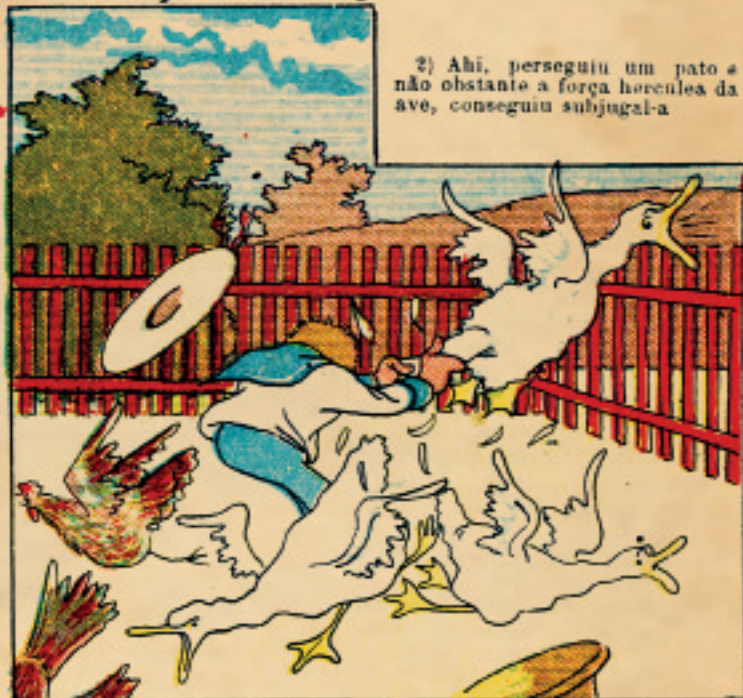
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Numero avulso 200 réis

Anno II — **RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 1906** — **Num. 51**

O TALENTO DO JUQUINHA

Transformação de um pato

1) No quarto escuro onde foi encerrado o Juquinha, depois da traquinada com a vóvó, ha um bahú velho. Juquinha revolveu-o todo e, encontrando alguns chapéos velhos da mamãe, arrancou todas as plumas que ainda os adornavam.

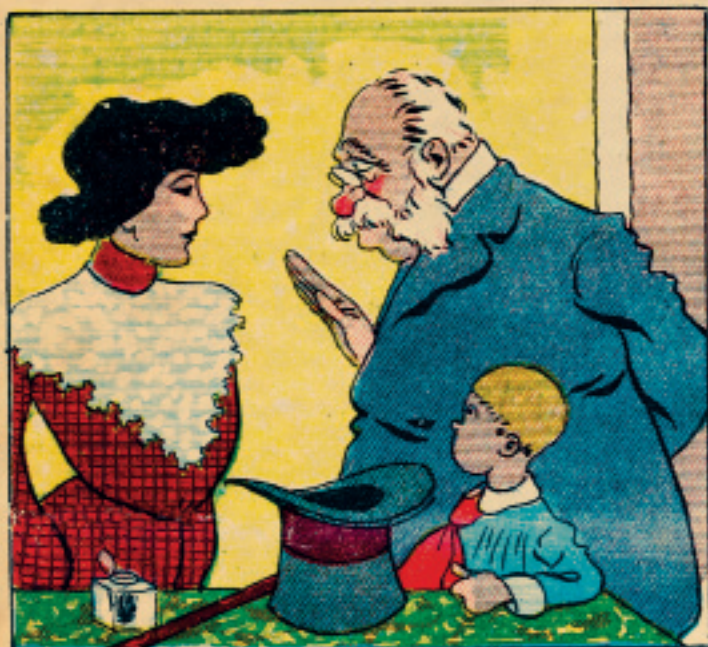
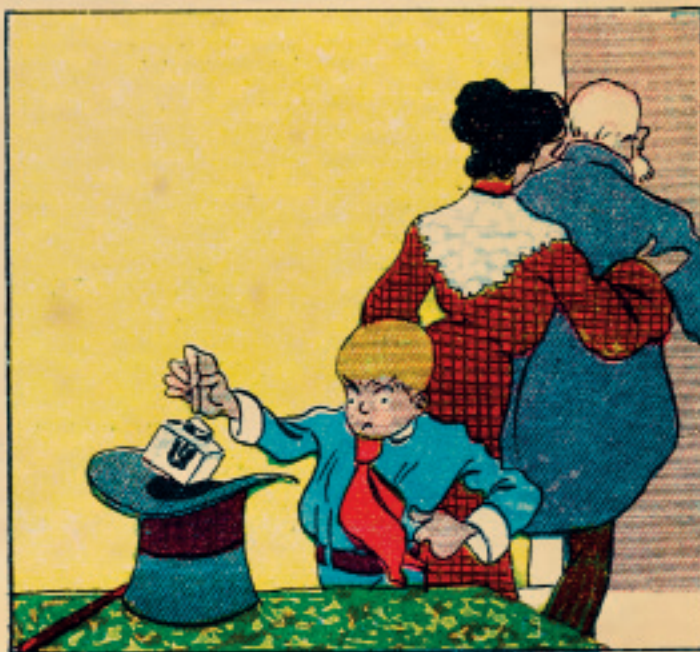
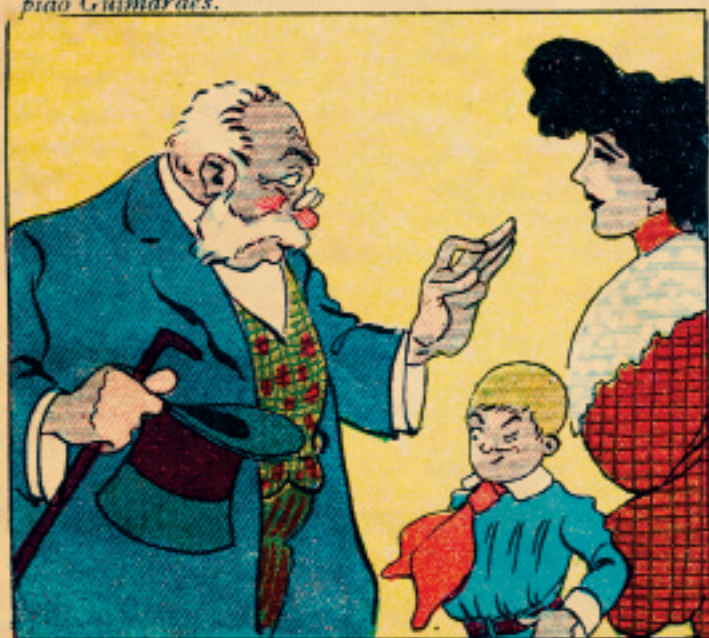
Logo após, tendo obtido a sua liberdade, se dirigiu ao gallinheiro.

2) Ahi, perseguiu um pato e não obstante a força herculea da ave, conseguiu subjugal-a

3) Com a habilidade de que é dotado amarrou á cauda do pobre bicho todas as plumas velhas.

4) O pato esperneando, livrou-se do dominio de Juquinha e, ainda aterrado, esticou o pescoço e começou a contemplar aquella estranha plumagem, emquanto Juquinha e os outros patos enchiam o gallinheiro de gargalhadas estrondosas.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) — *TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES* — **Numero avulso 200 réis**

Anno II RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO DE 1906 Num. 52

O TALENTO DE JUQUINHA — O Dr. Serapião

1) O pai de *Juquinha* resfriou-se e, como se acha com alguma febre, *D. Luiza* mandou chamar o Dr. *Serapião Guimarães.*

2) *Juquinha*, aproveitando o momento em que a *mamãi* e o medico se dirigiam ao quarto do doente, entornou o tinteiro dentro da cartola do doutor.

3) Alguns minutos depois o Dr. *Serapião*, recommendando o modo de usar os medicamentos receitados, retirou-se e,

4) *Juquinha*, seguiu-o até á rua, onde teve terrivel exito a sua idéa. O Dr. *Serapião*, quando collocou a cartola na cabeça, sentiu os effeitos da chuva de tinta e ficou furioso. Felizmente para *Juquinha* D. Luiza ainda não soube deste caso.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES Numero avulso 200 réis

Anno II RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 1906 Num. 54

O TALENTO DO JUQUINHA – Os bigodes do professor

Esperem pelo proximo numero e verão o resultado d'essa falta de respeito de Juquinha para com o dr. Robicundo!

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 – RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES Numero avulso 200 réis

Anno II RIO DE JANEIRO,—QUARTA-FEIRA, 24 DE OUTUBRO DE 1906 Num. 55

O TALENTO DO JUQUINHA.

Os bigodes do professor. (*Continuação*)

1) O *dr. Rubicundo* apenas percebeu a pilheria do *Juquinha*, interrompeu a lição e foi á procura de *d. Luiza* a quem se queixou.

2) *D. Luiza*, que não deixa *Juquinha* por o pé em ramo verde, sahiu como uma furia e foi até o gabinete de estudo,

3) ...onde se passou uma scena terrivel!—Agarrou o *Juquinha* com toda a força e fez-lhe o mesmo que elle fizera do professor: pintou-o.

4) *Juquinha*, ao se ver livre das mãos maternas, estava em misero estado e, aterrado com o que se passara, monologou em voz baixa:

—Nunca mais me metto a pintar nem o dr. *Rubicundo* nem a manta. Que dirá Chiquinho?!.. (*Fim*).

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO *TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES* Numero avulso 200 réis)

Anno II RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1906 Num. 56

O TALENTO DO JUQUINHA.

Ainda o professor.

(Continúação)

Poucos dias depois da aventura que relatamos no ultimo numero o dr. Rubicundo foi á casa do Juquinha para dar a aula do costume. Mas, nesse momento, todos, em vão, procuraram o Juquinha pela casa toda. Não foi possivel encontral-o. Nada, que elle ainda estava escaldado da lição que tomara por causa da tinta.

REDACÇÃO E ADMNISTRAÇÃO. Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) *TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES* **Numero avulso 200 réis)**

Anno II RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 14 DE NOVEMBRO DE 1906 Num. 58

O TALENTO DO JUQUINHA

Nova pilheria

Juquinha, já muito desconfiado com o máo exito nas travessuras em casa, resolveu dar um passeio e fazer as suas tropelias sem que ninguem o possa atrapalhar.

E assim fez.

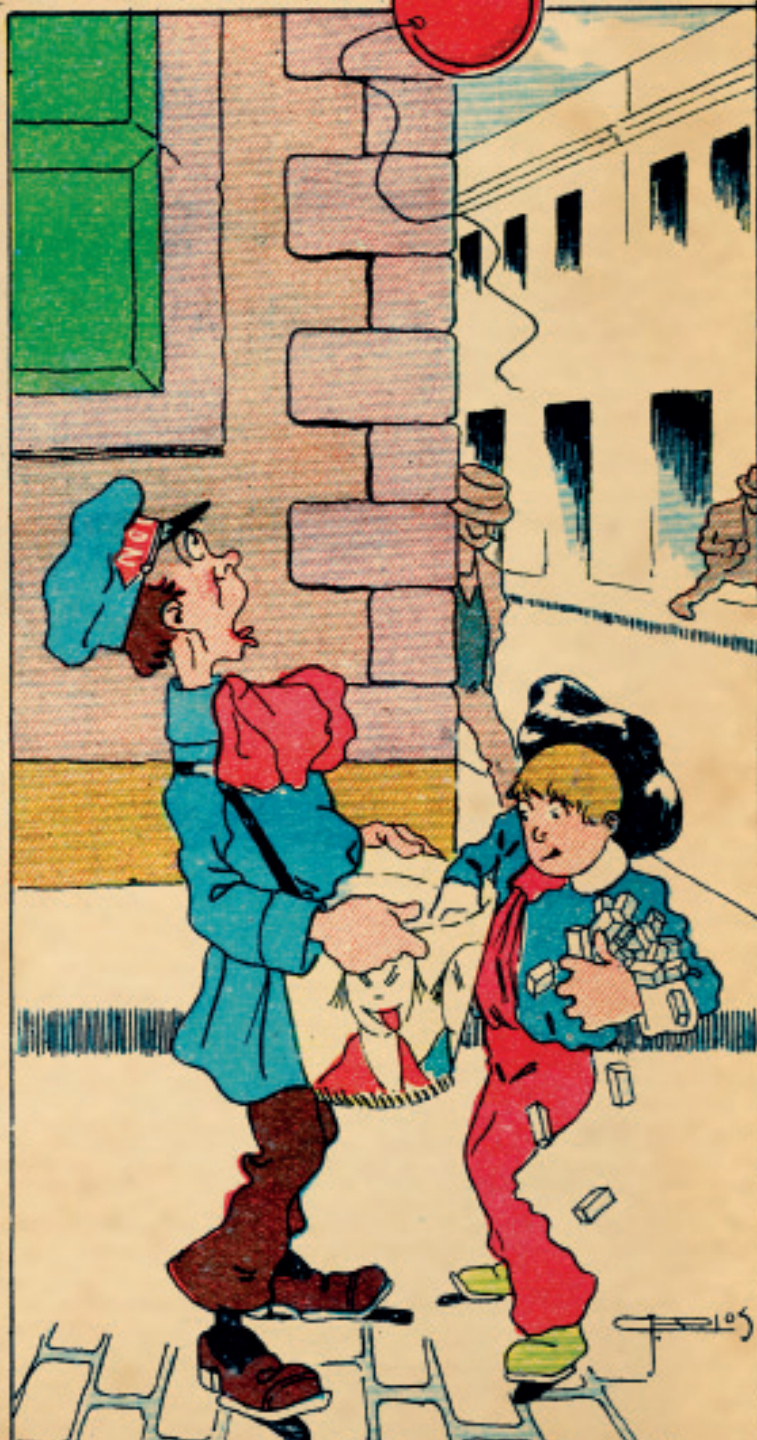
Depois de muito pensar, occorreu-lhe uma idéa, e apressado, correu a comprar um balão destes que tanto divertem a meninada. Para que ? Que quererá fazer Juquinha com esse balão ? Não o sabemos ainda, mas elle prommette vir contar o caso na proxima quarta-feira.

- REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. Rua do Ouvidor, 132 - RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES Numero avulso 200 réis)

Anno II — RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 1906 — Num. 59

O TALENTO DO JUQUINHA

Nova Pilheria

(Continuação)

(1) E a procura de alguem, que fosse a victima de sua nova tropelia o *Juquinha* seguiu pela rua levando preso á mão o balão, que havia comprado.

Desta vez o escolhido foi um vendedor de *nougat japonez*. Juquinha approximando-se d'elle deixou escapar o balão propositalmente e . . .

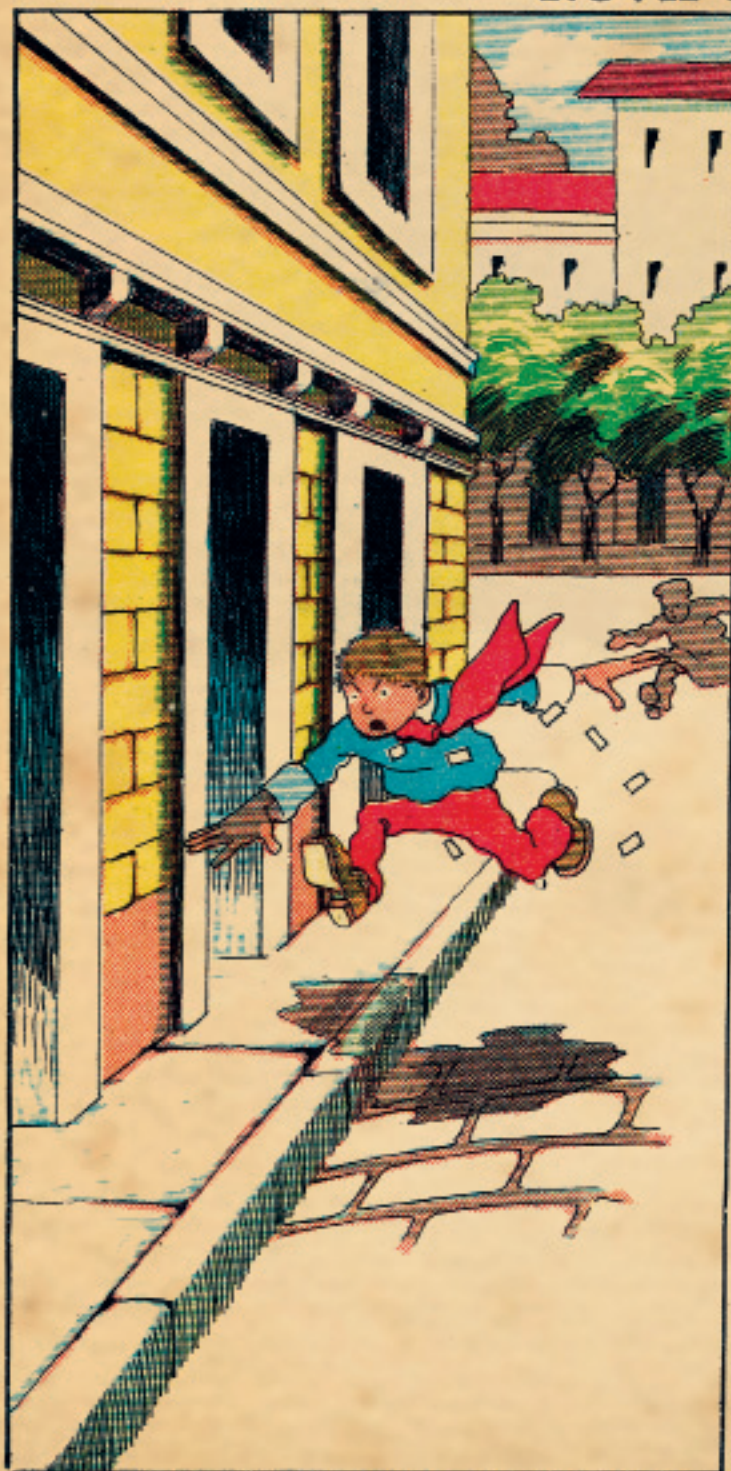
(2) emquanto o vendedor de *nougat*, descuidado, seguia com o olhar a fuga do balão, *Juqũinha*, mettendo as mãos na cesta, fazia uma provisão avantajada da saborosa gulodice.

(*Continúa*)

REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO. Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO | *TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES* | **Numero avulso 200 réis**

Anno II — RIO DE JANEIRO, — QUARTA-FEIRA, 28 DE NOVEMBRO DE 1906 — Num. 60

O TALENTO DO JUQUINHA

NOVA PILHERIA *(Continuação)*

Logo que o vendedor de *Nougat* sentiu que estava sendo roubado em sua mercadoria sahiu a correr atraz de Juquinha gritando:

—Péga, ladrão! Péga, ladrão!...

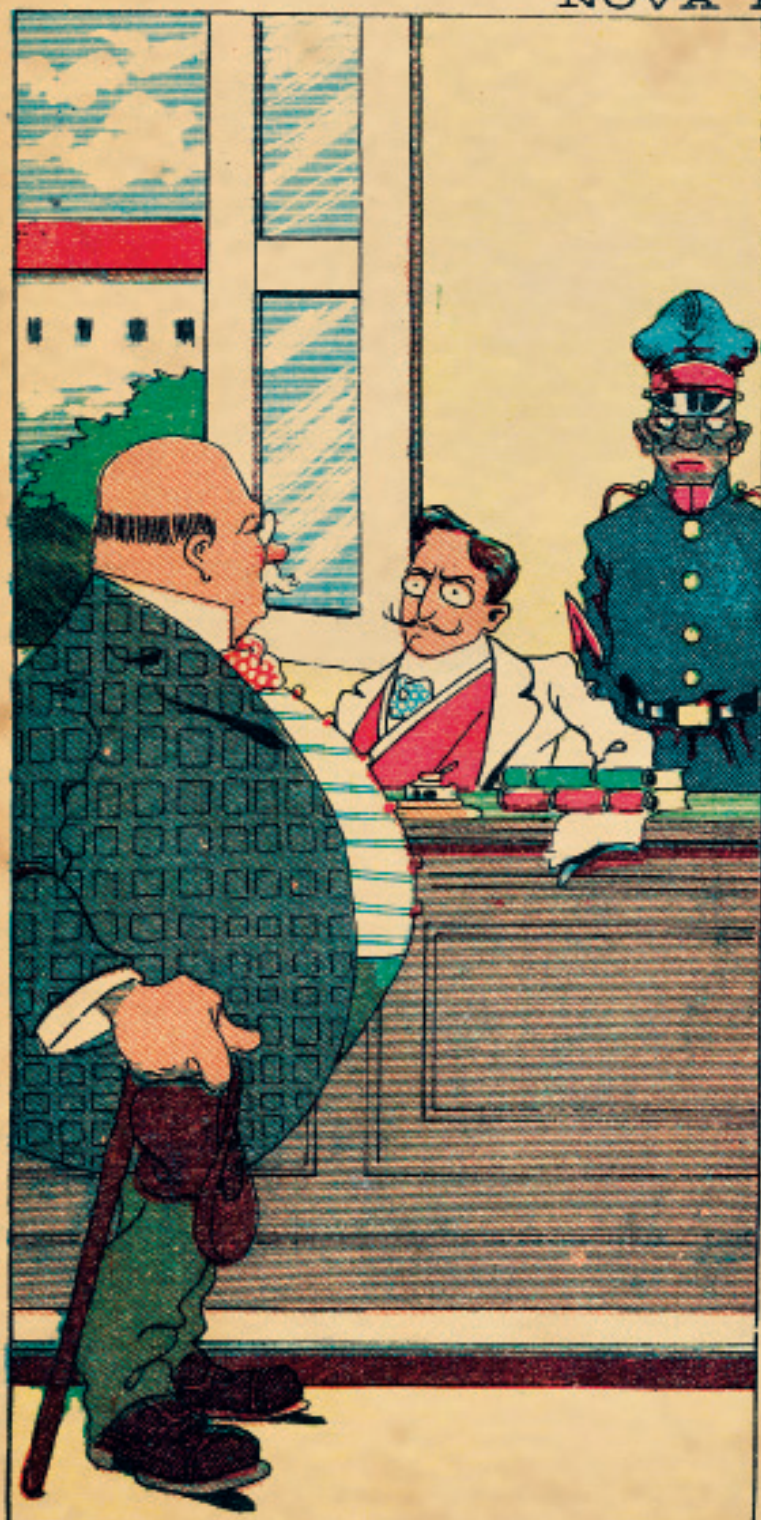
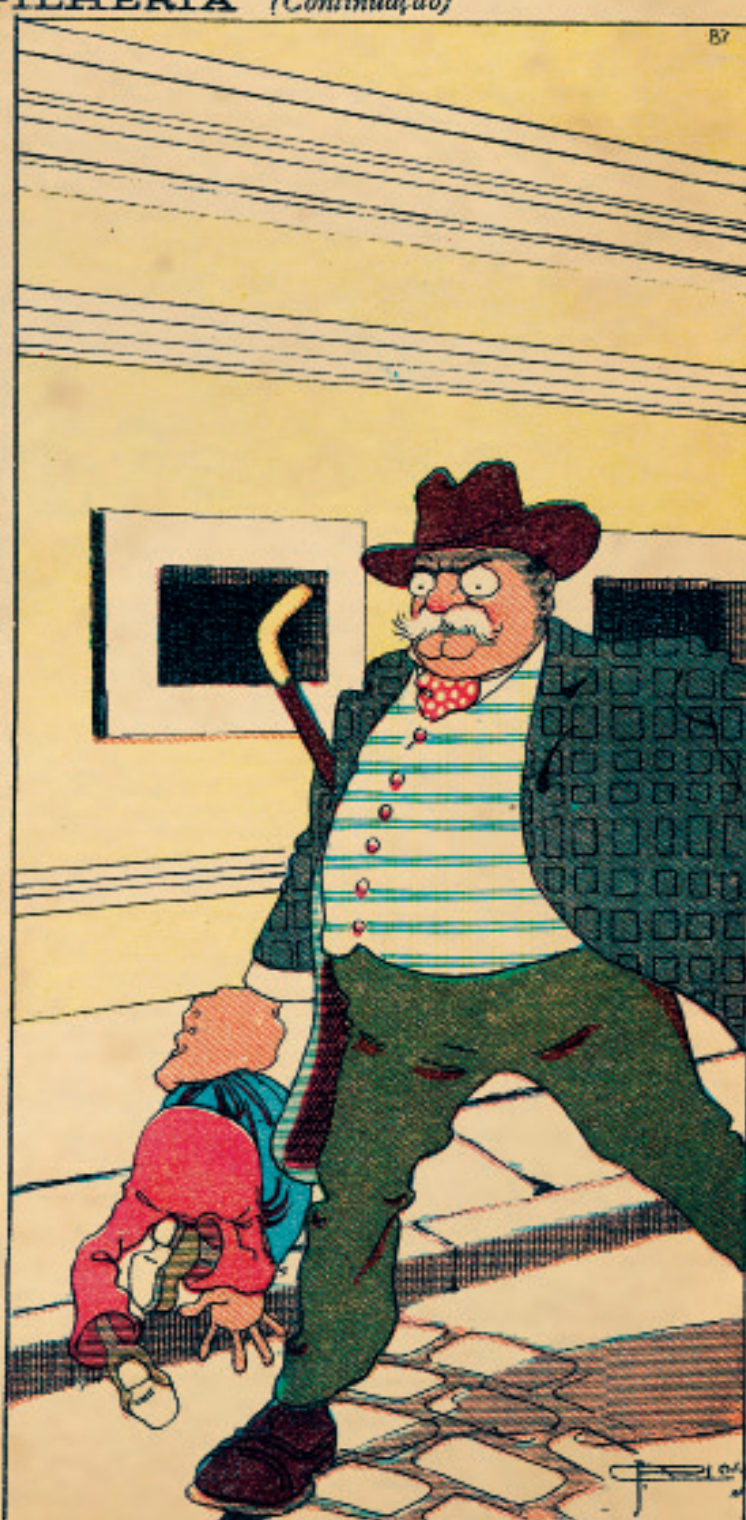
Logo adiante appareceu um guarda civil e segurou Juquinha. Depois sabendo o que o terrivel menino fizera, sendo causa de tão grande gritaria, levou-o preso para o xadrez.

(Continúa)

REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO — TIRAGEM: 27.000 EXEMPLARES — Numero avulso 200 réis

Anno II RIO DE JANEIRO,—QUARTA-FEIRA, 5 DE DEZEMBRO DE 1906 Num. 61

O TALENTO DO JUQUINHA

NOVA PILHERIA *(Continuação)*

1) O pai de Juquinha logo que soube que seu filho fora preso dirigiu-se á delegacia. Ahi o delegado lhe disse que Juquinha tinha sido agarrado por ter illudido a attenção de um mercador, furtando-lhe a mercadoria.

2) Emfim a pedido de seu pai, sahiu Juquinha do xadrez e foi levado para casa onde o seu castigo foi ainda mais tremendo! Bem feito! Um menino que pratica um acto tão degradante merece uma sova valente. FIM.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO TIRAGEM: 30.000 EXEMPLARES Numero avulso 200 réis)

Anno II — RIO DE JANEIRO,—QUARTA-FEIRA, 19 DE DEZEMBRO DE 1906 — Num. 63

O TALENTO DO JUQUINHA

Consequencias

Depois da celebre travessura, da qual resultou aquelle ajuste de contas no xadrez, o Juquinha tornou-se mais conhecido do que nunca, e, quando sahe á rua, não o deixam em paz. Todos apontam para elle, dizendo:

—Aquelle é o tal menino que foi preso por ter furtado os doces de um doceiro!...

E o Juquinha, córado, envergonhado, arrepende-se a todo o instante da triste façanha. Livra! Nunca o travesso Juquinha se viu tão castigado.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) *TIRAGEM: 30.000 EXEMPLARES* (Numero avulso 200 réis)

Anno II — RIO DE JANEIRO. — QUARTA-FEIRA, 26 DE DEZEMBRO DE 1906 — Num. 64

O TALENTO DO JUQUINHA

Consequencias

(1) No outro dia um garrafeiro ia pelas ruas do bairro esganiçando-se na celebre phrase: — EH, GUERRAFA VASIA P'RA VENDERE...

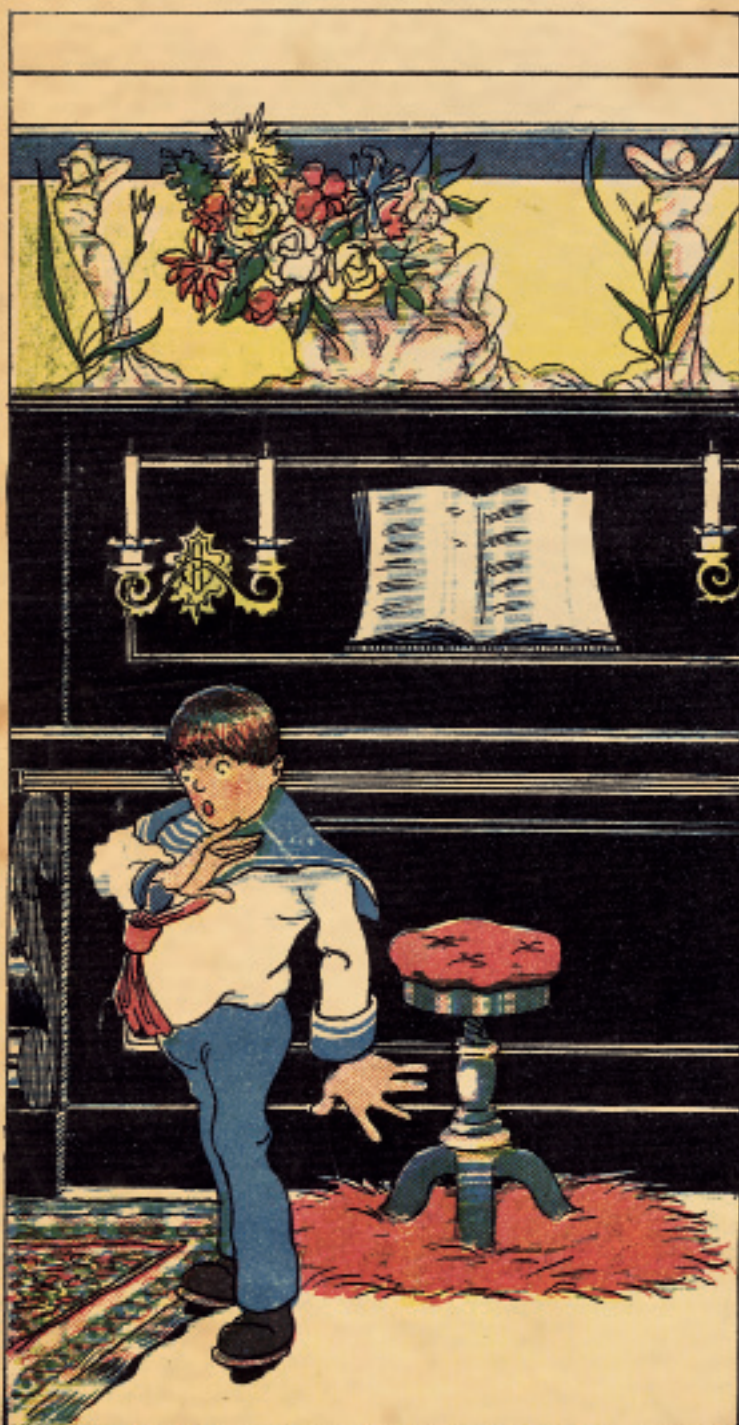
Juquinha, nas suas tropelias desastradas pulava atraz do homem pretendendo tirar uma garrafa.

(2) D'esta vez porém sahiu-se mal. O cesto virou e foi este o resultado. O homem ficou com as garrafas quebradas mas *Juquinha* machucou-se, que não foi graça.

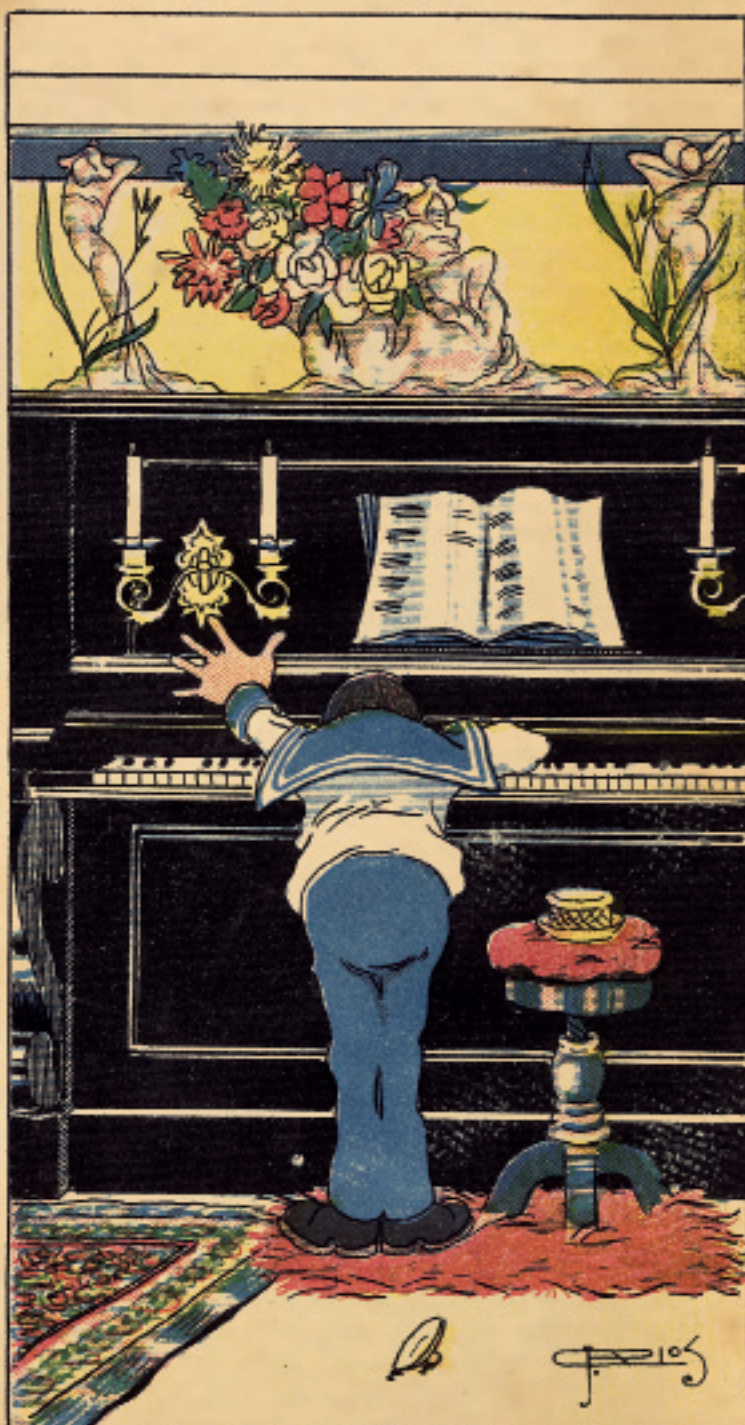
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO

(Publicação d'O MALHO) — TIRAGEM: 30.000 EXEMPLARES — (Numero avulso 200 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1907 Num. 65

JUQUINHA E O PIANO

1) E' costume do pai do *Juquinha* festejar a entrada do Anno Novo com um brilhante baile.

Assim, este anno, preparou-se tudo para a festa que promettia ser esplendida sem uma só nota dissonante.

Mas não tinham contado com *Juquinha*.

2) E o endiabrado menino tratou de preparar uma das suas.

Antes que chegassem os primeiros convidados, apoderou-se de uma manteigueira e untou de manteiga todo o teclado do piano...

Depois... Esperem pelo proximo numero e verão o que aconteceu.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) TIRAGEM: 50.000 EXEMPLARES (Numero avulso 200 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1907 Num. 66

O TALENTO DO JUQUINHA

A festa de Anno-Bom

(Fim)

Como os leitores já sabem, o Juquinha lambusou de manteiga o teclado do piano. No melhor do baile, a pedido de varias pessoas que se achavam na residencia de *D. Luiza*, *D. Hortencia* sentou-se ao piano para executar alguns trechos musicaes e, ao começar a tocar um nocturno de Chopin, levantou-se bruscamente.

Deante da attitude de *D. Hortencia*, o pai do *Juquinha* correu a seu encontro e, gentilmente, perguntou-lhe si acaso se sentia mal. A *D. Hortencia* um tanto corada, respondeu-lhe que não podia proseguir porque o piano não estava bom. Todos desconfiaram do *Juquinha* e no dia seguinte o traquinas entrou em ajuste de contas.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 – RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) *TIRAGEM: 30.000 EXEMPLARES* (Numero avulso 200 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1907 Num. 67

O TALENTO DO JUQUINHA

Considerações

1—1907 !... Mais um anno que entra e que nos vem envelhecer.

2—Já é tempo de tomar juizo! Decididamente eu já sou um homem!

3—Mas um homem sem bigodes não é um homem... é uma creança...

4—...mas uma creança de talento póde perfeitamente ser um homem; e,...para isso...

5—Toma um tinteiro...

6—...mette o dedo na tinta...

7—e com a maxima facilidade pinta uns bigodes.

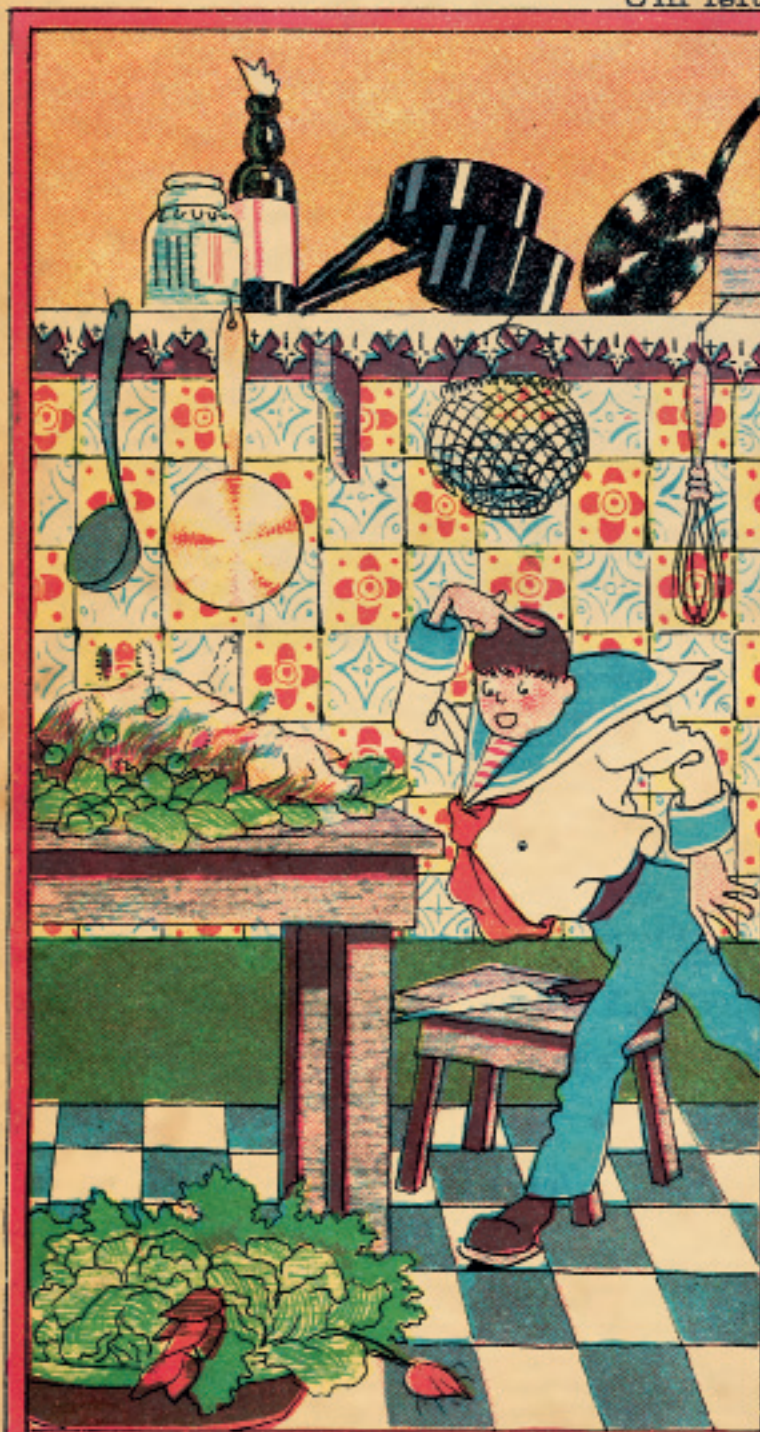
8—Faz-se um homem bonito e elegante.

9—E o juizo? !... Ora adeus... Bonito, elegante e sem juizo... Mas que se ha de fazer? Não ha juizo nos tinteiros...

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO TIRAGEM: 30.000 EXEMPLARES (Numero avulso 200 réis)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 23 DE JANEIRO DE 1907 — Num. 68

O TALENTO DO JUQUINHA

Um leitão oviparo

Juquinha, o terrivel travesso, appareceu na cosinha onde encontrou um magnifico leitão assado.

A cosinha estava deserta. Juquinha, encarando o perfil lustroso do suino, lembrou-se de uma nova pilheria.

Empunhou um facão, abriu as costas do porco e, retirando um pouco da farofa, encheu-o de ovos, prevendo um exito sem consequencias desastradas. Terminada a operação, encobriu os vestigios da pilheria e foi aguardar o resultado que os nossos leitoresinhos conhecerão na proxima quarta-feira.

(Continúa)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO — *TIRAGEM: 30.000 EXEMPLARES* — (Numero avulso 200 réis)

Anno III | RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 30 DE JANEIRO DE 1907 | Num. 69

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA — Um leitão oviparo

(Continuação)

Mais tarde, o leitão que desprendia um cheiro magnifico, foi levado pela *Maria* para a mesa do jantar onde *papai*, *mamai*, *vôvô* e *Juquinha* esperavam anciosos o saboroso petisco.

Mas, oh! desillusão!... Quando o *papai* começou a trinchal-o, recuou apavorado ao ver aquella profusão de ovos no interior do porco. *Mamãi*, o *vôvô* e a *Maria*, todos espantados, fitavam aquelle phenomeno inexplicavel, até que *Juquinha*, fazendo-se de santo, interrogou: — Este porco não teria comido alguma gallinha?

Fim.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO | TIRAGEM: 30.000 EXEMPLARES | (Numero avulso 200 réis)

Anno III   RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1907   Num. 73

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA — O TAVERNEIRO

1 Ha poucos dias o *Juquinha* passando pelas ruas do [illegible]rro onde reside, viu um taverneiro muito gordo e muito al[illegible]o que assentado á porta de sua venda lia attentamente *Tico Tico.*

2 *Juquinha*, depois de se haver concentrado, disse com os seus botões.—*Vou pregar-lhe uma peça.* E foi buscar uma lata de tinta.

Sabem para que foi elle buscar a tinta?... Esperem pelo proximo numero e verão. *(Continúa).*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)   *TIRAGEM: 30.000 EXEMPLARES*   (Numero avulso 200 réis.)

Anno III RIO DE JANEIRO. QUARTA-FEIRA. 6 DE MARÇO DE 1907 Num. 74

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

O TAVERNEIRO
(Continuação)

1) *Juquinha* tinha visto alli perto uma caçamba de tinta, foi logo buscal-a e com uma pericia admiravel, começou a escrever sobre o caixote em que o taverneiro se sentára.

2) E foi este o lettreiro deixado pelo nosso herôe. Uma perfida allusão á calva e á gordura do taverneiro pacato que innocentemente se prestou a essa pilheria do *Juquinha*.

FIM

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis)

Anno III — RIO DE JANEIRO. QUARTA-FEIRA, 27 DE MARÇO DE 1907 — Num. 77

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

A SEMANA SANTA
ÃO SE ACABAR:
PAPAI, VIRA ROBALO;

MAMÃI, VIRA TAINHA;

VOVÓ, VIRA
ÇARAPICÚ;

VOVÔ, VIRA BACALHAO,

A MARIA, VIRA
MARIA DA TÓCA;

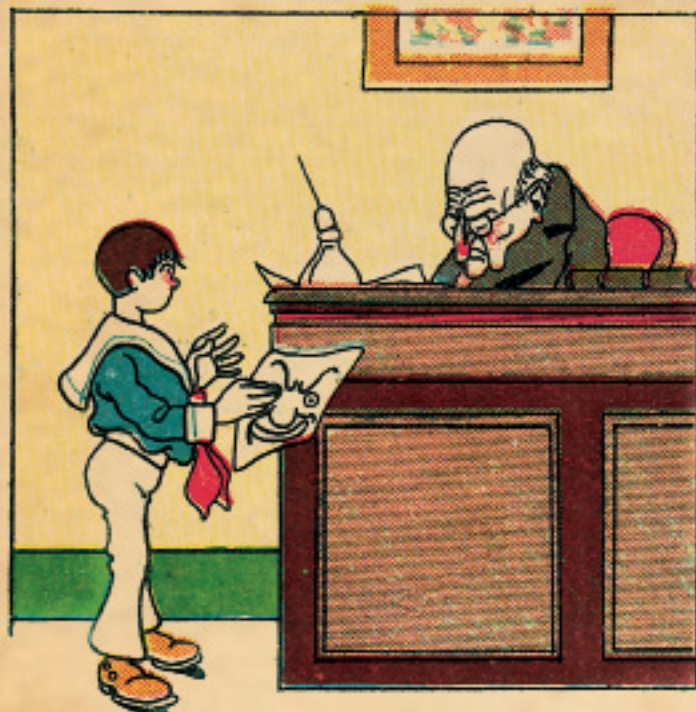
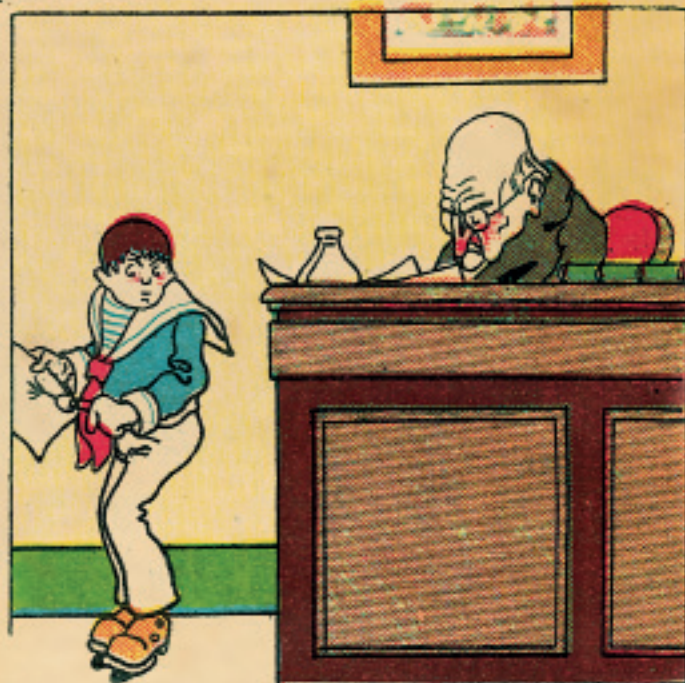
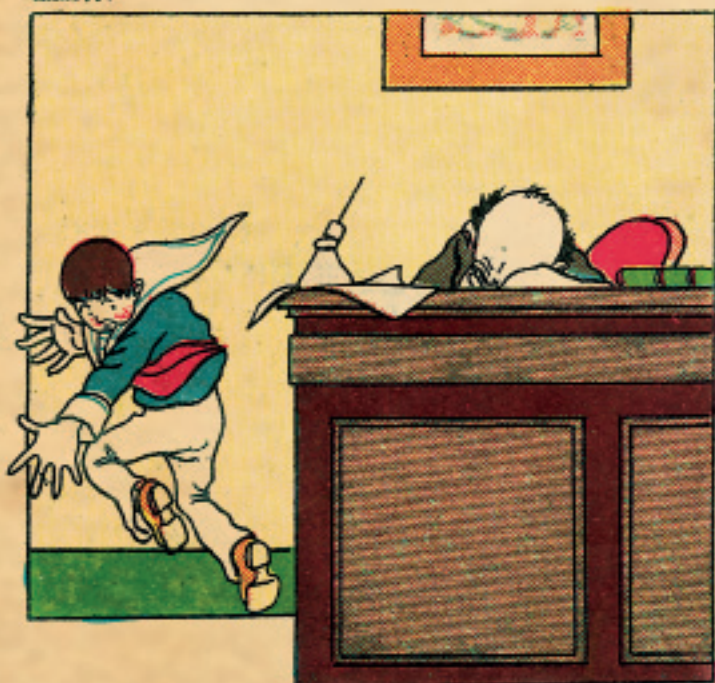
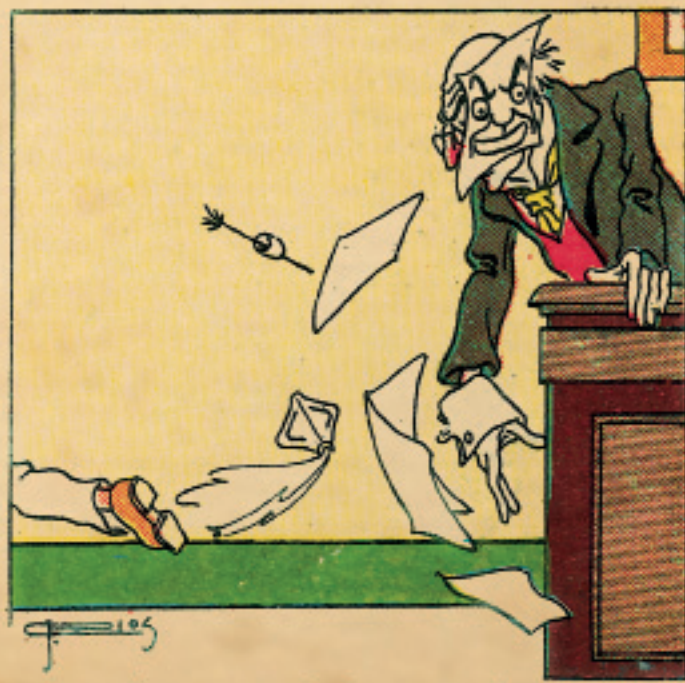
A BRIGIDA,
VIRA MUSSUM;

E SEU ANTONIO
VIRA BARRIGUDINHO.

Juquinha está farto de peixe; e, amollado com a semana santa, durante a qual não lhe dão nem um *tiquinho* de carne, resolveu lavrar um protesto violento que nada mais é que este painel, desenhado por elle proprio, na parede do corredor...

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1907 Num. 80

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA O somno do vôvô

1 Juquinha, surprehendeu ha dias o vôvô ferrado em profunda somneca e logo teve idéa de mais uma das suas façanhas...

2 Pegou numa folha de papel onde havia rabiscado uma careta, lambusou-a de gomma e collocou-a sobre a secretaria...

3 Vôvô, que dormia a somno solto, deixava cahir a cabeça para todos os lados, até que, batendo em cheio com o rosto sobre a folha de papel...

4 ... despertou enraivecido com aquella cara ridicula grudada e jurou vingar-se. Queixou-se á filha e, d'esta vez, Juquinha levou mesmo umas palmadas puxadas á sustancia e perdeu a sobremesa...

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1907 — Num. 81

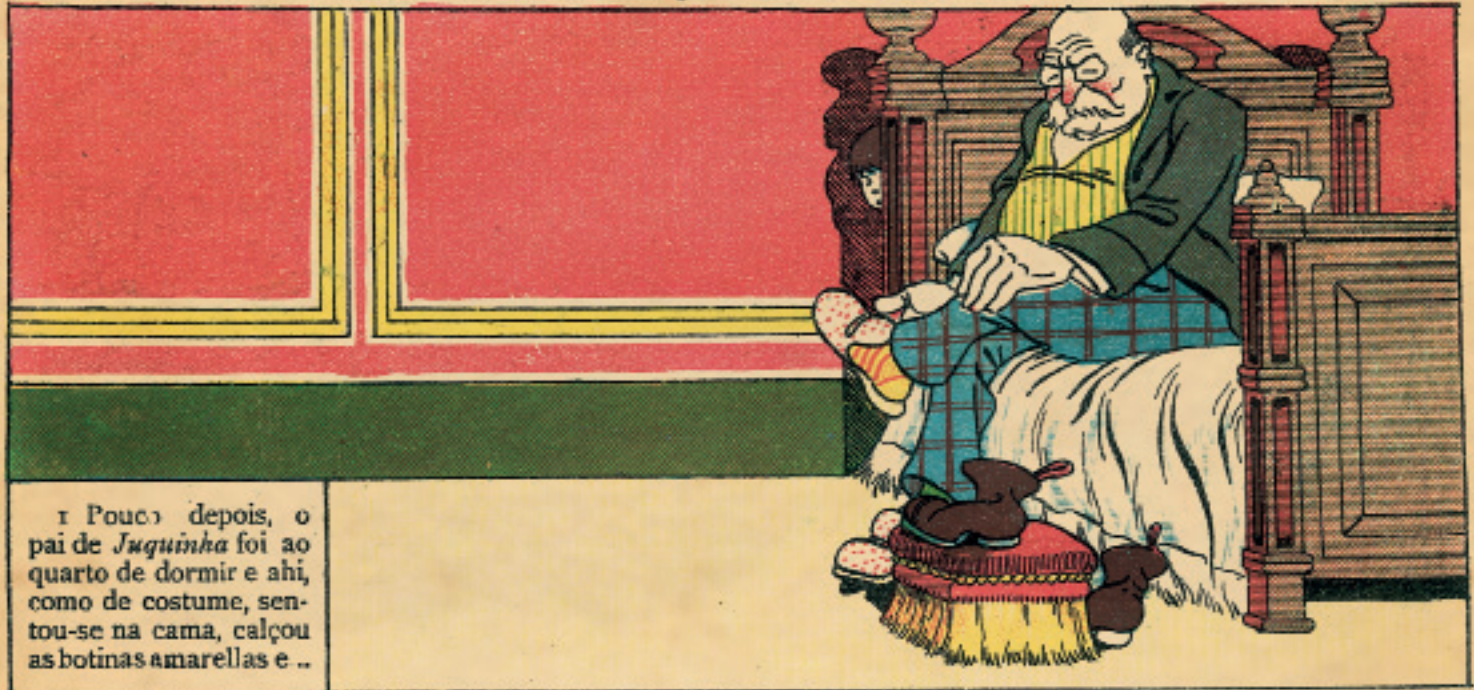
ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA As sapatrancas do papai

REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO
(Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 1 DE MAIO DE 1907 Num. 82

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA As sapatrancas do papai *(Conclusão)*

1 Pouco depois, o pai de *Juquinha* foi ao quarto de dormir e ahi, como de costume, sentou-se na cama, calçou as botinas amarellas e ..

2 ...muito convencido, dirigiu-se ao corredor arrastando aquella penca de objectos differentes, porque, além dos sapatos, *Juquinha* amarrou ao cordão tudo o que encontrou em baixo da cama.

REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 1907 — Num. 83

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

5 DE MAIO

ANNIVERSARIO DO JUQUINHA

Juquinha, meus amiguinhos,
O traquinas refinado,
Fez annos no dia cinco
E foi muito festejado.

Ganhou brinquedos,
Um carro, uma bicycletta,
Recebeu muitas visitas.
—Foi uma festa completa?

Off. do MALHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 – RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO
(Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 22 DE MAIO DE 1907 Num. 85

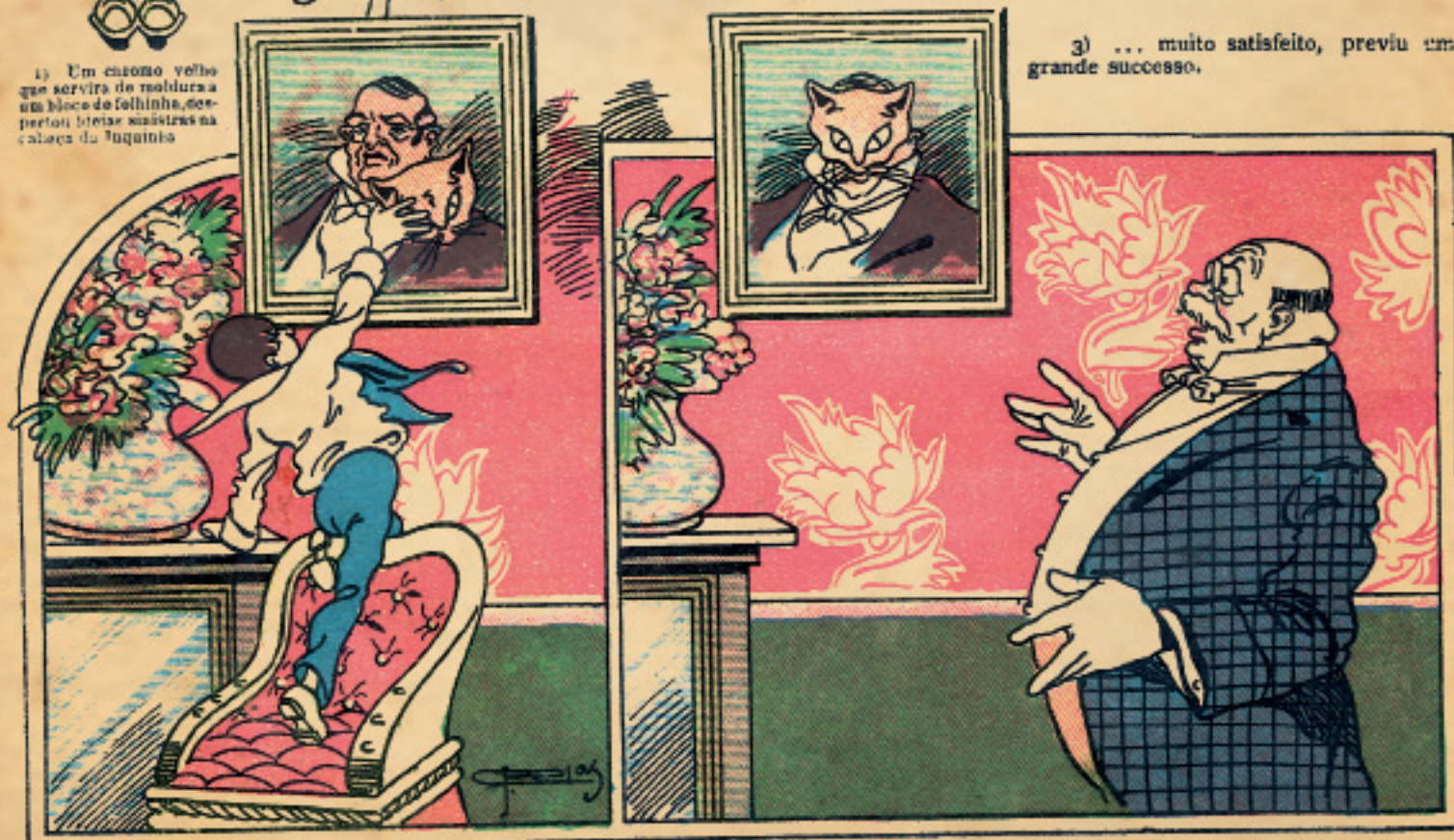
ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

O retrato do visconde

1) Um chromo velho que servira de moldura a um bloco de folhinha, despertou idéas sinistras na cabeça do Juquinha

2) Uma cara de gato, era a principal figura do chromo. O incorrigivel traquinas recortou-a cuidadosamente e ..

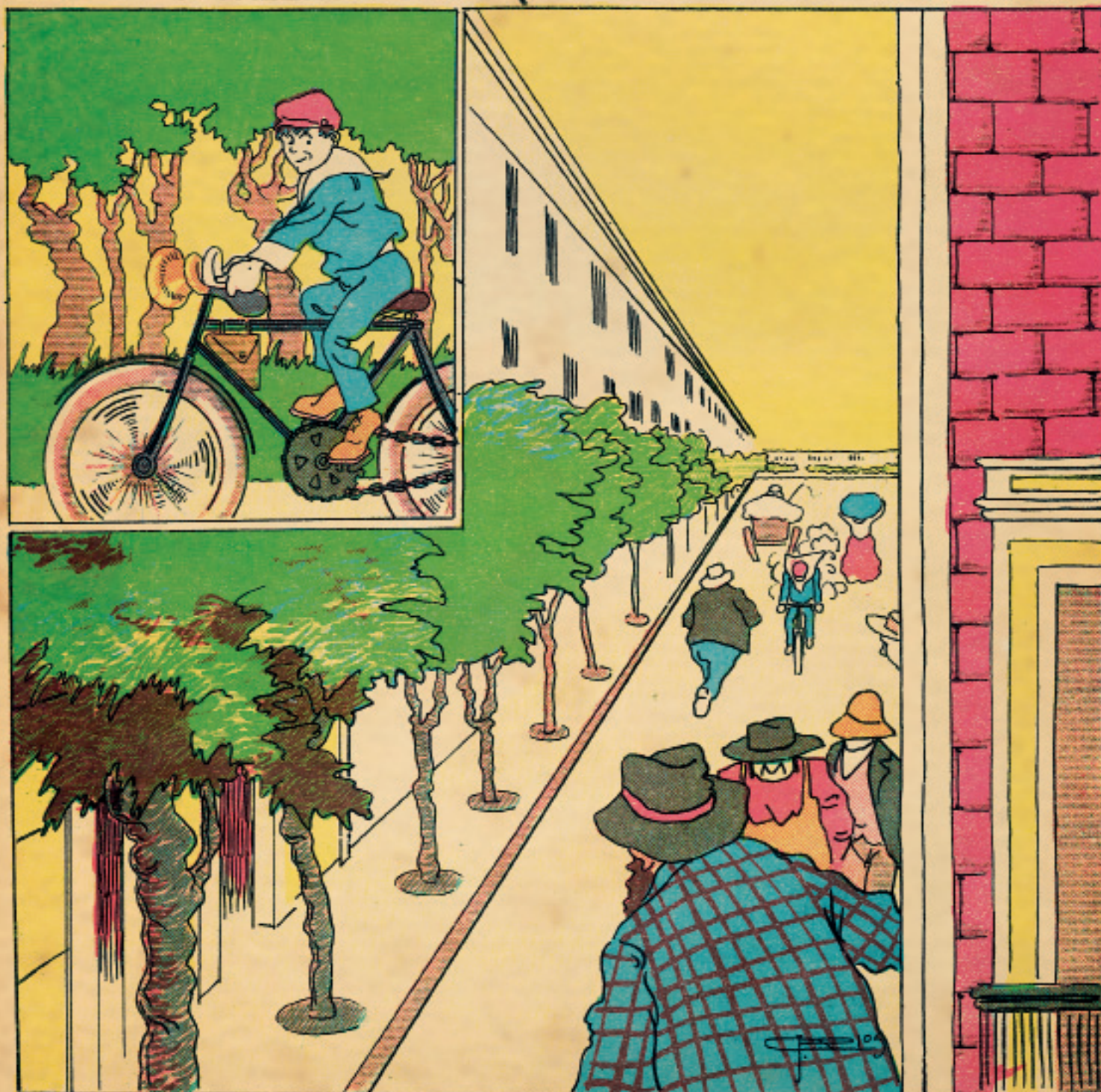
3) ... muito satisfeito, previu um grande successo.

4) Foi á sala de visitas e, trepando n'uma cadeira, collocou a cara do bichano no rosto augusto do respeitavel avô do seu papá.

5) E' facil calcular como ficou o papá do Juquinha, quando encontrou seu avô com cara de gato!

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 29 DE MAIO DE 1907 Num. 86

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA **Proezas da bicycletta**

O *Juquinha* (como os leitores já sabem) ganhou uma bicycletta no dia do seu anniversario natalicio e como é de prever não a deixa em paz.

Ha poucos dias sahiu a passeio e... o resto da historia no proximo numero será contado.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

Anno III — RIO DE JANEIRO. QUARTA-FEIRA. 5 DE JUNHO DE 1907 — Num. 87

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA **Proezas da bicycletta** II *(Continuação)*

A bicycletta galgava o asphalto das ruas modernas em carreira vertiginosa.

Juquinha, desastrado em extremo, em certo ponto onde o movimento era maior, atropellou e virou de pernas para o ar um vendedor de ovos.

Estabeleceu-se a confusão e *Juquinha*, pedalando valentemente a bicycletta, poz-se em fuga, perseguido por guardas civis e populares.

(Continúa)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 – RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO — (Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 12 DE JUNHO DE 1907 Num. 88

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA Proezas da bicycletta III *(Continuação)*

Emquanto o desventurado vendedor de ovos lastimava a sua mercadoria perdida, *Juquinha* vôava, aterrorisando todos aquelles que lhe ficavam mais proximos.

Após a bicycletta infernal, uma multidão de guardas civis e populares perseguia o desastrado *Juquinha*, aos gritos de—péga!... péga!...

(Continúa)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

Anno III — **RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1907** — **Num. 89**

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA **Proezas da bicycletta** IV *(Continuação)*

A massa de perseguidores avolumava-se cada vez mais.

Juquinha, vendo-se acossado por toda aquella gente, que parecia querer matal-o, fugia, pondo os bofes pela bocca e, em procura de caminho livre, esbarra em uma quitandeira, atirando ao chão a pobre mulher e mais o cesto e todas as aboboras, pepinos, maxixes, etc.

(Continúa)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1907 Num. 90

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA Proezas da bicycletta V *(Continuação)*

Si não fosse a imprudencia de um cachorro desastrado, que atropellou o *Juquinha* e a sua bicycletta, a estas horas o nosso herõe teria conseguido escapar da multidão que o perseguia.

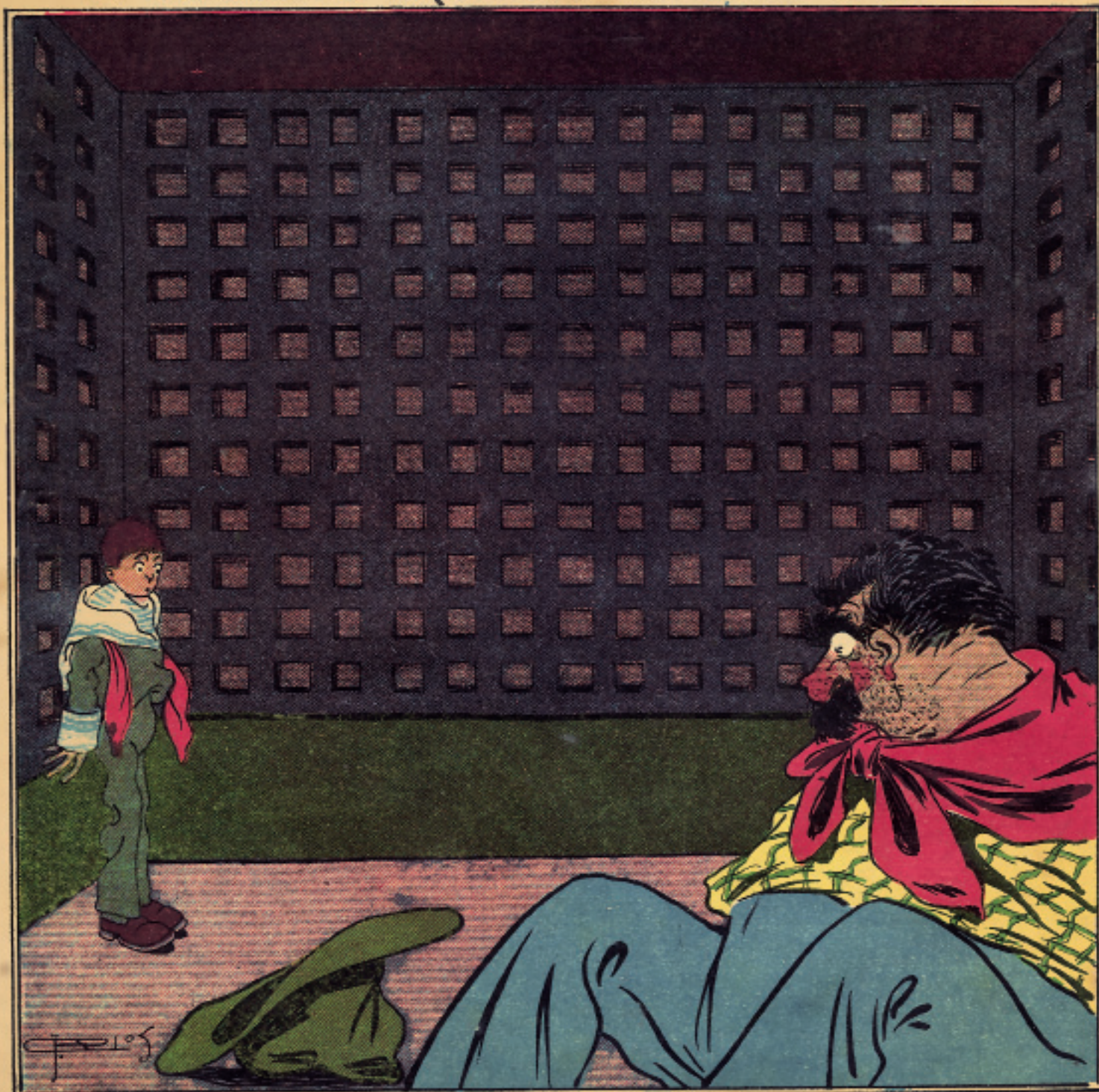
Mas, assim, *Juquinha* foi preso e, acompanhado pelos queixosos, testemunhas e curiosos, foi conduzido á delegacia.

(Continúa)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132–RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO (Numero avulso 200 réis. Atrazado 300 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 1907 Num. 91

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA **Proezas da bycicletta** VI *(Continuação)*

Ahi está, meus amiguinhos, em que deu o celebre passeio de bycicletta do terrivel *Juquinha*.

Foi este o aterrador epilogo da série de peripecias. Sentenciado a passar duas horas fechado a cadeiado, em um xadrez escuro, cheirando mal e, em companhia de um bebedo que tinha os cabellos arripiados, os olhos arregalados, emfim — até parecia a alma do boi *Tátá* incarnada naquelle corpo horripilante. *(Continúa.)*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 - RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO (Numero avulso 200 réis. Atrazado 500 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 1907 Num. 98

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA Proezas da bicycletta VII

Só duas horas após, depois de um susto collossal, depois de procurar *Juquinha* por toda a cidade, soube do caso e foi á delegacia, onde conseguiu que o nosso terrivel heróe fosse posto em liberdade. Mas teve que pagar os prejuizos soffridos pelas victimas.

Voltando para casa envergonhado, ao passar deante de outras crianças naquella triste figura, *Juquinha* nem tinha coragem de olhar para papai.

De bicycletta... nunca mais. (FIM)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis. Atrazado 300 réis)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 24 DE JULHO DE 1907 **Num. 94.**

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

Uma vingança

Os máos momentos passados por *Juquinha* no xadrez, fizeram com que o nosso heróe alimente indomavel antipathia por todos aquelles que representam a autoridade policial. *Juquinha* resolveu vingar-se e, ante-hontem, sahindo pela rua em carreira vertiginosa, dirigiu-se a um soldado, simulando grande agitação. —Que foi que lhe aconteceu?— perguntou, solicito, o policial. E *Juquinha*, fingido grande pavor, respondeu: Um grande rolo naquella rua.

(Continúa).

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 - RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis, Atrazado 500 réis)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 31 DE JULHO DE 1907 — Num. 95

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

Uma vingança II *(Continuação)*

Os policiaes seguiram o Juquinha com muito interesse e, ao chegarem á esquina, o terrivel traquinas, preparando as-pernas para fugir, apontou para um rolo de fios electricos dizendo ao soldado e ao guarda civil:— Prompto. Ahi está o *rôlo!*

Fim.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO | (Numero avulso 200 réis. atrazado 500 réis)

Anno III | RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1907 | Num. 96

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA — A chegada do perú

Ha cerca de quatro dias, *Juquinha* ouviu o seu papai dizer que havia comprado um perú para engordar e enviar ao vovô, no dia de seu anniversario natalicio.

Juquinha ouviu isto, deu um pulo e, com aquelle sorriso brejeiro de sempre bateu na testa, dizendo: — Vou fazer uma nova partida.

Rapido, sahiu para rua e dirigiu-se a um bazar...

...onde comprou uma porção de cartolinhas d'aquellas que os palhaços usam nos dias de carnaval.

(Continúa)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO DE 1907 — Num. 97

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA **A chegada do perú** *(Continuação)*

A chegada do perú devia ser festejada solemnemente.

Juquinha metteu-se no gallinheiro e preparou os patos e as gallinhas para um baile de arromba que terminou com uma lauta ceia de milho.

Ao terminar a ceia, o gallo fez um brinde, alludindo ás virtudes do perú.

FIM.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1907 — Num. 99

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA o Sapo

O repellente sapo que *Juquinha* encontrára quando passeiava pela visinhança foi cautelosamente introduzido em uma moringa.

Mais tarde o papai do *Juquinha*, sentindo sêde dirigiu se á moringa e, ao sorver um bom gole do precioso liquido, quasi que engoliu o sapo.

Imaginem só, meus amiguinhos. Foi um sarilho pavoroso. Felizmente papai até agora ainda não sabe que foi *Juquinha* o autor desse desastre

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

O TALENTO DO JUQUINHA

O Capote do Papai

1 Os meninos travessos não devem passeiar. E foi por isso que o papai do Juquinha não quiz leval-o ao *Guignol* de Botafogo. Juquinha, aborrecido com isso, resolveu vingar-se.

Muniu-se de um barbante e amarrou valentemente as mangas do capote de Papai.

2 Poucos instantes depois, Papai foi buscar o capote e sahiu dizendo:

— Emquanto fôres travesso não sahirás commigo.

3 Na rua o pai do Juquinha sentiu frio e quiz vestir o capote, mas depois de grande luta, vendo que não conseguia enfiar as mangas, perguntou enraivecido a deus sujeitos:

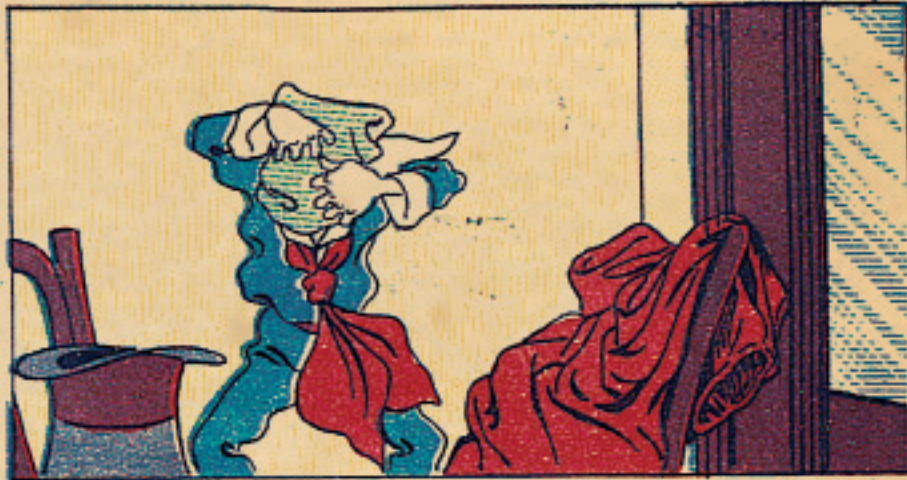
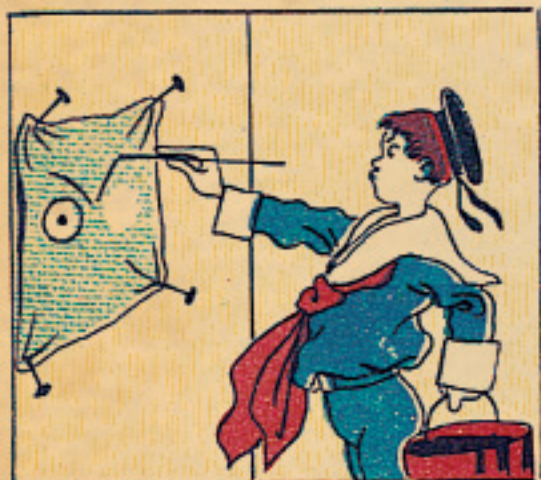
— De que se tem os senhores?

— Do capote, responderam elles.

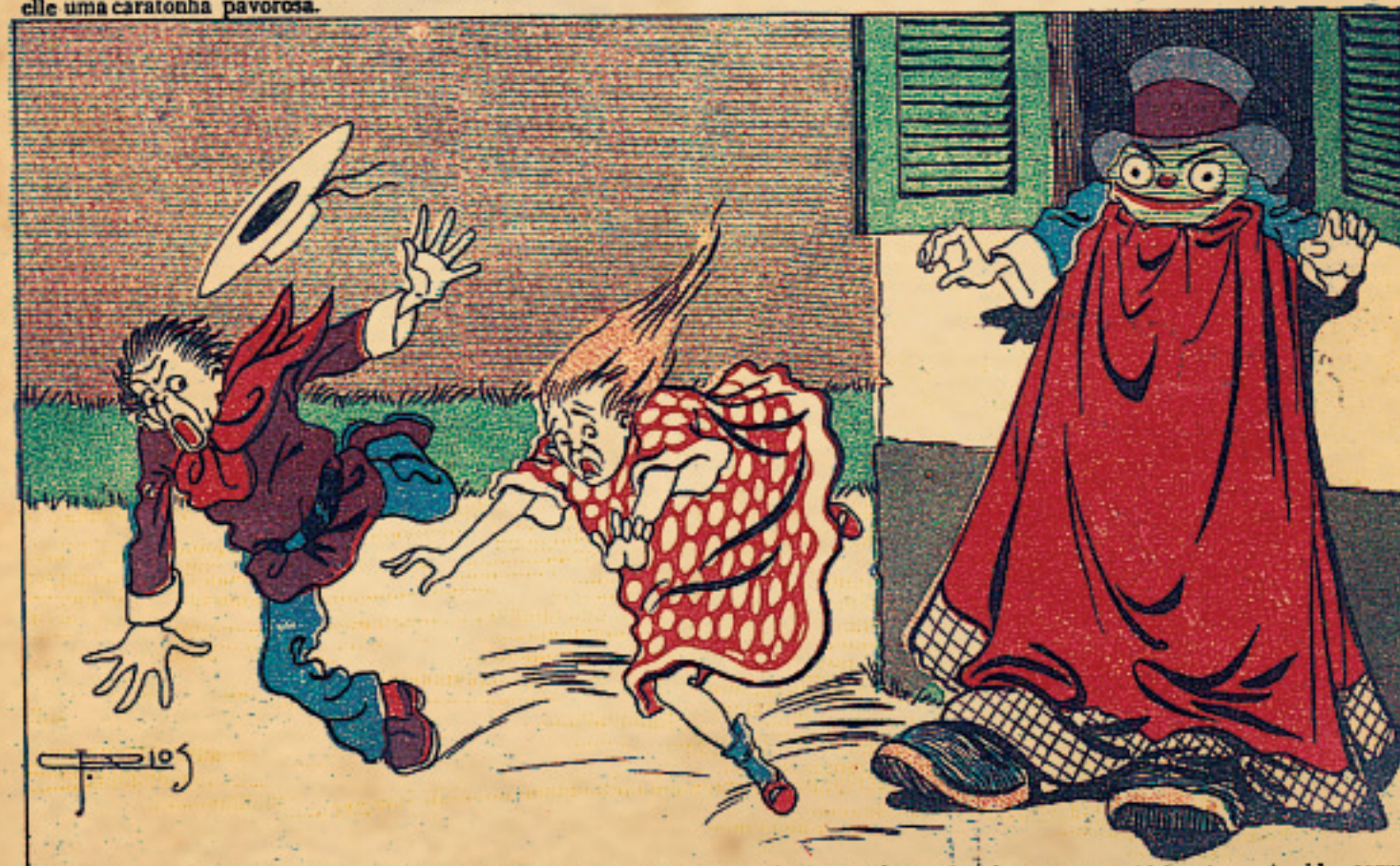
4 O pai do Juquinha ficou como um possesso. Voltou para casa indignado, e, ahi, não sabemos o que se passou, mas é possivel que o Juquinha tivesse apanhado como um boi ladrão.

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 1907 Num. 101

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA o bicho papão

Emquanto *Juquinha* não apanhar uma sóva valente, não se corrigirá. A ultima travessura do endiabrado peralta foi a seguinte:

Pegou em um sacco de papel e pintou sobre elle uma caratonha pavorosa.

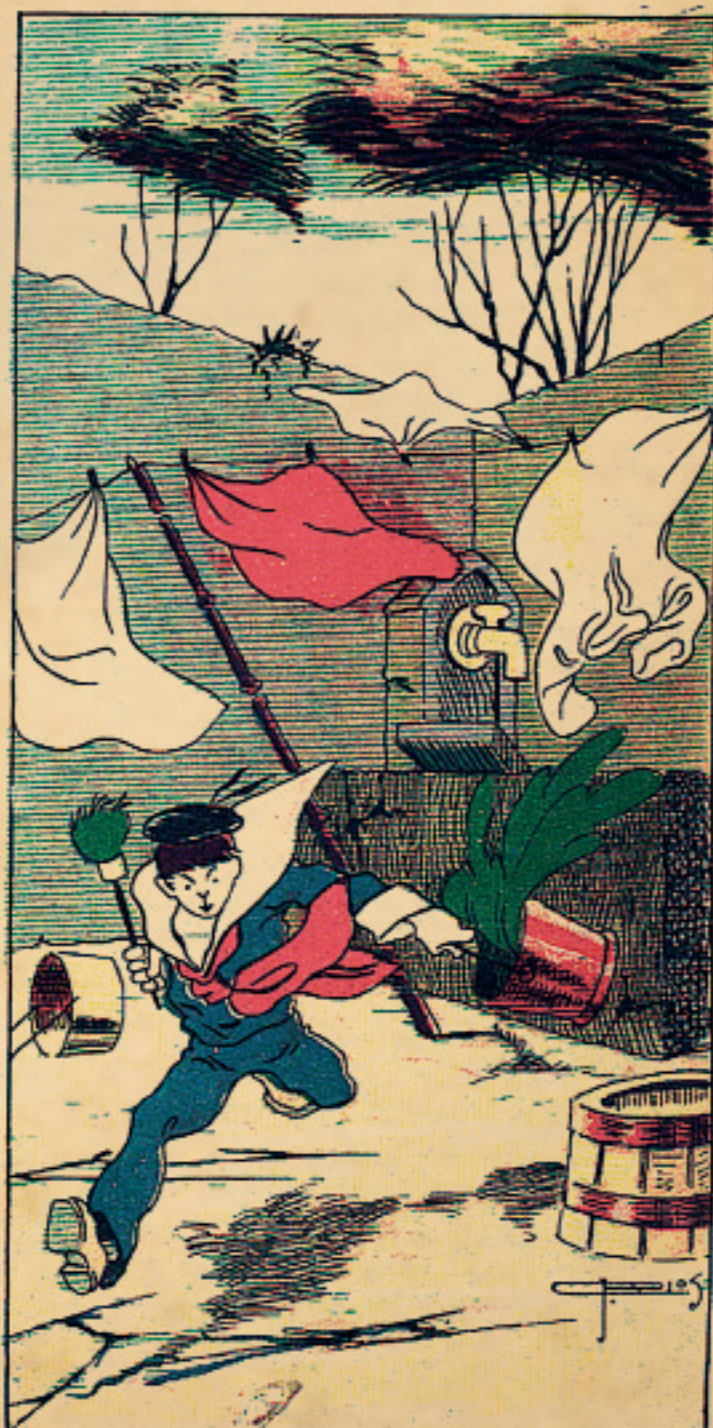
Depois de prompta a improvisada mascara, enfiou-a pela cabeça e

estendeu uma saia de mamãi na janella e com uns sapatos e uma cartola do papai e roncando como um bicho desconhecido, assustou os filhos do visinho que, aterrorisados, correram como dois malucos.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis.)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 1907 Num. 102

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A laranjeira encantada

Uma laranjeira enormemente carregada de magnificos fructos despertou a attenção de *Juquinha* que, desencabrestadamente, corria atrás das borboletas que, impellidas pelo vento, esvoaçavam sobre os canteiros da chácara.

Sentindo-se invadido por uma ideia nova, foi a correr até o poço onde havia uma lata de tinta verde e, apressado, dirigiu-se novamente á laranjeira. *(Continúa).*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis.)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 1907 — Num. 103

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A laranjeira encantada

1 Mais que depressa *Juquinha*, ávido de pôr em pratica a sua ideia de uma nova travessura, subiu á arvore...

2 ... e sem hesitar, pintou da mais bella tinta verde todas as laranjas, que estavam deliciosamente maduras e luzindo ao sol como pomos de ouro.

(Continúa).

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis.)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1907 — Num. 104

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A laranjeira encantada *(Conclusão)*

Concluida a pintura das laranjas, *Juquinha*, fingindo-se aterrado, correu ao *seu* Antonio (o jardineiro) e, com os olhos arregalados, disse:

Seu Antonio, venha vêr.

As laranjas que estavam todas maduras ficaram verdes outra vez!

A principio o jardineiro duvidou, mas, approximando-se da laranjeira, ficou apalermado e disse ao *Juquinha*.

– E' verdade, sim, senhor!

Isto é castigo do céo, meu menino...

Si o seu papá não mandar cortar esta arvore amaldiçoada o mal péga e lá se vão todas as fructas cá da chacara!

E o caso é que o Antonio está muito convencido de que as laranjas têm feitiço.

FIM

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

O Giby

Para que Juquinha não ficasse sozinho nas suas aventuras J. Carlos criou o personagem Giby no dia 16 de outubro de 1907.

Giby é um negrinho que, 18 anos depois da abolição, torna-se o 2º herói dos nossos quadrinhos no século XX e o 1º afro-brasileiro do gênero.

Nas festividades dos 100 anos d'*O Tico-Tico* falou-se dele, ainda menos que de Juquinha.

Portanto, é fundamental resgatar com detalhes esse herói de cor pela sua importância para a história dos quadrinhos e da negritude no Brasil.

É preciso, antes de tudo, lembrar que Giby tem sobre os ombros carga atávica de mais de 300 anos de escravidão. Herdeiro das relações, para o bem ou para o mal, existentes entre a casa-grande e a senzala de que muito falaram tantos estudiosos. Das ilustrações incandescentes de Angelo Agostini na luta pela abolição da escravatura que perpassa os relatos verbais e as lendas como a do *Negrinho do Pastoreio* e os romances e contos que aparecem na nossa literatura.

É necessário colocar Giby no contexto da época.

É certo que, em todas as classes brasileiras, no passado e no presente, duplas de meninos brancos e negros foram constantes companheiros de pequenas aventuras, brincadeiras de todos os tipos, diversões que no passado iam das peladas de futebol com bola de meia, mocinho e bandido, até conversas animadas sentados em galho de árvore, em muros ou na beira das calçadas. Meninos, não só negros e brancos mas também multirraciais e de classes sociais distintas, que mantiveram na infância amizades em grau de igualdade que nunca acabaram com o passar dos anos.

Entre Juquinha e Giby, a bem da verdade, não existiu, na maior parte do tempo, um relacionamento ameno.

A apresentação de Giby, na série *O talento de Juquinha*, mereceu um painel na capa d'*O Tico-Tico*, número 106 de 16 de outubro de 1907. A história aí iniciada, *A ignorância de Giby*, continuou em dois capítulos nos números seguintes. Aparece ainda nos números, 110, 111, 113, 115 e 116, num total de oito aparições.

A leitura destes capítulos vai surpreender o leitor pelo laivo preconceituoso do tratamento que J. Carlos dá ao negro Giby.

Juquinha, já na apresentação de Giby, coloca-o no seu lugar e faz um trocadilho sobre o seu nome *Isidoro Carneiro*, ao qual acrescenta *Preto*.

Além de extremamente caricato, Giby é apresentado aos leitores como pouco inteligente, e, na primeira história, nivelado a um deficiente mental. Nas demais é submetido a outras situações humilhantes criadas pelo filho do dono da casa, onde trabalha como copeiro. Veste-se como tal; camisa amarela, jaqueta vermelha, calças xadrez vermelha e preta.

Juquinha, autor intelectual das situações ridículas ou trapalhadas

em que coloca o Giby, nunca é repreendido e sempre leva a melhor. Há uma única exceção na história *Um susto e uma corrida*.

Evidente que, vindos à luz hoje em dia, causam espanto as conotações ou mesmo claras leituras preconceituosas e racistas, chocantes, nos quadrinhos em que aparece Giby, desenhados em 1907. E posteriormente, quando ele torna a aparecer a partir de dezembro de 1912. Principalmente por terem sido concebidas pela imaginação e traço de um dos nossos artistas mais sensíveis, humanos e democratas como foi e sempre será a imagem que temos de J. Carlos. Todavia, é necessário remeter a leitura desses quadrinhos ao contexto da época do qual não pode ser deslocado.

O autoritarismo do menino da família burguesa e o servilismo de Giby, tanto na primeira fase da dupla como no início da segunda, é um comportamento socialmente inconsciente, decorrente da situação criada pelo sistema escravagista encerrado oficialmente 18 anos antes da primeira aparição de Giby.

Antes de se acusar J. Carlos de racista é preciso refletir sobre essa proximidade histórica, a juventude do autor, que contava 22 anos, e olhar de forma abrangente o conjunto de sua obra do mais alto valor humanista e democrata.

Lembrar que J. Carlos sempre foi um homem do seu tempo.

Roberto Marinho escolheu para batizar sua segunda revista em quadrinhos, formato tablóide – o nome *Gibi* – lançada numa quarta-feira, 12 de abril de 1939. Na revista, como logomarca, aparecia junto ao título, um negrinho, jornaleiro ambulante.

Foi tal o sucesso que o nome do Giby, hoje grafado com i, designa de modo genérico as revistas de histórias em quadrinhos no Brasil e certamente, na época, significava moleque, negrinho. Como consta nos dicionários atuais.

Antes de apresesentar as páginas iniciais em que aparece essa personagem tão marcante quanto desconhecida até agora na historiografia das histórias em quadrinhos nacionais, seria interessante uma visão retrospectiva do que foi a presença do negro na caricatura e nas nossas primeiras histórias em quadrinhos a partir dos anos 60 do século XIX.

Henrique Fleiuss, um prussiano, nascido em 1823, fixou-se no Rio de Janeiro e no início de 1859, fundou um estabelecimento tipolitográfico, depois transformado no Imperial Instituto Artístico. Em 16 de dezembro de 1860, firmou as bases da revista humorística ilustrada no Brasil, lançando a *Semana Ilustrada*.

Fleiuss, baseado num homem, que aparecia no logotipo da revista operando uma lanterna mágica, criou uma personagem chamada *Dr. Semana*. Caracterizado pela longa cabeleira e nariz adunco, aparecia quase sempre na capa, num painel único no qual criticava a política e os costumes sociais. Para isso dialogava com o criado, um rapazinho negro que respondia pelo apelido de *Moleque*. O relacionamento entre ambos era muito cordial e o Moleque, sem dúvida, foi o principal personagem negro representado graficamente até o surgimento de Giby.

O Dr. Semana durou vários anos e o caricaturista Pinheiro Guimarães quando deixou a *Semana Ilustrada* para trabalhar no *Bazar Volante*, em 1863, começou a desenhar uma cópia dele com o nome de *Dr. Charlata*.

A segunda metade do século XIX trouxe grande discussão sobre a questão racial e encontrou em Angelo Agostini um grande combatente contra a escravidão. São antológicas suas críticas, muitas vezes em desenhos realistas, ocupando as páginas centrais da *Revista Ilustrada*.

Entretanto, quando se esperava que Agostini criasse alguma personagem negra relevante, aproveitando suas histórias em quadrinhos, de grande sucesso na época, deixou os afro-brasileiros na sombra, mantendo-os discretamente como serviçais.

Um dos que mais se destacou foi Benedito nas *As Aventuras de Nhô-Quim*.

Assim foi quando Nhô-Quim é mandado para a Corte pelo pai a fim de distrair-se e esquecer uma paixão amorosa (a moça era pobre...) ele se faz acompanhar pelo "*fiel Benedito*", um menino entre 12 e 14 anos, que faz o papel de pajem.

Pajem, do francês antigo *page*, criado, aprendiz, era na Idade Média, o jovem nobre, que acompanhava um príncipe, um senhor, uma dama, para se aperfeiçoar na carreira das armas e adquirir boas maneiras antes de ser consagrado cavaleiro. Essa denominação passou a ser, com o tempo, menino ou rapaz que se colocava a serviço de pessoa de alta categoria.

Na época de Agostini, o termo aplicava-se ao criado que acompanhava alguém em viagem a cavalo. É exatamente o que Benedito faz no início da história das *Aventuras de Nhô-Quim* (1869) até que, por uma distração, o patrão perde o trem numa estação intermediária.

Nhô-Quim segue sozinho no trem seguinte, envolve-se em uma série de complicações na cidade grande e só vai avistar o Benedito, de relance, na traseira de um carro de uma cocote e mais tarde confundi-lo com outro menino, vendedor de balas. É aí, fruto dessa dificuldade em reconhecer seu pajem, que surge a pergunta que Nhô-Quim e Agostini deixaram no ar e, face ao sucesso da história em quadrinhos na época, pode ter originado o bordão: *Será o Benedito?*

Nas Aventuras de Zé Caipora, surgem seu criado João e a mucama de Amélia, que tem parte importante na trama por ser a portadora de recados e mensagens entre o casal Caipora/Amélia e inocentá-lo de acusação injusta. Permanece sempre anônima. Aparecem pouquíssimo *tia Joana* e *pai Joaquim*, servidores do barão, pai de Amélia.

Um outro negro, tio Joaquim, é o guia de uma pequena expedição que vai resgatar Caipora e Inaiá, que haviam ficado para trás na floresta, no desenrolar da aventura. Ele ajuda a retirar Inaiá do fundo de um abismo "*e foi ainda o precavido africano, velho mateiro, quem preparou um chá de ervas para recuperar a moça*". Mais tarde Agostini o elogia como "*excelente africano*". O tio Joaquim faz o trabalho pesado, carregando nas costas o saco de bagagem. É ainda quem arreia o cavalo de Caipora para que ele, convalescido, regresse às pressas ao Rio para impedir o casamento de Amélia com o primo.

Na última parte da novela, quando da vinda de um tabelião para acertar a documentação da herança recebida por Caipora, tio Joaquim é quem segura o cavalo do funcionário, impedindo que ele disparasse, assustado por uma cobra.

Agostini, o abolicionista, surpreende mais uma vez pelo senso de realidade quando desenha *História de pai João* (cena do tempo da escravidão) publicada n'O *Tico-Tico* em novembro de 1905.

História de pai João, publicada n'O *Tico-Tico* em novembro de 1905, relata numa página como um anti-herói negro – pai João — que ao substituir o feitor branco acusado de excesso de maus-tratos aos escravos de uma fazenda passou a maltratar os irmãos de cor ainda com maior dureza e acabou demitido e castigado no pelourinho.

Vários personagens negros surgiram depois de Giby n'*O Tico-Tico* e outras revistas infantis.

Sábado, o segundo deles, meio boneco, meio gente, o que chamaríamos hoje de andróide, foi desenhado por Yantok, e integrava a turma que acompanhava Kaximbown em suas mirabolantes aventuras no Polo Norte.

O terceiro, bem mais caracterizado, foi *Chocolate*, um adolescente que o casal Zé Macaco e Faustina trouxe para casa a fim de fazer companhia ao filho Baratinha. Todos desenhados por Alfredo Storni.

Depois deles, desenharam-se negros de ambos os sexos, de várias idades que, no papel de serviçal ou companheiro de aventuras da personagem branca, não tiveram o destaque dos anteriores. Nesse caso estava Pai Inácio, africano escravo no Brasil que fugira de volta para a sua terra e lá, salvando a vida de Max Muller, na série do mesmo nome, passa a acompanhá-lo em suas aventuras. Os quadrinhos que fizeram grande sucesso nos anos de 1913-1915 foram desenhados por Armando Rocha.

Ao longo do tempo, Moleque Januário de Yantok; Beiçudo de Perdigão; Rapadura de Renatinho; Zé Pretinho de Paulo Afonso foram de duração efêmera. Outras como Ouro Branco, componente da trinca que fazia com Farofa e Rubiácea de Daniel, foi mais duradoura. Branco de Neve é outro fiel e mais visível companheiro do Dr. Malukof, na série *As Aventuras de Malukof*, de 1940, criada por Paulo Afonso.

Fora os personagens acima apresentados n'*O Tico-Tico* houve, é preciso fazer justiça, duas outras personagens negras muito importantes, que apareceram na *A Gazeta Edição Infantil*, principalmente Balbina, companheira de aventuras de Paulino, mas também protagonista, que se destacou pelo estilo e qualidade gráfica que lhe imprimiu o famoso desenhista Belmonte.

Não se pode esquecer também Tutu, de Messias, participando de estripulias junto com os brancos Titi e Pão-Duro, na mesma publicação, entre setembro de 1933 e dezembro de 1934.

Inegavelmente, os dois mais famosos pela longevidade e consequente lembrança pelas gerações mais velhas que acompanharam suas aventuras n'*O Tico-Tico* até o fim da revista em 1958 foram Benjamim e Azeitona dos quais já falamos anteriormente.

O primeiro, criado por Loureiro, prolongou-se de 1916 até 1958 para acompanhar Chiquinho, sendo responsável pelo abrasileiramento do herói branco, até então um decalque de Buster Brown. A mesma longevidade e renome alcançou o segundo, pertencente à trinca criada por Luís Sá, em 1932: Reco-Reco, Bolão e Azeitona. Mas a grande personagem negra dos quadrinhos brasileiros e considerada a obra-prima de J. Carlos chama-se Lamparina. Ninguém se compara a ela no Brasil e internacionalmente só encontra rival no pequeno africano Bilbolbul, lançado por Attilio Mussino, no *Correio Dei Piccoli*, em dezembro de 1908.

Lamparina é a última personagem criada por J. Carlos e, provavelmente por ser menina e caçula, a favorita do autor.

A nacionalidade de Lamparina vai depender dos limites das nossas águas territoriais. Diferente dos demais personagens, criados a partir do retorno do artista para *O Tico-Tico*, em 1919: o viúvo Carrapicho e seu filho Jujuba, o vagabundo Cartola e seu amigo, Borboleta, o menino de rua, ou o gordo e inconsequente Goiabada, todos cariocas da gema.

Lamparina não nasceu no continente. Vivia numa ilha misteriosa habitada por uma tribo de negros selvagens em que Carrapicho, Jujuba e Goiabada caíram, quando sobrevoavam o Atlântico num avião improvisado,

chamado Bahu. J. Carlos mostra o aparecimento de Lamparina, sem que o leitor possa identificá-la, por ser figurante anônima, nos dois últimos capítulos da série *O grande voo do Bahu*, desenhada entre 14 de março e 4 de abril de 1928. No quarto e último capítulo, fica claro que a tribo que capturou a trinca é de canibais. Eles seriam sacrificados e comidos, Goiabada como sobremesa, não fosse a esperteza de Jujuba, que fez uma mágica muito simples, mudando a cor da água de um copo para preta e tornando-a de novo cristalina. O truque consistiu na manipulação do lenço do menino que escondia uma meia preta por baixo, colocada e retirada do copo com perícia.

O simplório chefe da tribo vê em Jujuba um grande feiticeiro e manda libertá-los, fornece uma piroga com dois remadores e ainda dá de presente a Carrapicho uma negrinha que o leitor atento já percebera, circulando pelos quadrinhos da história. Presente de grego... como o futuro comprovará.

Como a canoa chegou às praias do Rio, com tão poucos remadores, pode-se deduzir aliviado que essa ilha misteriosa, com certeza, está próxima ao litoral e fora das águas internacionais. Todos podem ficar descansados... Lamparina é brasileira. Afro-brasileira e, provavelmente, descendente de quilombolas que se isolaram naquela ilha desapercebida em nosso litoral e acabaram regressando à barbárie.

Lamparina só vai ganhar nome no capítulo seguinte, 25 de abril de 1928. Ela chorava sem parar desde que saíra da ilha e depois de uma noite tentando em vão consolá-la Jujuba fez pela tarde do dia seguinte um samba em homenagem à manhosa. Compareceram Cartola, Chiquinho, Benjamim, Jagunço, e a negrinha espantada calou a boca. Deram-lhe uma saia amarela com bolas pretas, batizaram-na com o nome de Lamparina... Mas, seu comportamento é ainda selvagem e o processo civilizatório a que

se vê submetida é penoso porque não fala português, ainda vive chorando de saudade da ilha e tentando fugir. Isso, quando, frugívera inveterada, não está tentando roubar frutas, especialmente bananas do quintal dos vizinhos. Sofre castigos um tanto radicais por parte da família adotiva, como ser amarrada à perna de uma mesa, resultado do desespero dos responsáveis pela formação, controle do temperamento anarquista e educação da negrinha. *Missão* quase impossível.

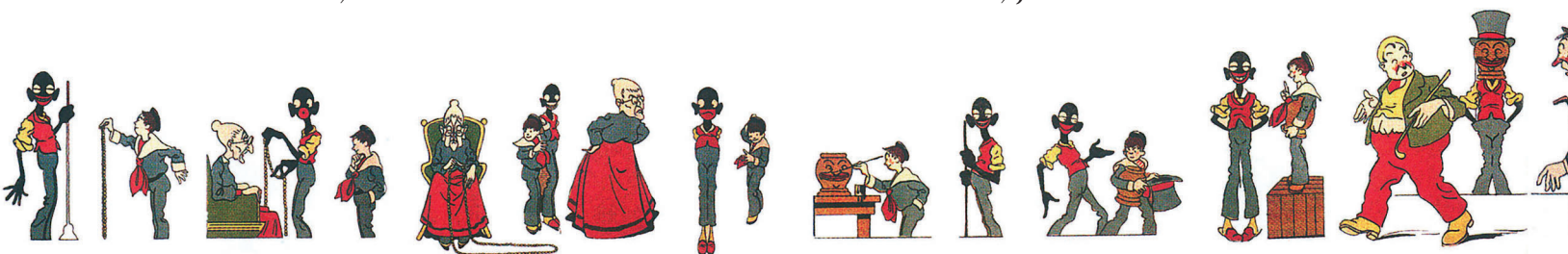
Lamparina tem bom coração, é solidária. Porém, além de irresponsável e libertária é indomável, costuma fazer represálias quando contrariada.

O leitor deve ser avisado que Lamparina é a antítese do Giby.

À medida que se civiliza, abandona o colar e brincos de concha que usava quando veio da ilha misteriosa, mas faça chuva ou faça sol passa todo o tempo de dorso nu e vestida unicamente com seu saiote amarelo. Personalidade multifacetada, menina temperamental, sujeita a risos e choro que resulta de maquinações planejadas por ela nem sempre bem-sucedidas.

O nome dado por J. Carlos a essa menina impúbere e de aparência andrógina é o de uma pequena lâmpada muito comum no Brasil de outrora. Popularmente, lamparina denomina uma bofetada na orelha.

Provavelmente, o desenhista experiente ao imaginar a sua silhueta delgada e maleável, facilmente capaz de plasmar expressões corporais as mais variadas, exuberantes e expressivas que a caracterizaram entre as outras personagens, já previa também o espírito rebelde e anarquista, a luminosidade e sobretudo o fogo que colocaria na sua personalidade.

Lamparina é rapidamente desenvolvida pelo autor e logo chega a dominar a cena como atesta a série clássica, intitulada *A fuga de Lamparina*. Nela, entre 27 de outubro e 26 de dezembro de 1928, J. Carlos desenha

a fuga épica da menina por entre mata e rio em uma sequência de nove páginas, na qual é engolida viva e inteira por um tigre. Faz tanto berreiro e contorções no estomago da fera que ela a vomita em um rio onde é atacada por patos selvagens. Os patos são abatidos por Goiabada e ela encarregada de depená-los para uma festa dada aos amigos de Carrapicho. Cumpre a *Miss*ão que lhe foi dada, porém, como vingança, coloca óleo de rícino na comida, provocando diarreia em todos os convivas. Mas, se J. Carlos a demoniza, também a santifica. Como é o caso do artístico painel em página dupla, intitulado A *Escada de Jacó*, em que Lamparina, ouvindo Carrapicho contar a história da escada de Jacó, adormece e sonha estar varrendo essa escada celestial cercada pelos anjos.

J. Carlos é o grande mago dos quadrinhos brasileiros numa outra época, em outro estilo. E Lamparina é a sua principal criatura. A mais encantadora, a de maior personalidade. Não se pode deixar de recordá-la ou mostrá-la todas as vezes que se fala na extraordinária obra lúdica de J. Carlos.

J. Carlos é Lamparina e Lamparina é J. Carlos. Sem ela a história dos quadrinhos nacionais jamais ficará completa e também este álbum não estaria inteiro sem um pouco da sua presença.

Para conhecimento dos leitores que nunca souberam da existência de Lamparina, veremos adiante uma de suas aventuras, de ação positiva, na história, *O rapto de Goiabada*, apresentada no Almanaque d'O *Tico-Tico* de 1934.

O RAPTO DE

CORRIA pelas redondezas a noticia de que havia apparecido naquelle remanso do littoral um cardume de robalos. Quando o sol havia rasgado então as brumas da manhã, Goiabada, Carrapicho, Jujuba e Lamparina, armados de longos canniços, esperavam, pacientes, os robalos invisiveis. Mais adeante, junto ás rochas esverdeadas, uma especie de piróga baloiçava á mercê das aguas e a figura exotica de um selvagem colhia mariscos entre as pedras escorregadias.

Goiabada agitou com ruido a lata de iscas. O selvagem mysterioso voltou-se e, quando percebeu que tinha sido descoberto, desandou a correr. Encorajados pela timidez do selvagem, Goiabada e Lamparina sahiram tambem a perseguil-o; e correram muito.

De repente o selvagem parou; olhou firme os seus perseguidores e deu um passo á frente. Goiabada, que tambem havia parado, recuou um passo, dois, tres; o selvagem avançou e partiu a correr em direcção a Goiabada que, apavorado, disparou a pular pedras com a rapidez de um gafanhoto.

Mas foi tudo em vão.

Pouco tempo depois, obrigados pelo selvagem estranho, Goiabada e Lamparina embarcaram na piróga que se fez ao largo, emquanto do lado de cá Carrapicho e Jujuba, com os olhos fóra das orbitas, acompanhavam tudo.

E a piróga desappareceu.

No dia seguinte, muito contra sua vontade, Goiabada e Lamparina desembarcavam numa ilha cheia de coqueiros, habitada

GOIABADA

por uma tribu que os recebeu com surpresa.

Havia um tronco de páu no meio das malócas. Lamparina chegou-se á Goiabada e falou:

— Fuja quando elles estiverem distrahidos. Eu irei pegar a canoa a nado. — E, tomando uns ares graves, apontou o páu no meio do terreiro e disse:

— Baturité bolô!

Xamburity! Zetremelêtucum debaratimbó zabarabatana.

Depois a negrinha trepou num pilão e, com um tição de fogueira, começou á desenhar sobre o tronco de páu a carranca de um fetiche.

A tribu toda acompanhava o desenho sem esconder o seu espanto. Lamparina interrompia de vez emquanto o trabalho e bradava, erguendo os braços:

— Jaguarátirica!
— Jaguarátirica!
— Jaguarátirica!

A tribu não perdia um só dos movimentos da negrinha e, numa das vezes em que ella soltava o brado "Jaguarátirica", Goiabada metteu-se na canoa e foi se afastando em silencio.

O boneco estava quasi prompto. Lamparina apanhou então um feixe de palhas, accendeu-o com um pequeno accendedor de cigarros que Goiabada lhe havia dado e completou a obra curvando a cabeça, erguendo os braços e bradando: — Ale guá! guá! guá! Tupan!

Toda a tribu lançou-se ao chão, cheia de fervor. Ouvia-se agora um ruido de preces exquesitas parecendo o sussurro de um enxame de maribondos. E, emquanto aquella gente toda rezava, Lamparina foi sahindo com cautela e metteu-se nagua para pegar a canoa que bordejava ao largo.

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1907 Num. 106

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA I A ignorancia do Giby

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
Publicação d'O MALHO (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

Ha poucos dias *Juquinha* entrando desencabrestadamente pela sala da copa, estacou surprehendido deante do moleque mais preto que até hoje tem se visto.

Era um copeiro novo, que entrára para o serviço da casa.

Juquinha não póde deixar de rir. Fitou resoluto o moleque e, ainda em sorrisos, perguntou:

—O' Giby! como te chamas?

—Izidóro Carneiro, sim sinhô.

—Carneiro... preto,... considerou Juquinha.

Ha de ser burro por força.

(Continúa)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 1907 — Num. 107

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA **A ignorancia do Giby** II *(Continuação)*

1) Nós vamos brincar, está ouvindo, *Giby*? Disse *Juquinha* com aquelle arzinho de quem manda muito.

— Você vai trepar nesta cadeira com muita attenção e empunhando este canniço...

2) Vai fingir que está pescando.

Eu venho lá de dentro, como si fosse um guarda e depois começamos a discutir.

Fique alli bem quietinho.

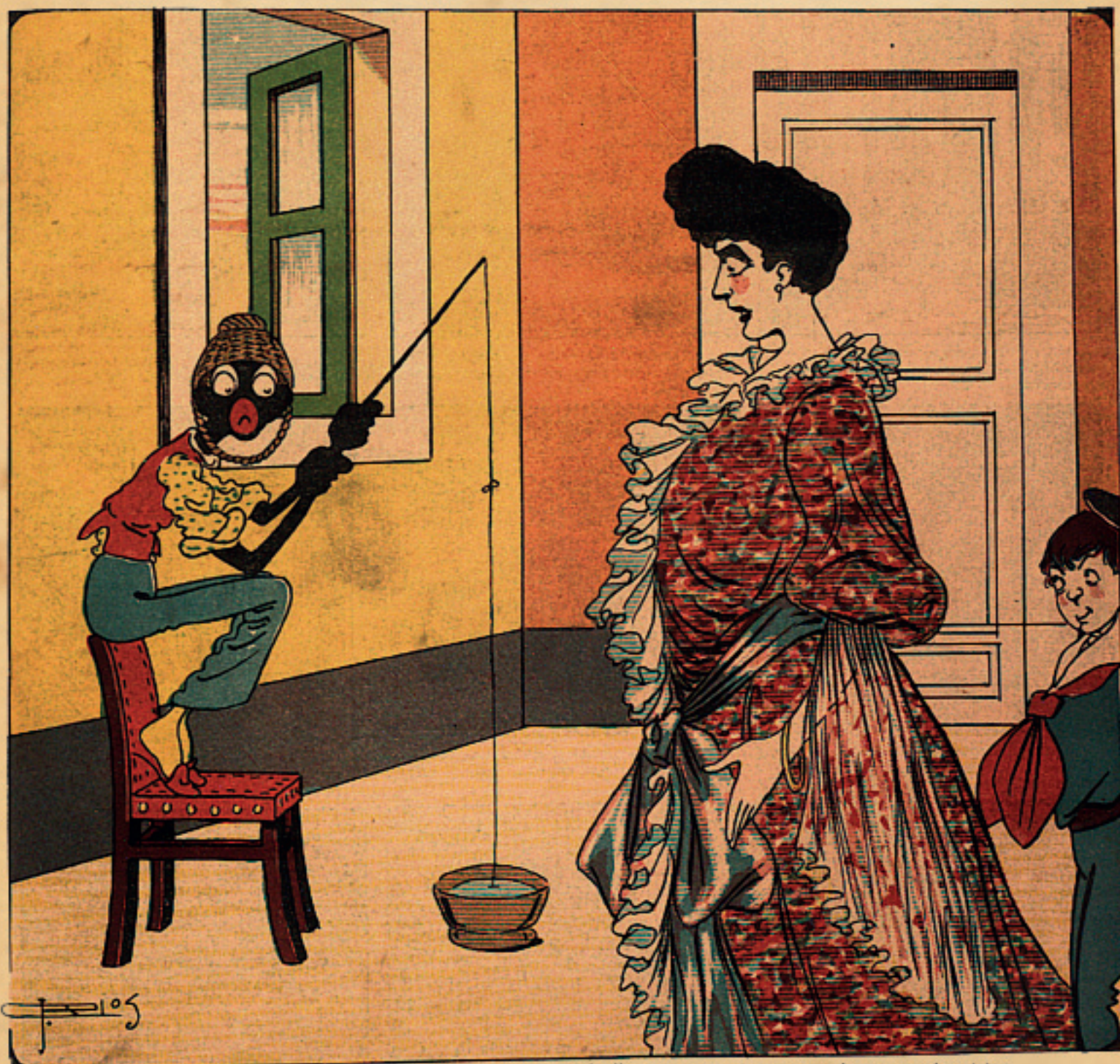
E *Juquinha* retirou-se.

(Continúa)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 — RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO)
(Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis.)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 1907 Num. 108

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A ignorancia do Giby III (*Continuação*)

Emquanto *Giby* obedecia cegamente ás ordens de *Juquinha*, este ia dizer a sua mamãe que o moleque parecia pateta:
D. Luiza pretendendo certificar-se surprehendeu o *Giby* solemnemente repimpado sobre as costas de uma cadeira, esperando attento por algum peixe que *Juquinha* affirmára existir em uma tigella cheia d'agua.
E *Giby* foi asperamente reprehendido.

Fim

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis.)

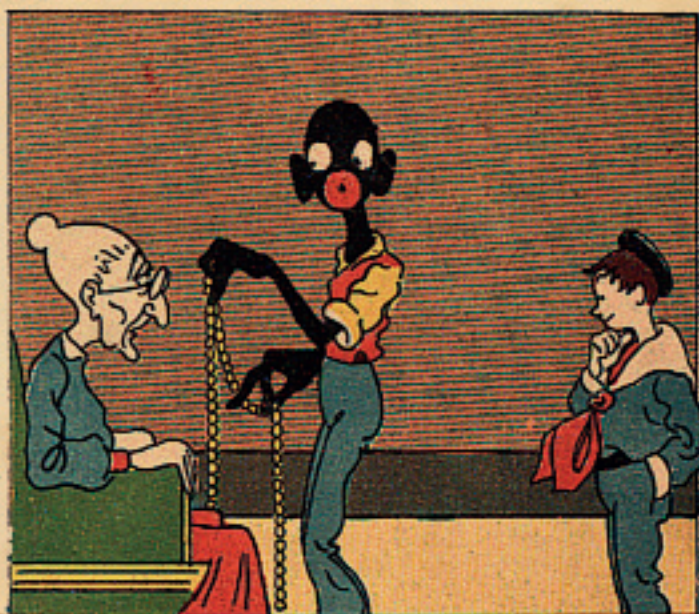
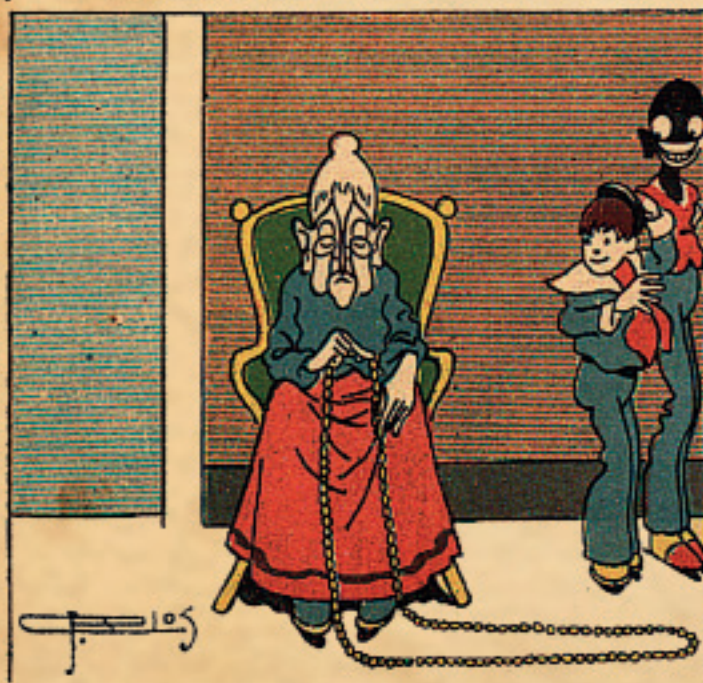
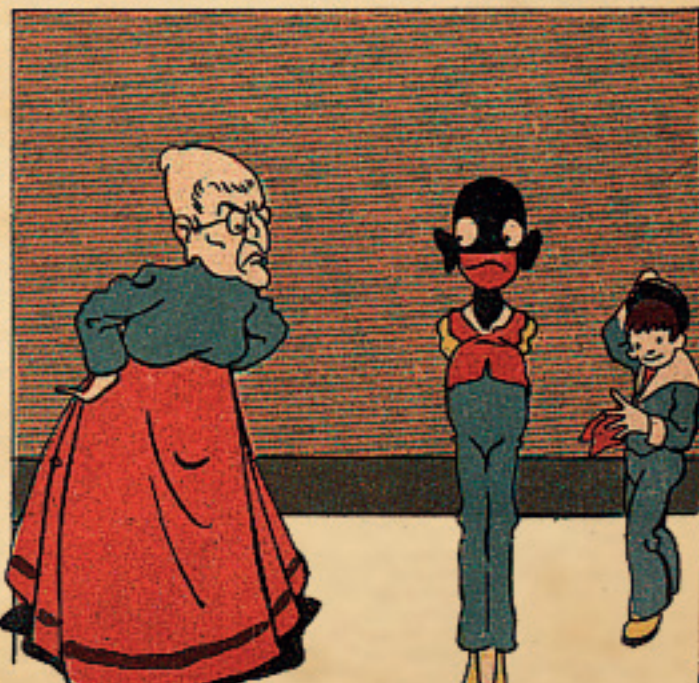
Anno III | RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 1907 | Num. 110

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA **Giby e Vóvó** IV *(Continuação)*

1 Outro dia *Juquinha* deu-se ao trabalho de enfiar uma porção de contas em um fio de linha grossa.

Fez um rosario immenso e levou-o ao *Giby*, a quem ordenou:

—*Giby*, tu vais entregar isto á *Vóvó* e dirás que é o rosario, que estava debaixo da cama.

2 *Giby*, attendendo á ordem de *Juquinha*, desempenhou correctamente a sua missão.

3 *Vóvó*, myope e agradecida, tomou o supposto rosario e fallando para dentro começou a rezal-o, emquanto o destemido *Juquinha* e o ousado *Giby* riam esperando o resultado.

4 O rosario não acabava mais. A *Vóvó* intrigada passou a examinal-o e quando descobriu a figura ridicula que fizera...

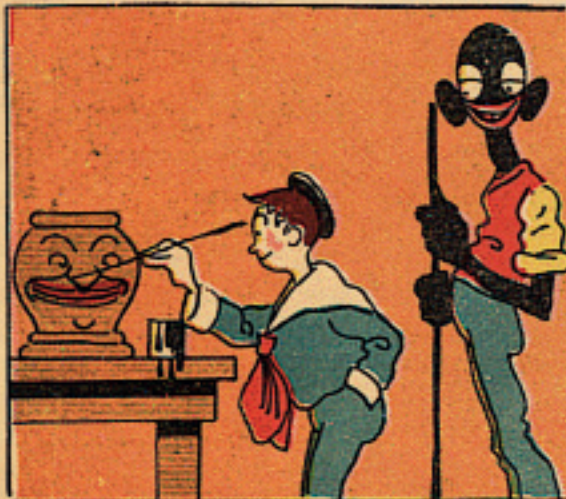
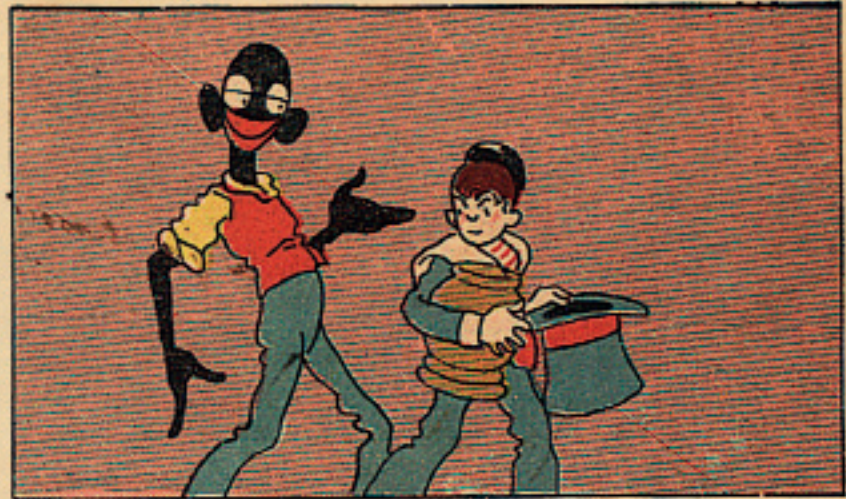
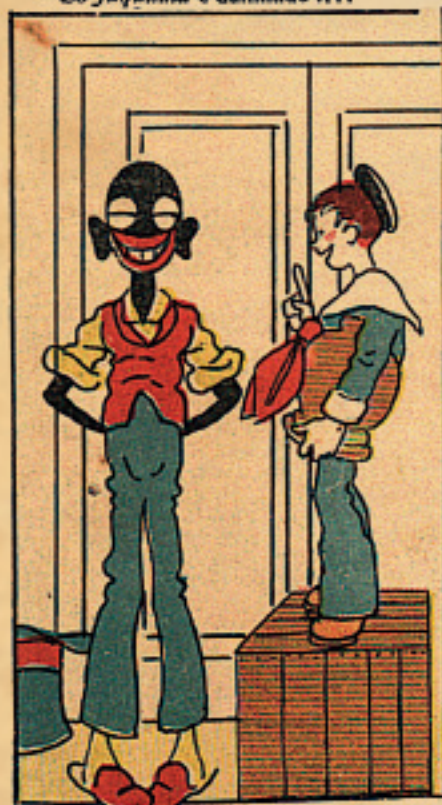
Passou um sabonete d'este tamanho no *Giby*. *Giby* porem, fiel a seu patrãosinho, sujeitou-se á gritaria sem a menor desculpa.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis)

Anno III — **RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1907** — **Num. 111**

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

Cabeça de boiião

1 Noutro dia *Juquinha* poz-se a desenhar uma carantonha muito feia em um boião, emquanto o *Giby*, admirado, dizia com seus botões:
—Só *Juquinha* é damnado!...

2 Acabada a pintura, *Juquinha* tomou uma cartola e, como quem manda muito, ordenou:
—Acompanhe-me, *Giby*!

3 E lá foram os dois até a porta da rua.
Ahi, *Juquinha* trepando sobre um caixote, levantou o dedinho e começou a fallar:
– *Giby*, tu vais ficar muito quieto aqui nesta porta.
E enfiou pela cabeça do *Giby* o tal boião.

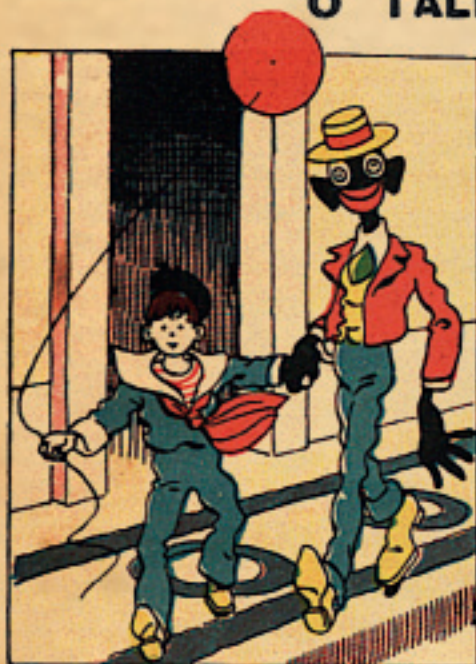
4 As ordens de *Juquinha* foram fielmente cumpridas. O moleque ficára immovel, junto á porta, emquanto os transeuntes retrocediam, amedrontados.
E *Juquinha*, com aquelle palmosinho de cara travessa, espreitava, escondido, o successo da nova carranca do *Giby*.

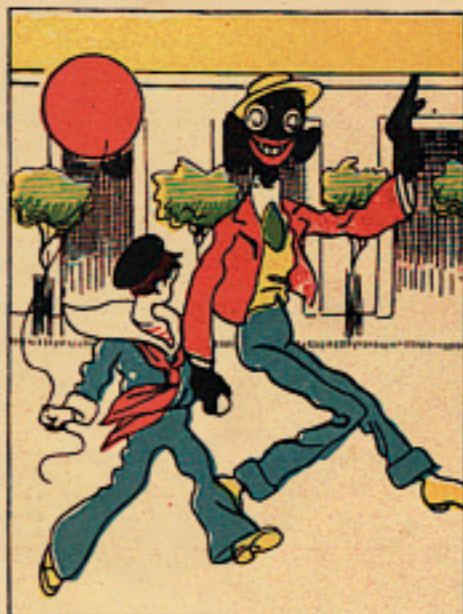
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132—RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis.)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA. 4 DE DEZEMBRO DE 1907 Num. 113

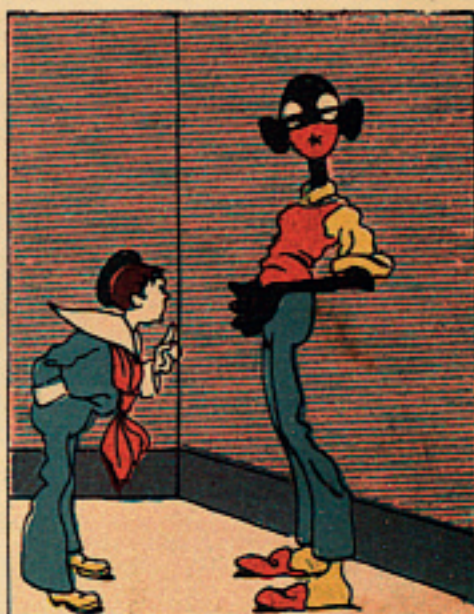
ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

O Cinematographo

1) Não ha quem não saiba que o divertimento da moda é o cinematographo.

Ha dias, *Juquinha*, em companhia de *Giby*, viu as fitas novas que annunciava um cartaz na Avenida Central.

2) O successo foi completo. Quando acabou a sessão, *Juquinha*, encantado, e *Giby*, enthusiasmado, voltaram para casa trocando impressões:

– E a cartola do velho? dizia o *Giby*.

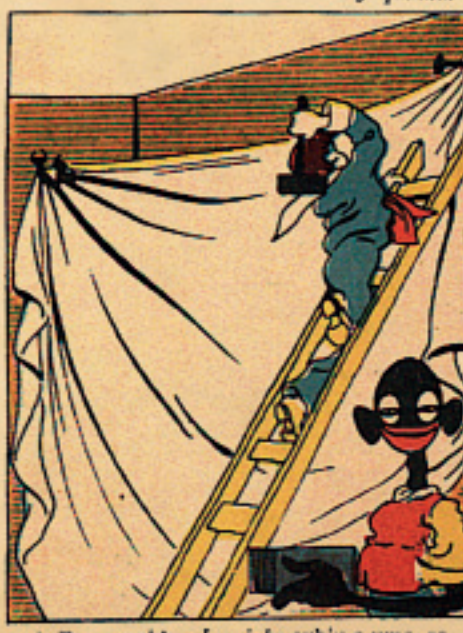
– E o homem da rabeca? atalhava *Juquinha*.

3) Em casa, ainda *Juquinha* ria, descrevendo as peripecias e os desastres.

De repente, levantou o dedinho e disse ao *Giby*:

—Nós vamos fazer um cinematographo.

4) E, desencabrestadamente, foi ao quarto da mamãi trouxe o lençol da cama, arrastando-o pelo chão.

Giby dizia com seus botões:

Que menino damnado!...

5) Em seguida, *Juquinha* subiu a uma escada e, emquanto *Giby* fornecia pregos, o grande traquinas esticou o lençol, pregando-o na parede.

Prompta a rapida installação, preparou um lampeão de kerozene...

6), e *Giby*, como um perfeito macaco, foi pular, gritar e cantar atraz do lençol.

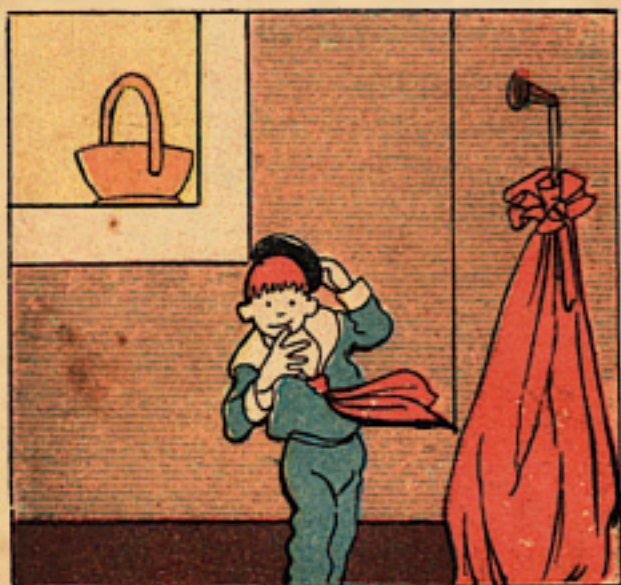
Juquinha encarapitado sobre uma mesa, ria a bandeiras despregadas.

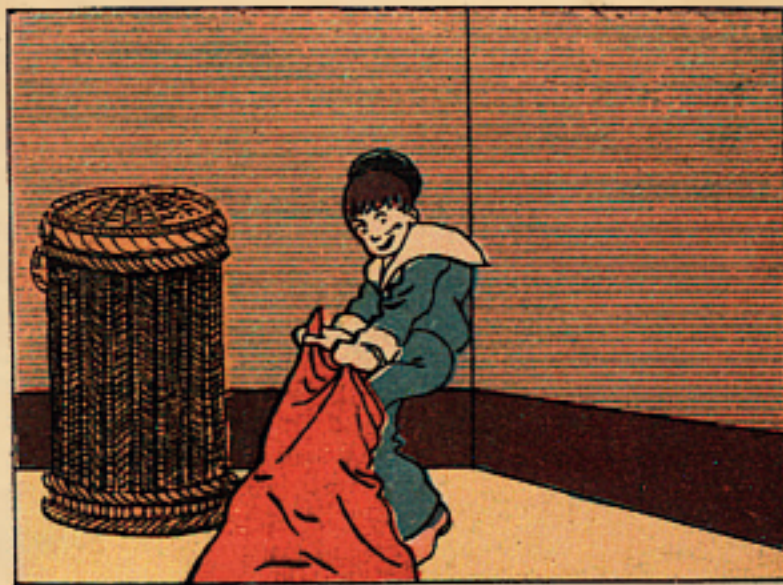
E foi assim que se fez um cinematographo barato.

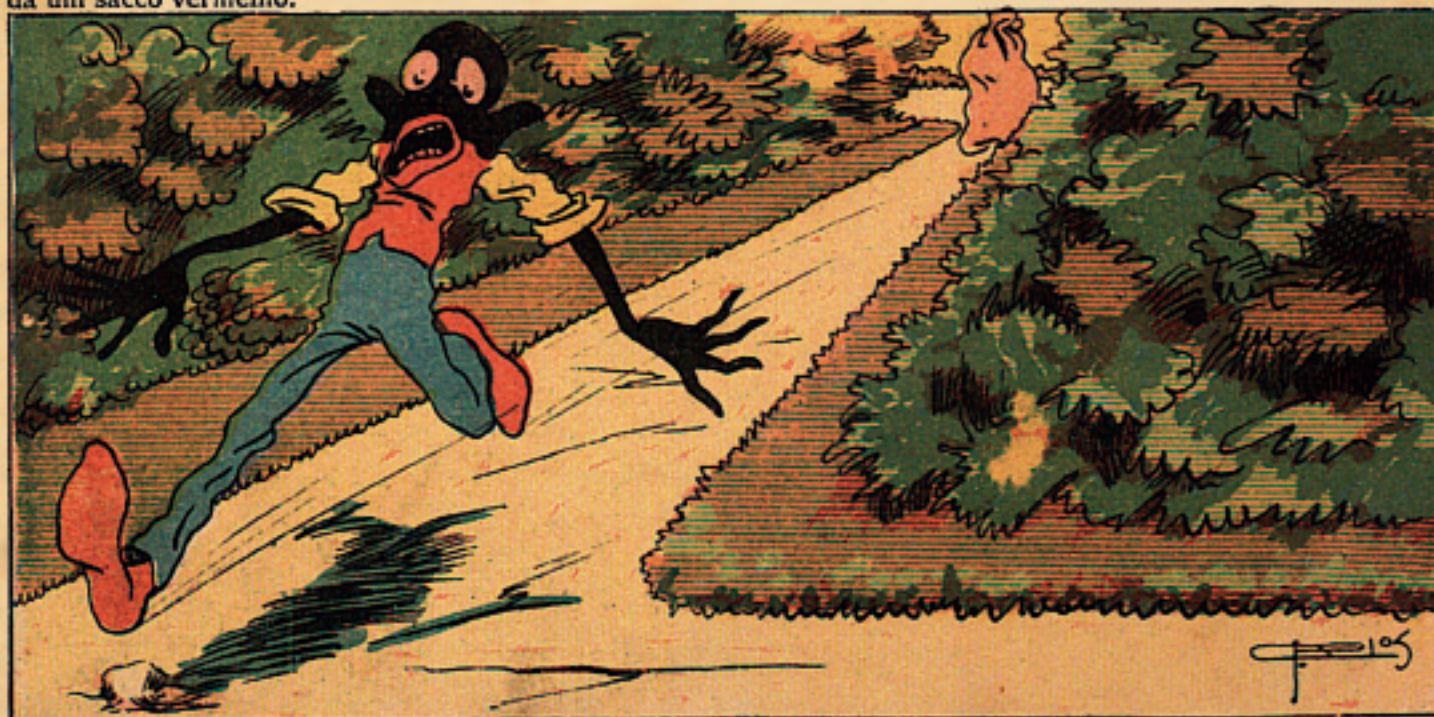
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 – RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis.)

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1907 Num. 115

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA Um susto e uma carreira

Foi, ha trez dias, mais ou menos.

Juquinha, entre a lição de portuguez e a de Geographia, encontrou no quarto da roupa servida um sacco vermelho.

—Mais uma ideia! bradou *Juquinha*.

E, como um rato que entra para um buraço, metteu-se dentro do sacco, correndo os cordões para fechal-o.

Lá dentro o grande travesso resolveu pregar um susto ao *Giby*.

Sahiu aos pulinhos, tal qual aquelle homem do cinematographo, e poz-se a perseguir o pobre moleque. *Giby* corria como um louco pela chacara.

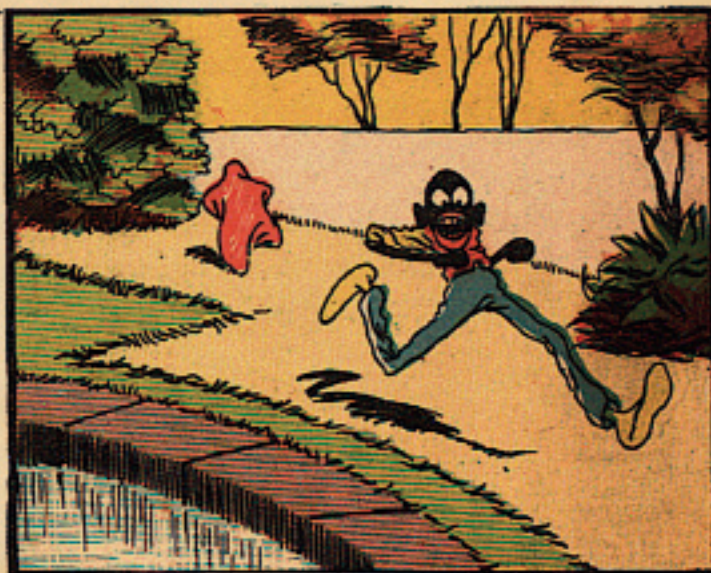
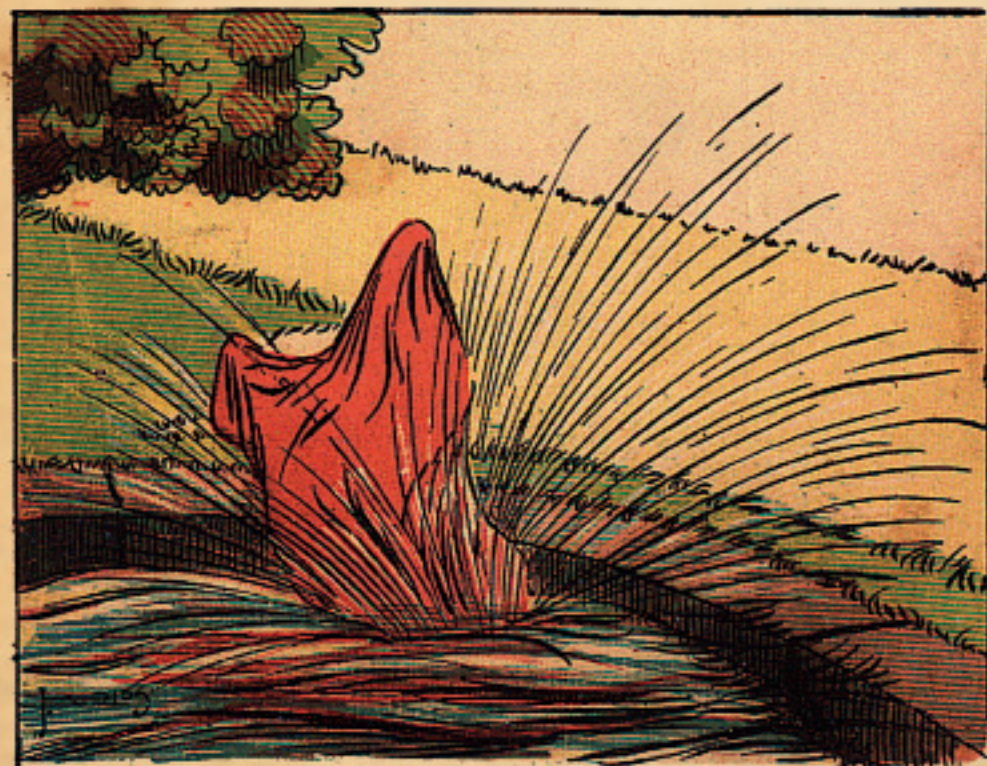
(Continúa)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 - RIO DE JANEIRO
(Publicação d'O MALHO) (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis.)

Anno III — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 25 DE DEZEMBRO DE 1907 — Num. 116

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA **Um susto e uma carreira** II *(Conclusão)*

1 *Juquinha*, apezar do grande calor que sentia dentro do sacco, continuava...

2 ...a perseguir o pobre *Giby* que, correndo por toda a chacara, implorava a protecção de S. Benedicto, que tambem era preto.

3 Mas, na curva de uma das ruas da chacara, existe um lago. *Juquinha*, imprevidente e distrahido, tropeça e... *tibum!!!*... Tomou um banho valente!

4 Apanhou uma constipação e, em quanto espirrava continuadamente, *Giby* dizia:

— O' gente! alma do outro mundo não espirra. Bem feito!

(Fim)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 – RIO DE JANEIRO (Numero avulso 200 réis, atrazado 500 réis.)
(Publicação d'O MALHO)

O Juquinha

No embalo do sucesso, do carisma e do impacto da personagem o Juquinha no imaginário do leitor foram criadas duas outras revistas com o mesmo nome: *O Juquinha (fig. 29).*

A primeira, fundada em 4 de dezembro de 1912, trouxe de volta o herói, acompanhado de Giby, e apresentou a terceira personagem criada por J. Carlos, a efêmera *Miss* Shocking.

A segunda revista publicada em 1922, só aproveitou o nome famoso e nada tinha a ver com J. Carlos e suas personagens.

O Juquinha (1912- 1913).

A personagem Juquinha, segundo editorial da revista homônima no seu segundo número, informava que o herói, entusiasmado por uma estada em Bruxelas, onde fora estudar com um professor francês, voltou com um novo visual no físico e figurino. O rosto e o corpo estavam mais delineados e, segundo os leitores, até mais bonito.

O antigo uniforme de marinheiro, uma tradição oriunda da moda lançada involuntariamente por Eduardo VII que, quando criança, fora pintado

vestindo um belo modelo, foi substituído por outro mais moderno. J. Carlos, modista informal pela elegância com que vestia as melindrosas, trajou o Juquinha de marinheiro estilizado. Desta vez destacando-se a camiseta de mangas compridas de malha branca, listrada de vermelho.

Essas listras, analisadas por Michel Pastoreau, dão muito o que falar. Mostravam, desde o século XIII, um viés pejorativo, colocando os usuários à margem ou fora da ordem social, servindo para identificar, entre outros, loucos, doentes contagiosos e, até recentemente, presidiários.

Essa conotação mudou com o tempo. A partir do século XVII quando, adotada pelos profissionais do mar e praticantes de esportes marítimos, transformou-se em roupas praianas e depois distintivas de esporte e lazer. Passaram também ao mundo da infância e da juventude quando começaram a multiplicar-se desde a segunda metade do século XIX.

Tornaram-se lúdicas, esportivas e alegres. Lúdicas porque vestiam as crianças brincalhonas e estavam, também, na roupa dos comediantes, palhaços, bufões, dos antigos malandros cariocas que não levavam nada a sério, enfim, de todos os que, de uma maneira ou outra, brincavam e faziam rir.

(fig. 29)

Juquinha, Giby e *Miss* Shocking

Com as listras, intuitivo ou de propósito, J. Carlos emprestou a Juquinha esse comportamento "marginal" nas brincadeiras com os circunstantes, fosse o companheiro Giby, ou a professora *Miss* Shocking.

O traço de J. Carlos não é mais o da estreia n'*O Tico-Tico*. Diferente da *art nouveau* rebuscada, seu estilo tem mais simplicidade. Concentra-se num Juquinha de linhas bem definidas, leve, que vive num cenário de decoração sólida e regular, elegantemente despojado: paredes sem quadros, móveis retilíneos. Dir-se-ia que J. Carlos dá um passo para a difusa *art déco* que começaria por volta de 1920.

A série agora intitula-se *Juquinha e suas proezas*, e como acontecia n'*O Tico-Tico* é, na maioria das vezes, a história da capa. Nela, é destaque permanente pois sua figura dinâmica, chutando uma bola, faz parte e domina o logotipo.

Há outras histórias, cujos protagonistas aparecem retratados nas demais esferas do título que são, da esquerda para a direita: Chiquinho (Buster), Jagunço, Vovô e seus netos, Lili, outra não identificada, Joaninha, a dorminhoca, Tio Jacinto e Giby.

Giby volta com a mesma cara e o corpo desajeitado de sempre. Longilíneo e descalço, traja agora camisa branca, colete vermelho, calças verdes com linhas quadriculadas pretas. Para ser, infelizmente, submetido ao mesmo tratamento grosseiro por parte do menino branco.

Sintomático é seu reaparecimento no terceiro episódio. Juquinha como se Giby fosse um objeto, retira-o de um baú, local onde o alojaram na viagem da Bélgica para o Brasil. Na continuação do capítulo, Juquinha quase o enforca numa brincadeira, como sempre de mau-gosto. Felizmente, depois de mais uma humilhação, Giby é reformulado, a partir de 27 de janeiro de 1913,

quando surge em cena *Miss* Shocking. Agora, mais confiante, aparece até garboso com uma jaqueta vermelha, ladeada de botões dourados num uniforme que pode ser de porteiro, mensageiro ou ascensorista. Juquinha trata-o com mais consideração e companheirismo, já que deixou de ser vítima e está mais para cúmplice nas peças que pregam, principalmente, em *Miss* Shocking.

Miss Shocking aumenta o valor da revista porque é a terceira, embora efêmera, personagem de J. Carlos e a terceira mulher da história em quadrinhos brasileira depois de Inaiá de Agostini e Faustina de Storni. Trata-se de uma súdita britânica, governanta vitoriana, já entrada em anos, contratada na Europa para prosseguir no Brasil com a educação do bem-nascido Juquinha.

Tal prestação de serviço era relativamente comum no Brasil desde o Império, quando se ajustavam preceptores.

O próprio diretor d'*O Malho*, segundo comentário num editorial d'*O Tico-Tico*, mantinha uma delas para acompanhar a educação dos filhos. Essa senhora inglesa recebia revistas em quadrinhos da terra natal e os filhos de *Luís Bartolomeu* divertiam-se muito com elas. Tal interesse das crianças pelo gênero das publicações não passou despercebido ao dono da casa.

Essa versão, só agora ressuscitada, informa também que foi dele – Luís Bartolomeu – face o que presenciava, a ideia de publicar *O Tico-Tico*.

J. Carlos, na sua longa trajetória pelos quadrinhos, desenhava painéis de páginas inteiras com alegorias referentes a datas ou acontecimentos do período em que participavam suas personagens. Na revista *O Juquinha*, das apresentadas, apenas a intitulada *Caraboo* necessita de explicação.

Caraboo (Amores de uma princesa), canção norte-americana de Sam Marshall, de 1913, foi adaptada para o carnaval naquele ano e gravada por Orestes de Matos na Casa Edson.

Marchinha de sucesso, foi homenageada pelo artista que aproveitou o tema da canção, as desventuras de uma princesa, para apresentá-lo com Juquinha e seus parceiros.

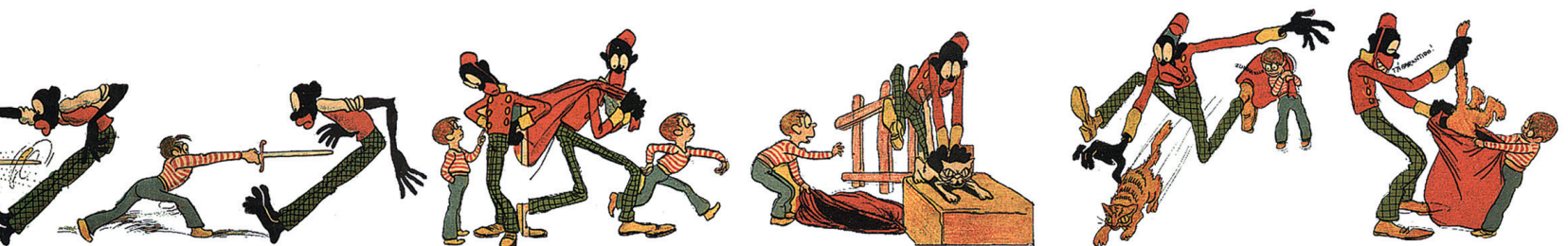
Ao lado de J. Carlos brilhava, com igual itensidade n'*O Juquinha*, Julião Machado (1863-1930) desenhista e caricaturista português que chegou ao Brasil em 1894 e trabalhou nos grandes jornais brasileiros como o *Jornal do Brasil* e *Gazeta de Notícias*, influenciando o próprio J. Carlos, Raul e K. Lixto.

Ele publicou na revista com grande maestria o conto infantil *A princesa Kiki*, do qual uma de suas página coloridas, exemplo raro do seu trabalho, no Brasil, publicamos neste álbum (pág.178)

O segundo número d'O *Juquinha* apresentou os quadrinhos *Joaninha, a dorminhoca*, *Beltran Duglesquin*, *Tio Jacinto e seus planos*, *O menino manhoso (The Newlyweds – Their baby)*, *Viagem de Antonico ao País dos Sonhos (Little Nemo)*, *As aventuras de Chiquinho (Buster Brown)* e os textos *Viagens e aventuras*, *O cão de Sherlock Holmes* e os antológicos quadrinhos de A *estalagem maldita* de Georges Omry.

A revista era uma rival à altura d'O *Tico-Tico*, de onde copiava o modelo e até o herói Chiquinho, calcado cuidadosamente do *Buster Brown*. Como ambas as revistas pirateavam o herói americano, não havia o que discutir.

Na parte recreativa cultural, apresentou entre outros *Álbum de selos*, uma página inteira com os espaços onde deveriam ser coladas as estampas dos países focados.

Histórias e bichos, *Seção para meninas*, *Seção de concursos*, *Histórias e legendas*, *Palestra do Dr. Sabe-Tudo*, folhetim *Memórias de um galo*, *Dis-*

A PRINCESA KI-KY
Depois dos primeiros momentos de admiração por tamanha maravilha e como a princeza continuasse a deitar flôres pela bocca sem que lhe ouvissem a voz (porque a *Ratrada* fez rigorosamente o que a Princeza desejava que era ver *suas palavras transformadas em rosas*), o rei começou a aborrecer-se com aquella novidade.
Demais, afflicta por se fazer comprehender, a Princeza, fallava cada vez mais e com isso as rosas cahiam em tal abundancia que era preciso varrel-as, para que não enchecem a sala.
Sua Alteza a Princesa Ki-Ky acha-se gravemente doente. A quem a curar, o Rei dará em recompensa: — dez carros carregados de ouro puro, em barras, e cinco de pedras preciosas.
Por fim, até foi necessario um carrinho de mão, para as retirar d'alli.
Mas o peior foi no dia seguinte.!
Quando a princeza sahiu dos seus aposentos e quiz "dar as ordens" a suas numerosas aias, não só continuou a despejar rosas pela bocca sem se fazer entender, mas tambem viu surgir de todos os lados, attrahidas pelo perfume das flôres, grandes abelhas, aos milhões, que a cercaram n'um enxame tão denso que ella ficou como doida.!
Muito triste pelas consequencias de sua impertinente vaidade, a Princeza cahiu de cama e não abriu mais a bocca. O rei muito apoquentado depois de ter chamado os dois physicos mais notaveis da côrte, que não souberam dar remedio áquella doença, mandou que o bôbo do Paço sahisse á rua com um edital em que prometia grandes recompensas a quem curasse a sua filha.
Vieram sabios e curandeiras de todas as partes do mundo, mas todos ficavam sem saber o que fazer, em presença de um caso tão extraordinario.

trações em casa, Os esports do Juquinha. Distribuição de entradas grátis para o cinema no Parque Fluminense e Cinematógrafo Chanteclair oferecidas pela Cia. Cinematográfica Brasileira.

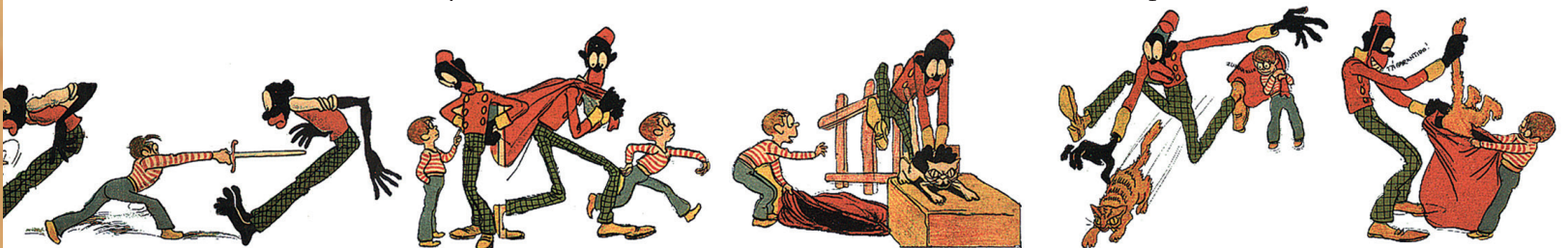
A criação da revista *O Juquinha*, em 4 de dezembro de 1912, cercou-se de um certo mistério, devido ao registro com luva branca que dela fez Herman Lima na *História* d'A *Caricatura no Brasil.*

Alguém muito importante, que trabalhava n'*O Tico-Tico* e dele se afastou, foi o responsável pela sua fundação, junto com J. Carlos, diretor artístico da *Careta* fazia quatro anos.

A pessoa misteriosa, que veio d'*O Tico-Tico* para *O Juquinha*, trouxe o pseudônimo *Dr. Sabe-tudo* com que assinava uma seção de correspondência com os leitores, veiculando notas e mensagens. *O Tico-Tico* superou o afastamento, mantendo a seção com a mesma finalidade, assinada por um tal *Dr. Tudo-Sabe.*

O artigo, sem assinatura, *Caricaturistas do Rio de Janeiro*, que abordava os profissionais do gênero na Cidade Maravilhosa, publicado na página do número 29, da *Revista da Semana* de 10 de junho de 1939, quando fala de J. Carlos, desfaz o mistério criado por Herman Lima na *História da Caricatura no Brasil*, agora trazido ao conhecimento dos leitores.

"Sem deixar de ser o único redator artístico do semanário de Schmidt, em 1912, incumbe-se J. Carlos, com Julião de ilustrar O Juquinha, *de Renato de Castro, publicação infantil com o nome do personagem que criara em* O Tico-Tico."

A personalidade que Herman Lima mantinha na penumbra com um certo pudor ético por ser editor importante da revista e ter desertado para fundar *O Juquinha*, era Renato de Castro, um dos ícones da empresa *O Ma-*

lho e indiscutível fundador d'O *Tico-Tico*.

O *Juquinha*, de Renato de Castro, não informava ligação com qualquer editora.

Apesar da categoria de Julião Machado, ilustrador do conto em série A *Princeza Kiki*, sem nada dever artisticamente à produção de qualidade francesa e do seu painel dobrado, do tamanho de 2 páginas e 1/4, comemorativo do Natal e Ano Novo de um lado e, do outro, *As Viagens de Antonico*, cópia de *Little Nemo*, O *Juquinha* foi obrigado a desistir.

O Brasil, com escolaridade e poder aquisitivo baixos, não tinha demanda de mercado suficiente para absorver duas revistas infantis ao mesmo tempo.

Em 16 de julho de 1913, num acordo certamente de cavalheiros, a revista O *Tico-Tico* passou a publicar, excetuando aquelas de J. Carlos, a continuação de histórias em quadrinhos e matéria de textos impressos n'O *Juquinha*.

O *Dr. Sabe-Tudo* voltou à sua coluna n'O *Tico-Tico*.

O *Tico-Tico*, número 407 de 23 de julho 1913, num gesto de gentileza e conciliação, publicou só a capa d'O *Juquinha*, que já não mais existia, na contracapa.

A série d'*As Aventuras do Conde de Cavagnac*, um dos grandes heróis da história em quadrinhos francesa, desenhada pelo mestre Georges Omry, obteve extraordinário sucesso tanto na França como no Brasil onde memorialistas costumam citá-lo.

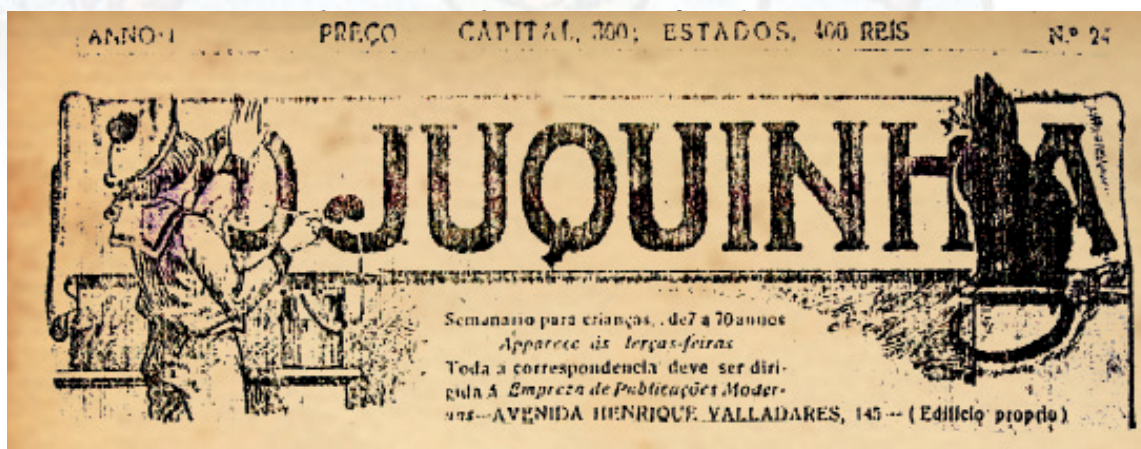
Ela estava sendo editada pelo O *Juquinha*, e O *Tico-Tico* deu-lhe continuidade no número 408, de 30 de julho de 1913.

O *Tico-Tico* passou a incluir, também, outros heróis e seções im-

portantes do espólio: *Viagens e aventuras, História de bichos e Selos do mundo*. As três últimas, a bem da verdade, copiadas pelo *O Juquinha* do *Le Journal des Voyages*.

ANNO I PREÇO CAPITAL 300; ESTADOS, 400 REIS N.º 24

O JUQUINHA

Semanario para crianças, de 7 a 10 annos
Apparece ás terças-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza de Publicações Modernas—AVENIDA HENRIQUE VALLADARES, 145 — (Edificio proprio)

Tal a mística do nome que uma segunda revista *O Juquinha* apareceu no ano de 1922, editada pela Empresa de Publicações Modernas, situada na Avenida Henrique Valadares, 145, Rio. Além de fascículos de aventuras de ação e policiais, publicava duas conhecidas revistas populares: *Pelo Mundo...*, que seguia o modelo do *Eu sei tudo* e *Impéria*, uma das antecessoras da *Playboy*.

Essas revistas eram bem cuidadas, em papel cuchê e páginas ilustradas em cores. As únicas informações disponíveis sobre *O Juquinha* devem-se ao estudioso dos quadrinhos Armando Sgarbi, que possuía um único exemplar, em péssimo estado, o número 24. Soube-se por ele que a revista publicava uma página colorida em quadrinhos de Carlitos.

Acredita-se que, pelas outras revistas da Publicações Modernas, a apresentação gráfica fosse razoável. Contudo, os fascículos de aventuras da mesma editora, na mesma época, eram em papel jornal e a capa ilustrada,

pobremente, na cor salmão.

O *Juquinha*, semanário que aparecia às terça-feiras, autointitulava-se *Semanário para Crianças, de 7 a 70 anos*, muito raro, teve, como outros, curta duração, cerca de nove meses e 37 números (fig. 30).

O *Almanaque do Juquinha* durou mais, comprovadamente editado para os anos 1923, 1924, 1925, 1926 e 1927 (fig. 31).

ALMANACH D'O JUQUINHA — (1923)

O JUQUINHA

Collecção completa

Restam-nos ainda algumas collecções completas desta linda revista infantil, composta de 37 numeros, profusamente illustrados e com interessantissimas historias para as crianças.

Essas collecções são vendidas ao preço de 12$000 na nossa séde e enviadas registradas pelo correio ao preço de Rs. 13$ooo.

Pedidos acompanhados da respectiva importancia em vale postal ou carta com valor declarado á

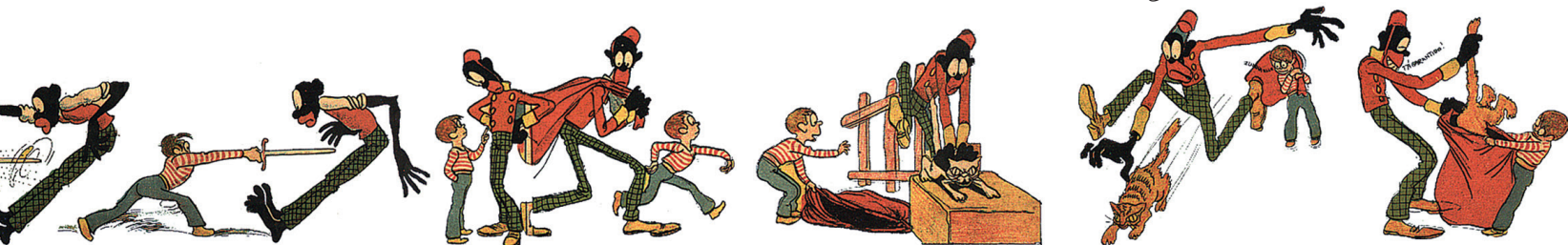
Empreza de Publicações Modernas

AVENIDA HENRIQUE VALLADARES, 145 - Rio

(fig. 30)

Um exemplar para 1923, em fac-símile, circula entre os aficionados. Dá algumas pistas do que O *Juquinha* poderia ter publicado. Lá encontramos, entre outras histórias em quadrinhos não identificadas, João Narigão, Carlitos, Mutt e Jeff, Pafúncio e Marocas e até um Juquinha que nada tem a ver com o de J. Carlos.

Publicou, com toda a certeza, um romance infantil em continuação, intitulado *Os "coco-boys" de Cascadura*, mais tarde, reunidos e publicados em álbum.

(fig. 31)

ALMANACH
D'O JUQUINHA
1927

ANNO I — Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 1912 — N. 2

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

O JUQUINHA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

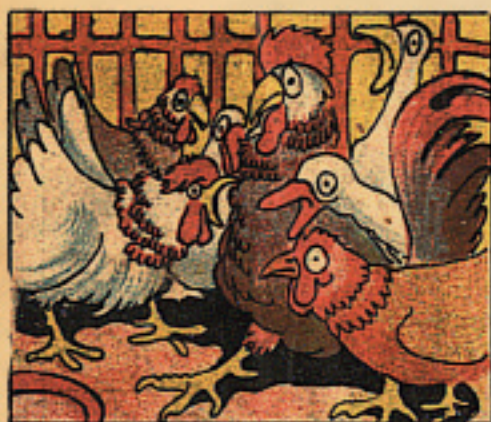
Numero Atrazado 400 réis

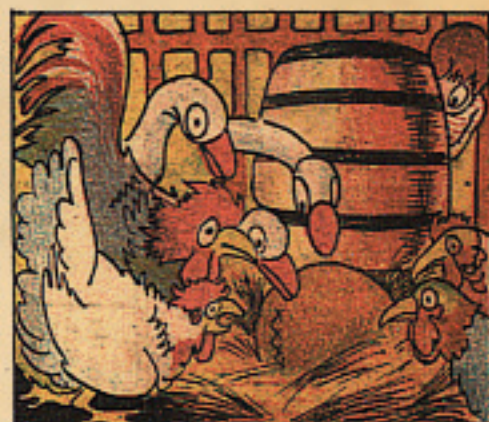
PREÇO 200 RÉIS

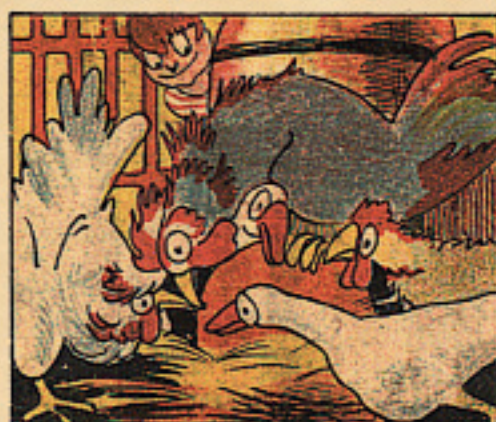
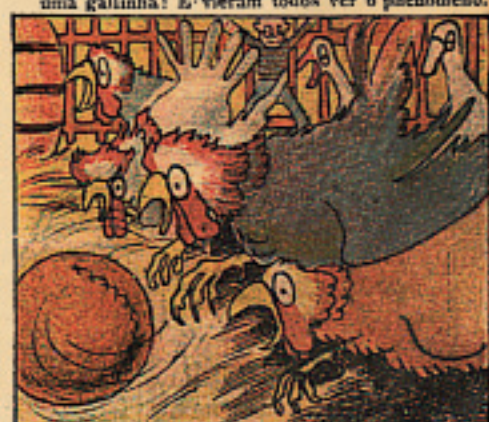
REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

O OVO MYSTERIOSO

(Continuação)

A gallinha topetuda, arripiada de medo, correu e foi contar o caso ao gallo.

O gallo cacarejou e reuniu todo o gallinheiro.

O caso era pasmoso! Um ovo maior do que uma gallinha! E vieram todos ver o phenomeno.

Juquinha, atraz da barrica, acompanhava todo o movimento.

Patos, marrécos e toda a gallinhada arremessaram sobre a bola.

Era preciso saber que qualidade de pinto havia dentro de um ovo tão grande.

E bicaram com toda a força de seus bicos.

Ja nem se via a bola. Era tudo um bolo de gallinhas.

E tanto bicaram que o couro, não resistiu e a bola estourou, virando de pernas para o ar toda a gallinhada.

ANNO I | Rio de Janeiro, 18 de Dezembro de 1912 | N. 3

O JUQUINHA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

Numero Atrazado 400 réis | PREÇO 200 RÉIS

REDACÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da *CASA BROMBERG & C.*

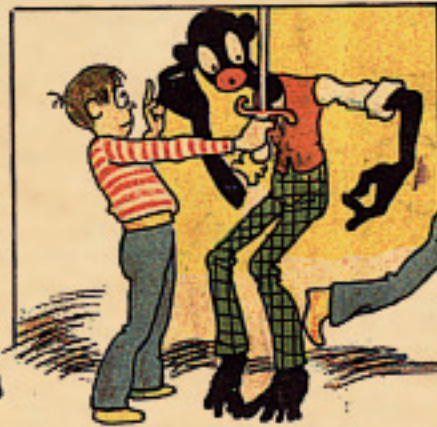
JUQUINHA e suas proezas

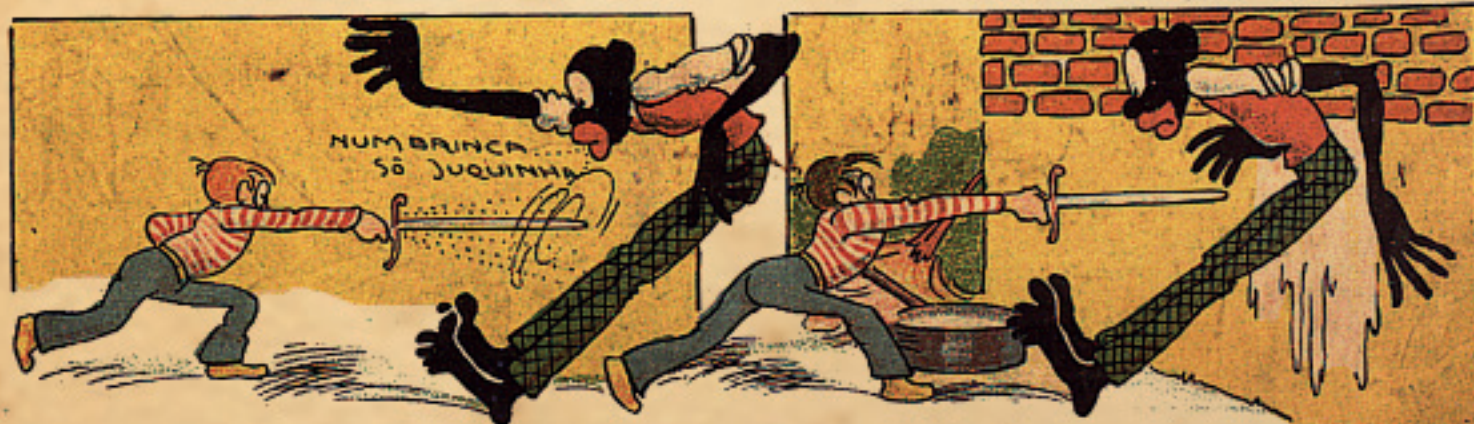
O ensopado de Mocotó

Juquinha, um dia destes, passou pela cozinha e encontrou uma panella com ensopado de mocotó.

Mocotó gruda como cola. E Juquinha promoveu um espanador á brocha e...

... lambusou uma parede no quintal.

Depois foi soltar o famoso Giby que ainda estava em una das malas trazidas do collegio.

Logo que Giby ganhou a sua liberdade Juquinha mostrou-lhe uma espada.

— Sabes o que é isso, moleque?
E começou a querer furar a barriga do Giby.

O moleque recuou aterrorisado...

... até que, sem sentir, bateu com os fundilhos da calça na parede pintada com mocotó.

(Continúa)

ANNO I — Rio de Janeiro, 25 de Dezembro de 1912 — N. 4

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

Numero Atrazado 400 réis — PREÇO 200 RÉIS

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

O NATAL DO JUQUINHA

Juquinha, sempre fantazista e jovial, organisou uma festa de Natal, a seu modo, obrigando seu fiel moleque o Giby a fazer de Papá Noel, com barbas e sobrancelhas brancas.

ANNO Rio de Janeiro, 1 de Janeiro de 1913 N. 5

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da *CASA BROMBERG & C.*

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

Numero Atrazado 400 réis

PREÇO 200 RÉIS

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

Juquinha e suas proezas
O ensopado de mocotó
(continuação)

Té pegado só Juquinha

Vendo o Giby pegado, Juquinha comprehendeu que a situação era grave

mas teve uma idéa. Foi buscar uma corda...

..passou-lhe uma ponta no pescoço do Giby.

Foi buscar uma escada e com ella

..passou a outra ponta da corda por cima da trave do telheiro.

Virge santo!

E foi passal-a ainda por um andaime da casa visinha.

Amarrou então a ponta da corda a uma barrica de cimento

...e, dando um *shoot* na barrica, atirou-a em baixo

E como a barrica pesava mais do que Giby, está Giby *despegado*.

ANNO II Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1913 N. 5

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA KROMBERG & C.

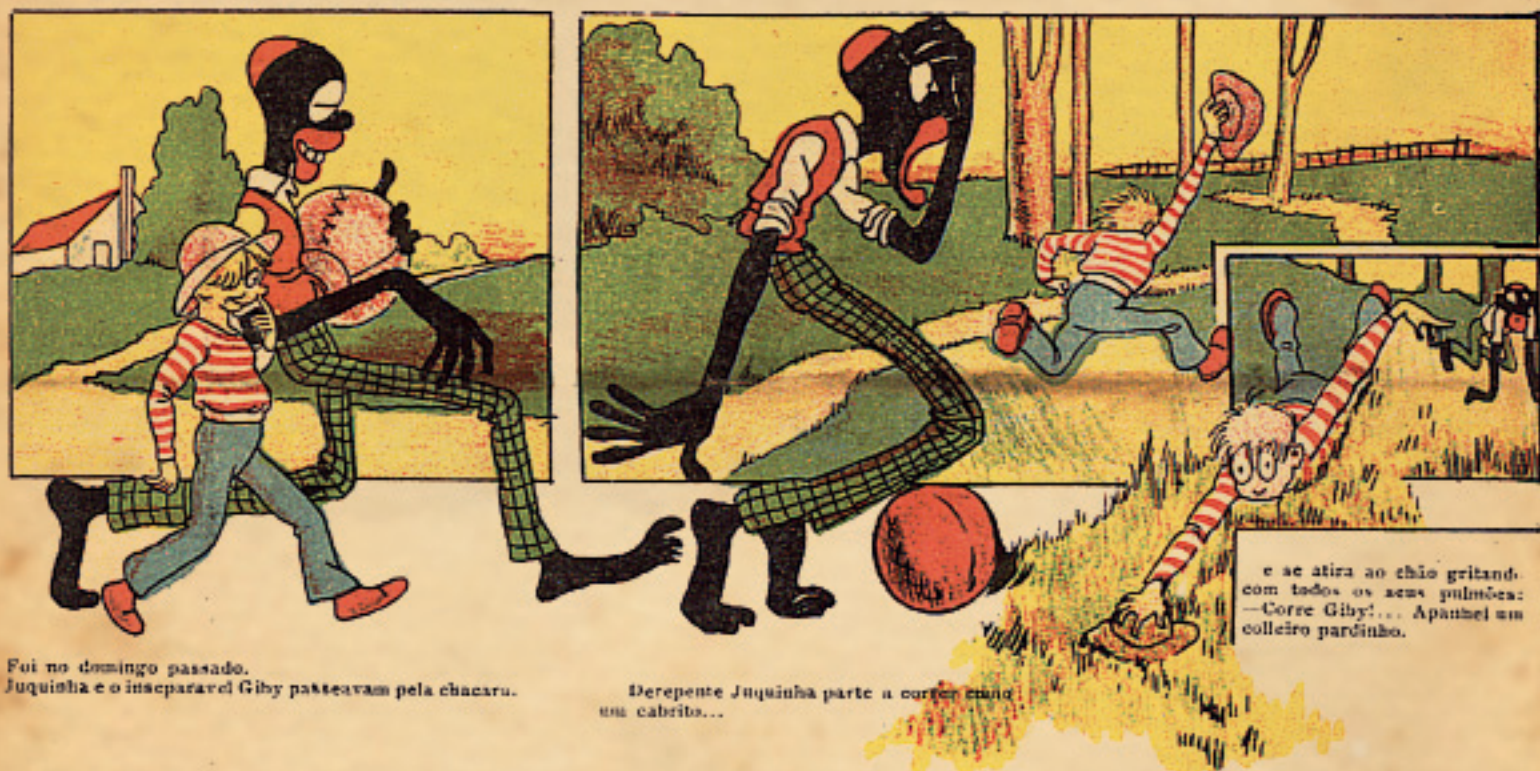
O JUQUINHA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

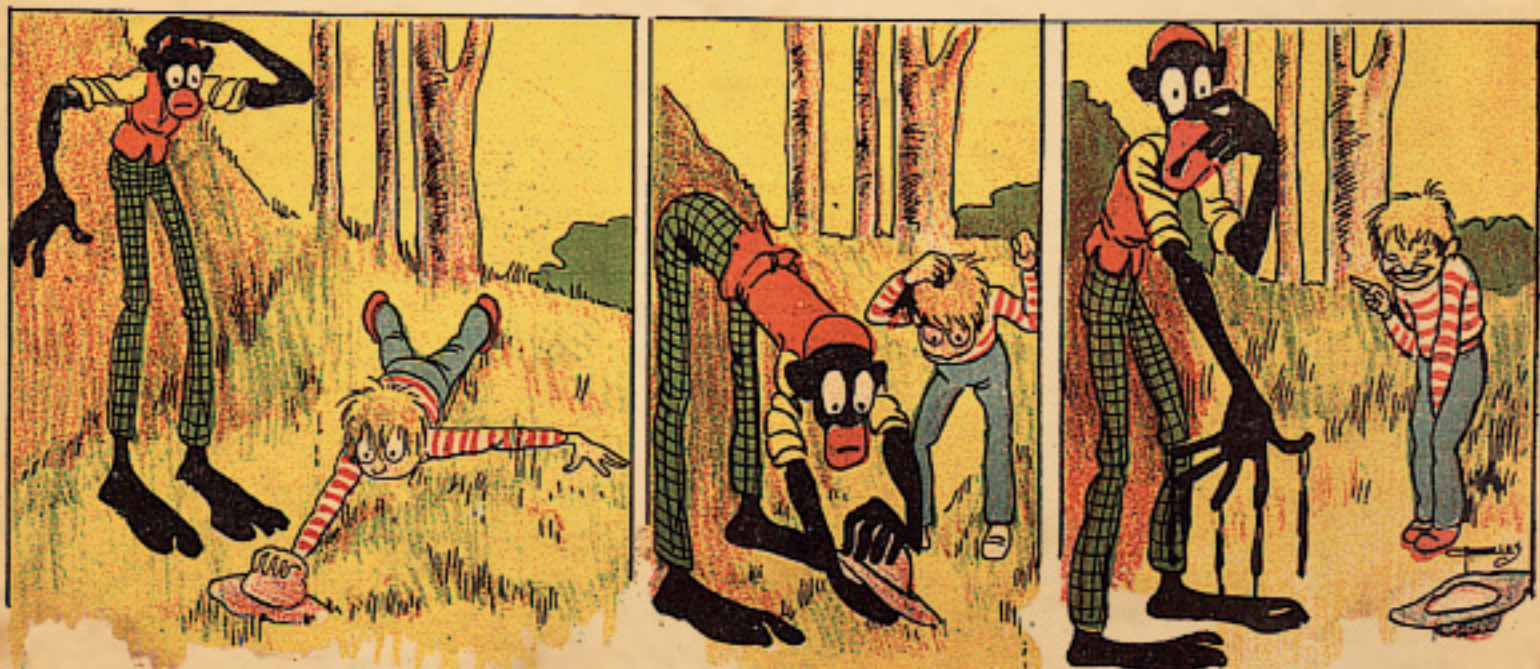
E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

Numero Atrazado 400 réis PREÇO 200 RÉIS

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

Foi no domingo passado.
Juquinha e o inseparavel Giby passeavam pela chacara.

Derepente Juquinha parte a correr como um cabrito...

e se atira ao chão gritand com todos os seus pulmões:
—Corre Giby!... Apanhei um colleiro pardinho.

Giby correu tambem para o logar.

Depois curvou-se e cuidadosamente metteu a mão debaixo do chapéu...

mas que desengano! Não era um colleiro pardinho, era... era... porcaria de gato!

ANNO I — Rio de Janeiro, 22 de Janeiro de 1913 — N. 8

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

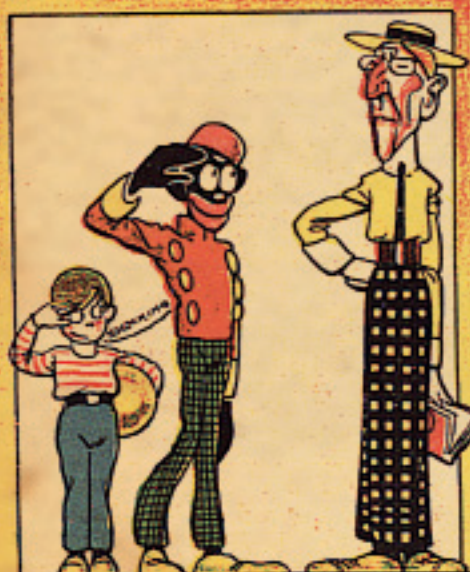
E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

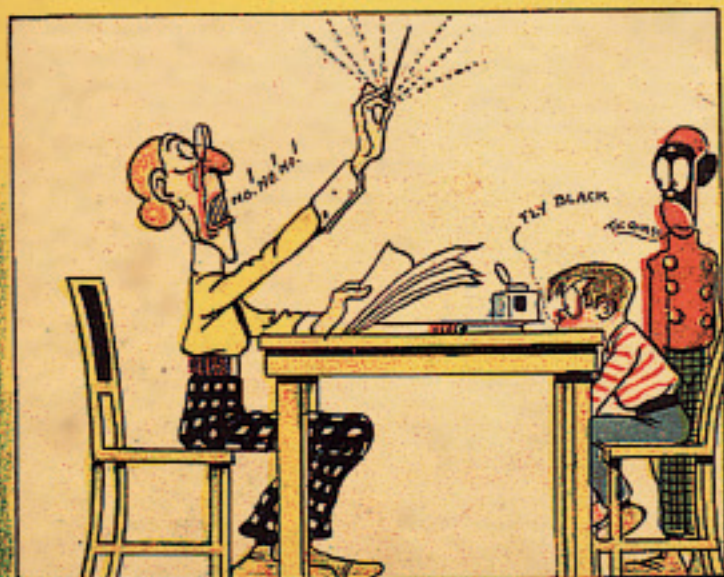
REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

Numero Atrazado 400 réis

PREÇO 200 RÉIS

Juquinha e suas proezas — MISS SHOCKING

Juquinha, meus amiguinhos, apesar de ter deixado o internato de Bruxelas, veio acompanhado por uma Miss rabugenta que veio contratada para ilustral-o.

A hora da lição chegára e Juquinha com o cuidado necessario collocou uma régua sobre um livro e na extremidade da régua um tinteiro.

Miss Shocking começou a lição com a paciencia propria de quem inicia qualquer coisa.

Mas Juquinha é vadio. Miss aos poucos começa a se exaltar nervosa e por fim assenta um...

...solene murro sobre a mesa. E o effeito foi esse. A mão desmedida de Miss Shocking bateu sobre a extremidade da régua, levantando o tinteiro que lhe caiu inteiro sobre o nariz.

ANNO 2 Rio de Janeiro, 29 de Janeiro de 1913 N.9

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

O Carnaval já vem perto
Está por menos de oito dias,
Juquinha que é cabra esperto
E gosta d'essas folias

Vai tratando de ensaiar
Um côro forte e burlesco
Porque conta organisar
Um cordão carnavalesco.

O Ciby, cantor *bahheiro*
Faz da musica um embrulho,
Chiquinho fez-se *bombeiro*
Para fazer mais barulho

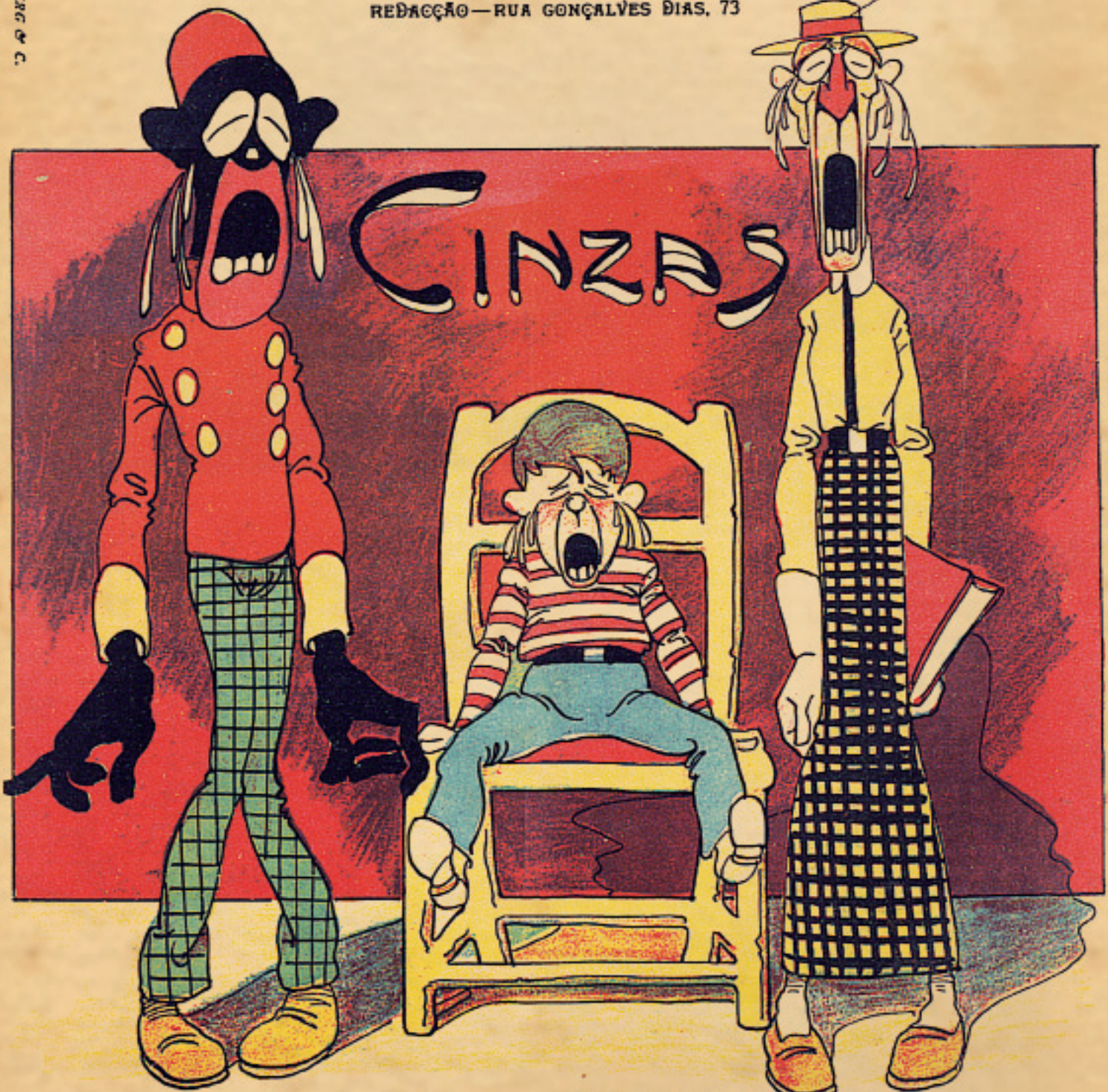
E a festa de que se trata
Taes prodigios conseguiu
Que a professora adheriu
Cantando o "*Vem cá Mulata!*"

ANNO 2 | Rio de Janeiro, 5 de Fevereiro de 1913 | N. 10

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS
SCHNELLPRESSENFABRIK da *CASA BROMBERG & C.*

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES
E
PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

Numero Atrazado 400 réis

PREÇO 200 RÉIS

Cinzas

Acabou-se o Carnaval!
O folguedo jovial,
Que toda a gente allucina

Outro, agora, só pára o anno
Como é triste o fado humano
Que tudo que é bom termina!

O Juquinha, ao que parece,
Queria talvez que houvesse
Uns quatorze carnavaes.

Por isso vemol-o aqui
Com a professora e o Giby,
Todos... chorando por mãis.

ANNO 2 Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1913 N. 11

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

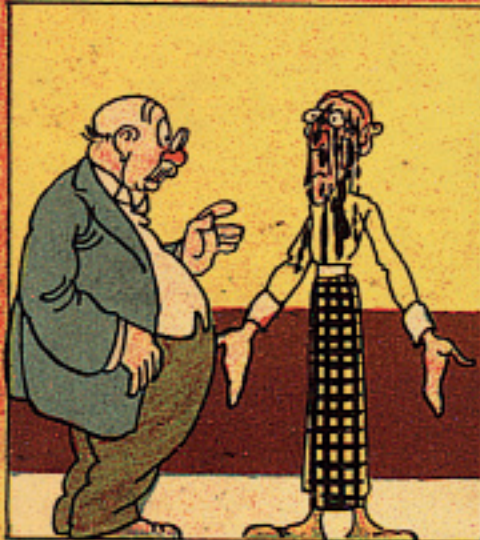
ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

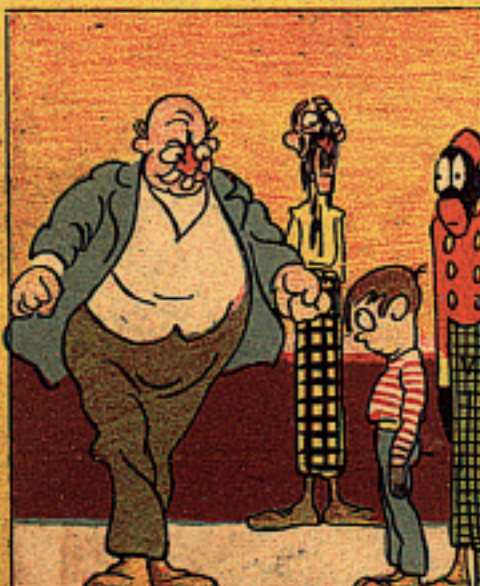
PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

Numero Atrazado 400 réis PREÇO 200 RÉIS

JUQUINHA E SUAS PROEZAS — Miss Shocking

Miss Shoking, - meus amiguinhos, depois d'aquella pavorosa licção, foi se queixar ao papai do Juquinha.

Enquanto isso, o terrivel diabrete, prevendo as consequencias de sua pilheria, arranjou um prégo

e depois de convenientemente preparado

esperou paciente o correctivo paterno.

O papai do Juquinha é severo e com toda a sua força assentou-lhe um valente palmada...

Mas sahiu-se mal porque espetou-se no prégo agudissimo, que Juquinha collocára no fundo das calças.

ANNO 2 — Rio de Janeiro, 19 de Fevereiro de 1913 — N.12

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

Numero Atrazado 400 réis

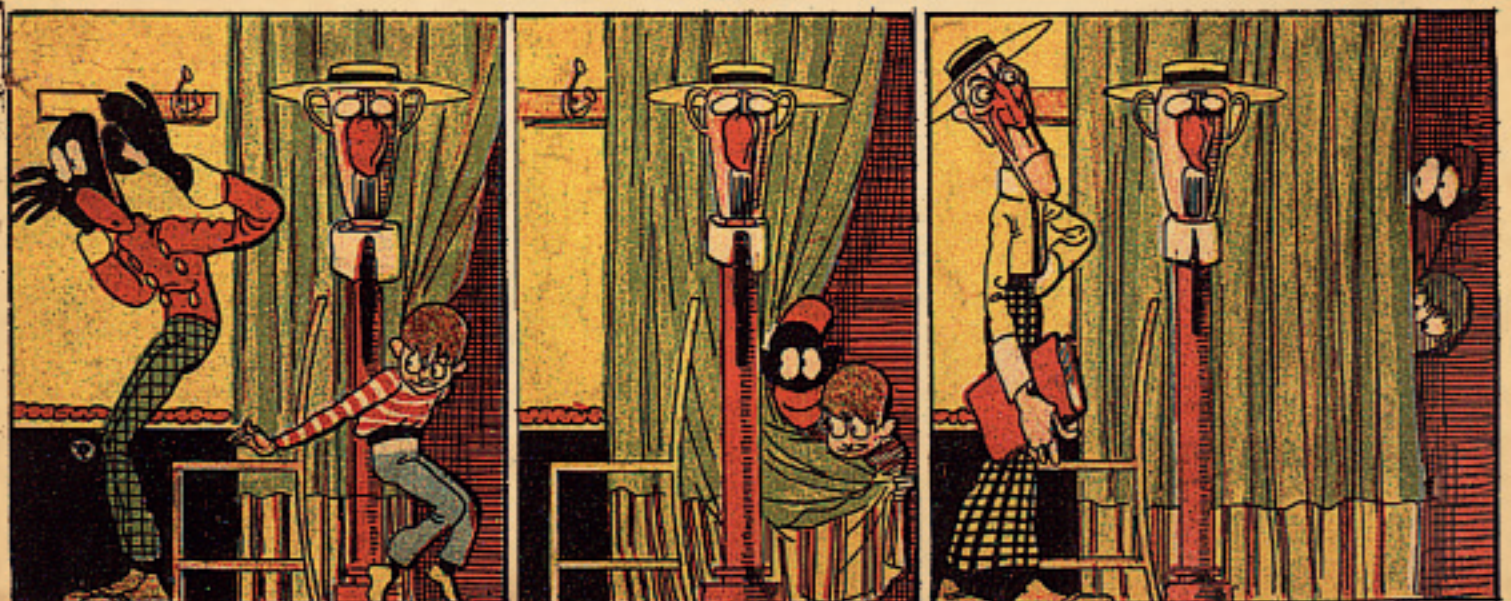
PREÇO 200 RÉIS

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da *CASA BROMBERG & C.*

JUQUINHA E SUAS PROEZAS — Uma Caricatura

Juquinha deu algumas ordens ao Giby e pouco depois...

...voltava o moleque trazendo um pincenez, um pimentão, um collarinho e o garfo da salada.

A um canto havia uma jarra Juquinha sobre ella collocou um chapéu.

e com os objectos trazidos pelo Giby acabou de compor uma caricatura.

Terminado o serviço os dois se esconderam.

Dez minutos depois *Miss Schocking* appareceu... calculem a indignação da ingleza ao ver aquella figura ridicula.

ANNO 2 Rio de Janeiro, 26 de Fevereiro de 1913 N.13

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

Numero Atrazado 400 réis PREÇO 200 RÉIS

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

UMA GRANDE CORRIDA

De accordo com a opinião da Giby, Juquinha lançou as bases de uma grande corrida...

...partindo os dois com firmes tenções de apanhar todos os gatos, que lhes passassem ao alcance.

E assim foi.
Depois de caminharem alguns passos, Giby surprehendeu um mimoso gato do visinho e, sem mais aquella, deitou-lhe a mão.

Logo apoz foi descoberto um segundo gato e apezar de bastante arisco

Não conseguiu escapar e veiu tambem para o sacco.

(Continúa.)

ANNO 2 — Rio de Janeiro, 5 de Março de 1913 — N. 14

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

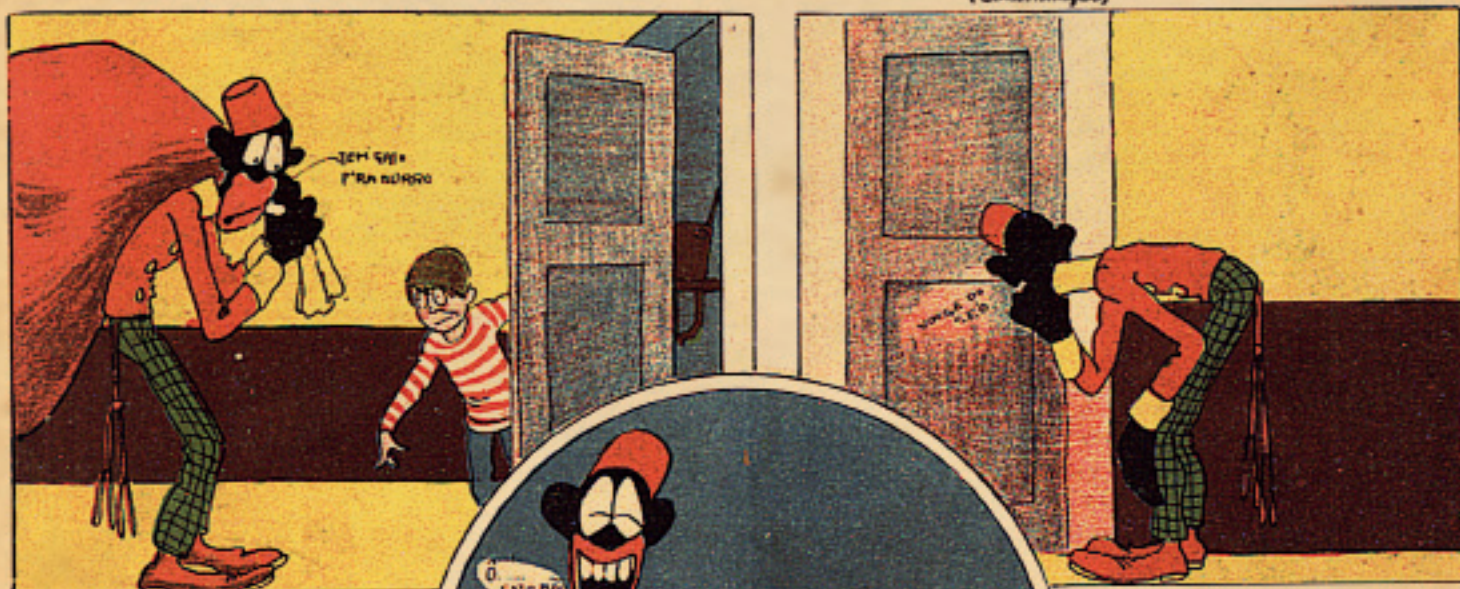
REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

Numero Atrasado 400 réis — PREÇO 200 RÉIS

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

Uma grande corrida

(Continuação)

Acabára o grande serviço!
Giby, curvado ao peso do sacco, trouxera uma bella quantidade de gatos.

Juquinha então encerrou-se dentro de um quarto juntamente com toda a gataria, enquanto

Giby, no fundo do quintal, collocava uma estaca limitando o fim da futura corrida.

Passada talvez uma meia hora, Juquinha sahiu triumphante do seu esconderijo e deu ordem á gataria para desfilar devagar.

(Continúa)

ANNO 2 Rio de Janeiro, 12 de Março de 1913 N. 15

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

Numero Atrasado 400 réis

PREÇO 200 RÉIS

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

Uma grande corrida

(Continuação)

Juquinha pintará em cada gato o nome de um automovel. Cada gato representava uma marca afamada. O trauquinas fez então formar toda gataria e com uma bandeira vermelha deu o signal de sahida.

Foi um charivari de massada! . Todos os gatos deitaram a correr como verdadeiros automoveis e embarafustaram por uma janella.

ANNO 2 — Rio de Janeiro, 19 de Março de 1913 — N. 16

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES
E
PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

Numero Atrasado 400 réis — PREÇO 200 RÉIS

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

Juquinha e suas proezas
Uma grande corrida
(Continuação)

E foi assim o fim da grande corrida de automoveis. A gataria, furiosa, embarafustou pelo quarto de Miss Schocking que é excessivamente superstíciosa e desde esse dia não come e não dorme, scismando numa fatal desgraça, que lhe ha succeder.

FIM

ANNO I Rio de Janeiro, 26 de Março de 1913 N. 17

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

Numero Atrasado 400 réis PREÇO 200 RÉIS

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

Alleluia!

KEROZENE

Os Judas do Juquinha e do Giby

ANNO II | Rio de Janeiro, 2 de Abril de 1913 | N.18

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da *CASA BROMBERG & C.*

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

Numero Atrazado 400 réis | PREÇO 200 RÉIS

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

Miss Schocking, impressionadissima, só pensa em coisas fantasticas e vive a sonhar com gatos.

ANNO II | Rio de Janeiro, 9 de Abril de 1913 | N.19

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

O JUQUINHA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

O CARABOO - representado pelo pessoal do "Juquinha"

[illegible] — O Principe, Dr. Sabetudo — Caraboo, Miss Shoking — Juquinha, Chiquinho, Jagunço e Gibi são a tribu selvagem

[illegible] do nome
[illegible] angelica
[illegible] um guerreiro
[illegible] a uma princeza
[illegible] namorado
[illegible] apaixonado
[illegible] bocca negra e sem fim
[illegible] assim:

Estribilho

Oh! minha Caraboo!
[illegible] meu coração
[illegible] minha paixão, para mim só tu

Um dia foi pedir a mão,
Da sua bella [illegible],
Mas no caminho encontrou,
Uma tribu selvagem;
Ouve-se um grito forte,
Condemnando á morte,
E Caraboo, a pobre infeliz,
Chora emquanto elle diz.

Estribilho

Oh! minha Caraboo...

Até o porta do palacio,
O joven foi arrastado,
E alli cortaram a cabeça,
Ao pobre namorado...
Mas n'essa mesma occasião,
Um milagre viu-se então;
Que a cabeça emquanto rolava
Baixinho 'inda murmurando:

Estribilho

ANNO II · Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1913 · N. 21

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELLPRESSENFABRIK da CASA BROMBERG & C.

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

E

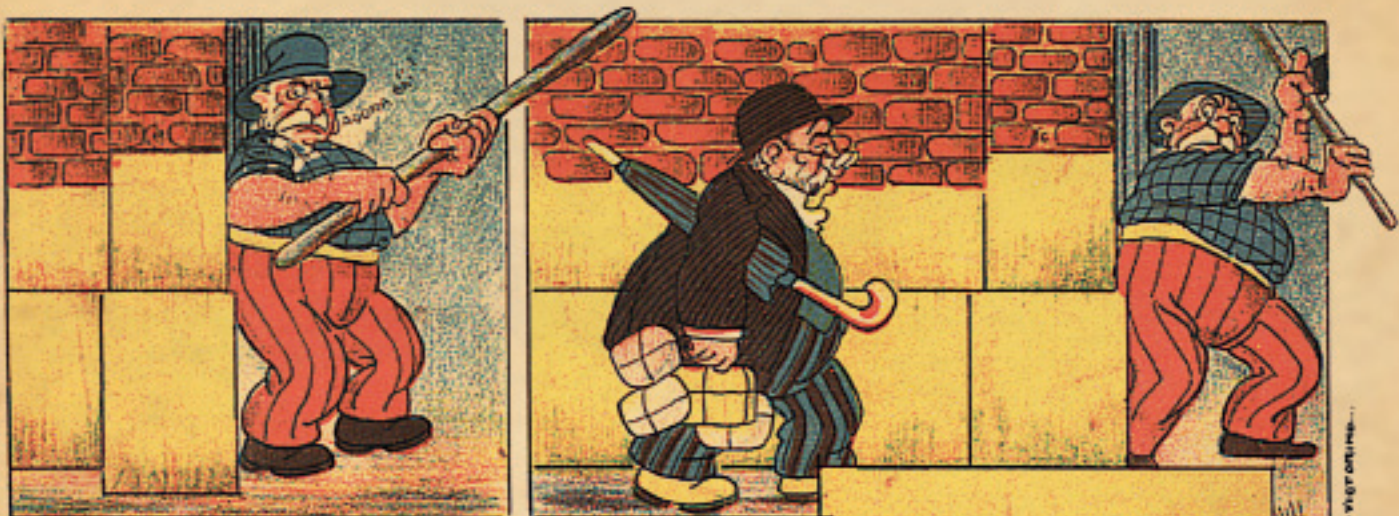
PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

Numero Atrazado 400 réis

REDACÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

"SEU" VICTORINO

1) *Por fim "seu" Victorino indignado com tanta provocação resolveu dar uma lição aos garotos, que o aborreciam. Armou-se com um páu e ficou á espera. D'ahi a pouco ouviu passos... ergueu o cacête... Entretanto quem se approximava era o commendador Praxedes, voltando da cidade.*

2) *"Seu" Victorino, porém, nem olhou, foi logo atirando á paulada e "xingando" o pobre commendador, que ficou com a cabeça em petição de miseria.*

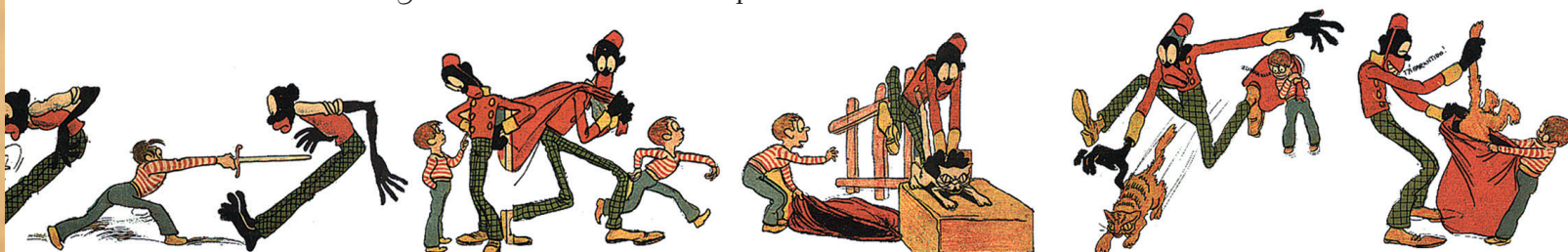
CONCLUSÃO

Juquinha e Giby, o branco e o negro, são os primeiros heróis dos quadrinhos infantis do século XX.

Eles são também as duas primeiras criaturas de J. Carlos.

Os dois ficaram para sempre no folclore brasileiro, embora o imaginário do século XXI pouco ou nada saiba da sua origem.

De qualquer maneira, encontrei na pesquisa *Balas Juquinha* bem mais recentes, com a figura padronizada do rosto de um menino louro no envólucro. Minha tese, de certa maneira, ainda está de pé. . .

O Juquinha que permanece até hoje é o das piadas do cotidiano. O garoto que costuma embaraçar a professora, pais e demais adultos com perguntas insistentes ou respostas inconvenientes, qualquer um pode encontrá-lo acessando a internet. O Giby também está presente, emprestando o nome como o genérico das revistas de quadrinhos no Brasil.

A caracterização do elenco como um todo, o conteúdo de época dos argumentos, a sofisticação do desenho, a qualidade e a exuberância das histórias aqui publicadas vão levar o leitor à conclusão óbvia: estávamos, Drummond e nós, todos enganados.

O Juquinha "pegou firme".

Pegou no *O Tico-Tico*, n'*O Juquinha*, nos leitores e no Brasil todo nas épocas em que foi publicado.

Ainda mais, ele deve ser considerado, não só o mais sofisticado herói infantil dos quadrinhos nativos produzido, até agora, mas capaz também de ombrear em alguns aspectos com o Little Nemo de Winston McKay.

Fontes e Bibliografia

1. Fontes Primárias.

1. 1 Periódicos

O Gato – 1912-1913

O Tico-Tico – 1905-1912

O Juquinha – 1912-1913

Almanaque d'O Juquinha – 1923

O *Malho* –Rio de Janeiro out 1905

Revista da Semana – pg. s/nº do exemplar 10/06/1939

2. Bibliografia

Almanque d'O Tico-Tico/ coordenador Instituto Antares. Rio de Janeiro: Edições Consultor, 2006

CIRNE, Moacy. *História e crítica dos quadrinhos brasileiros*. Rio de Janeiro: Edição Europa: Funarte.1990

HORAY, Pierre. *Buster Brown*. Paris: Pierre Horay, 1976

LIMA, Herman. *História da Caricatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

PASTOREAU, Michel. *O tecido do Diabo: uma história das riscas e tecidos listrados*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1993

ROSA, Zita de Paula. O *Tico Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*.Bragança Paulista,EDUSF, 2002.

SEMBACH, Klaus-Jürgen. *Art nouveau*. Köln: Taschen, 1996.

MASINI, Lara-Vinca. *Art nouveau*. London: PatrickHawkey & Company Ltd., 1984.

Vários colaboradores. *Almanaque d'O Tico-Tico.* Rio de Janeiro: Consulor, 2006.

Vergueiro, Valdomiro et Santos, Roberto Elísio dos. *O Tico-Tico.* Centenário da Primeira revista de quadrinhos do Brasil. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

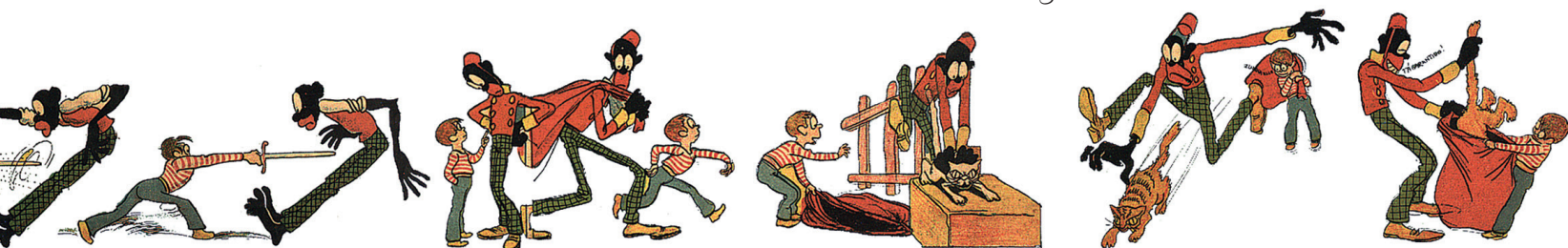
NOTA DESTA EDIÇÃO

A coleção da revista *O JUQUINHA*, fundada por Renato de Castro no Rio de Janeiro, existente na Biblioteca Nacional está incompleta. Falta o número 1 e as buscas para localizá-la redundaram infrutíferas dada a raridade desses exemplares.

Deduzimos que ela tenha apresentado na capa, datada de 5 de dezembro de 1912, a primeira parte da história inicial da série *Juquinha e suas proezas*, intitulada *O ovo misterioso*. É fácil entender que a história em quadrinhos começou quando o Juquinha, peralta como sempre, colocou uma bola no galinheiro, causando estranheza entre as aves que a confundiram com um ovo. Tudo ficou resolvido na continuação publicada no nº 2.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar a quem tiver ou souber da existência dessa capa tão importante para a historiografia dos nossos quadrinhos entrar em contato com o Conselho Editorial do Senado Federal, tendo em vista uma eventual reedição desta obra.

Grato pela atenção.

O Conselho Editorial email: cedit@senado.gov.br

Juquinha — *Miss* Shocking — Giby

Este álbum apresenta a reunião antológica e inédita das primeiras experiências gráficas de J. Carlos (1884-1950) nas revistas *O Malho* e *O Tico-Tico*.

Juquinha, o garoto branco, filho da burguesia carioca, foi apresentado n'*O Tico-Tico*, em 14/2/1906, superando Chiquinho, cópia do conhecido personagem americano Buster Brown, na preferência dos leitores da revista. Giby, menino negro, apareceu em 16/10/1907 para ajudar e muitas vezes sofrer as brincadeiras de Juquinha.

As histórias do Juquinha dominaram as capas d'*O Tico-Tico* de maio de 1906 até o fim de 1907, quando J. Carlos deixou de trabalhar na revista. Tanto foi o sucesso da dupla Juquinha e Giby que eles reapareceram em 1911 n'*O Juquinha* – revista em que J. Carlos apresentou sua terceira criação, *Miss* Shocking, senhora inglesa contratada como professora do menino.